

11.
BERNARDO SANTARENO (* 1920 / + 1980)
(António Martins do Rosário)

ANTÓNIO MARINHEIRO

(O ÉDIPO DE ALFAMA)

PEÇA EM TRÊS ACTOS

(2.ª Edição)

16-
321
EDIÇÕES ÁTICA
LISBOA

1970

PERSONAGENS

ANTÓNIO MARINHEIRO	20 anos
AMÁLIA	36 »
BERNARDA	60 »
ROSA	27 »
RUI	28 »
A LOUCA	50 »
ANINHAS	8 »
ADOLFO	30 »

1.ª MULHER
2.ª MULHER
3.ª MULHER
4.ª MULHER
1.º HOMEM
2.º HOMEM
3.º HOMEM

MULHERES E HOMENS DE ALFAMA

LISBOA, ALFAMA

ACTUALIDADE

ANTONIO MARINHEIRO

CENA I

BERNARDA *(Levanta-se, sempre calada, e vai buscar uma qualquer peça do vestido em que trabalha: esta, como muitas outras, está pendurada num dispositivo feito com o nó aberto duma corda suspensa do tecto; não chega lá.)* Pronto! é escusado avisar-te... Ó mulher, tu não sabes que eu não alcanço aquilo?!... Irra, isto é uma danação! Estou fartinha de te dizer: o que for pra eu coser, quero-o cá em baixo!...

AMALIA *(Levanta-se, sobe a uma cadeira e tira o pano, entregando-o a Bernarda.)* Tome lá: é isto?

BERNARDA *(Examinando a peça.)* Parece que sim... É, é esta! *(explodindo:)* Ó Amália, corta-me essa maldita corda!: Que diabo, já viste alguém usar uma geringonça dessas, pra pendurar a roupa?! Qualquer dia, caís daí abaixo e partes uma perna... Arranja um cesto, que raio! Sim, pra que serve isso?!...

AMALIA *(Metendo a cabeça pelo nó aberto da corda: ironia triste.)* Olhe, não vê? Pra me enforcar... *(Desce da cadeira e volta à tarefa anterior.)* Assim, a gente tem a certeza de que não desaparece nada: Lembre-se do que aconteceu, com a manga daquele vestido da senhora Ercília...

ANINHAS *(Na rua, a bater à janela.)* Senhora Bernarda!?!... Ó senhora Amália!?!?

BERNARDA *(Que vai abrir a janela: com enfado, a voz cansada.)* Diz lá menina...? que queres tu, Aninhas?...

ANINHAS *(Mostrando a cabeça, através da janela.)* A minha mãe manda dizer, se tem um bocadinho de açúcar que lhe empreste...?

1 . ° A C T O

AMALIA (*Sem levantar os olhos do trabalho.*) Dê-lhe, mãe...

BERNARDA (*Dirigindo-se, pesadamente, para a porta da rua.*) Açúcar, batatas, sal...: é tudo! (*A imitar Amália.*) Dê-lhe, mãe! Dê-lhe, mãe!... Ai, a casa é abonada, não haja dúvida! (*Abre a porta.*) Entra, menina!

CENA II

ANINHAS (*Que entrou: beijando Bernarda na face.*) Boa tarde, senhora Bernarda! (*A mostrar um púcaro de esmalte.*) É só uma pitadinha... prò café do meu irmão...

BERNARDA (*Tomando, com rudeza, o púcaro das mãos de Aninhas.*) Ai, descansa... está descansadinha que levas pouco! essa te garanto eu... (*Sai pela porta da esquerda, resmungosa.*)

CENA III

ANINHAS (*Para Amália.*) Está zangada, a senhora Bernarda?!

AMALIA (*Sorriso triste.*) Isso sim, Aninhas!: é modo dela...

ANINHAS (*Nos bicos dos pés.*) Quero dar-lhe um beijo, senhora Amália!...

AMALIA (*Ternura.*) Pois sim, filha... (*Volta-se para beijar Aninhas: de tal modo, que uma tigela com água quente, que servia para borrifar a roupa, cai sobre as mãos da menina; esta chora e grita aflitivamente. Horrorizada, a limpar as mãos da criança ao avental.*) Ai, Jesus! o que eu fiz!!... Meu Deus, meu Deus!... Dói?... dói-te muito, filha?...O que eu te fiz... o que eu te fiz!?... (*Beija as*

ANTÔNIO MARINHEIRO

mãos de Aninhas.) Mãe! Ó Mãe!?!... (Aparece Bernarda, à porta. A chorar:) Queimei-a, mãe!... Olhe, olhe p'r'aquí... Queimei-lhe as mãos!... Jesus, Jesus Senhor!... (Aninhas continua a gemer.)

CENA IV

BERNARDA *(Assustada.)* Deixa ver, Aninhas... deixa cá ver... *(Observa as mãos da menina:)* Não... não é nada!: A água já não estava muito quente... Ora, isto passa num ar!... vais ver, vais ver... Espera, espera aí um instante: vou buscar azeite... *(sai pela porta da esquerda, voltando logo a seguir com a garrafa do unto.)*

AMALIA Depressa, mãe!: antes que isto empole... *(Bernarda besunta as mãos de Aninhas com o azeite.)* Pobre criança!... Veja a minha cabeça, mãe: não sei como fiz isto!... *(Muito nervosa, a bater com as mãos na cabeça:)* Estou doida... doida varrida; só faço mal... só mal!! *(Solução descontrolada.)*

BERNARDA Pronto, Aninhas... E agora? Já não te dói tanto, pois não?... Espera aí... *(Vai buscar dois lenços, com os quais liga as mãos da criança.)* Ó Amália, cala-te, mulher: isto não é nada!?!...

CENA V

ROSA *(Entra aflita, empurrando a porta da rua: Corre para Aninhas, abraçando-a.)* Ai, Jesus! Ai, a minha filhinha!... Que foi isto?!... Vamos prò hospital, vamos já!... Mostra, filha: quero ver, quero ver! *(Agressiva:)* Quem foi? Quem foi?!...

1.º A C T O

BERNARDA (*Severa.*) Não é nada, Rosa. Não grites! Daqui a pouco, junta-se gente à porta... Não grites, já te disse!! (*Para duas Mulheres que, na rua, espreitam através da porta aberta.*) Eh, criaturinhas! andando, andando... Ala, ala!... (*Fecha a porta, com estrondo.*) Coscuvilheiras!... (*Irada, para Rosa:*) Acaba com a choraminguice, cala-te!

ROSA Dói muito, Aninhas?... dói?...

ANINHAS (*Mimo.*) Dói...

ROSA (*Brutal.*) Que raio de gente esta!: Como diabo fizeram isto à criancinha?! Nunca eu a tivesse cá mandado...

BERNARDA Pronto, aí vem o coice! És pobre e mal agradecida, benza-te Deus...

AMÁLIA (*Torturada.*) Fui eu, Rosa... fui eu!: Não sei... ia a virar-me... foi sem querer... (*Numa explosão de choro:*) Leva a menina, Rosa! Leva-a daqui!! Estas minhas mãos estão amaldiçoadas: onde elas tocam, é isto que se vê... Sou eu, Rosa! Sou eu, sou eu!...

BERNARDA (*Censura.*) Ó Amália, tu sempre...

AMÁLIA É verdade, é verdade!: Tudo aquilo em que toco, se estraga... Não deixes vir aqui a menina, Rosa, digo-te eu! Não deixes...

BERNARDA (*Autoridade.*) Sossega, Amália! Toma tento nessa cabeça...

AMÁLIA Eu ando a cumprir um fadário, mãe: isto é castigo, é castigo! As minhas mãos não merecem tocar numa crian-

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

cinha... Deus não se esquece, não... nunca se esquece!
(*Ansiosa, terna e assustada.*) Guarda bem os teus filhinhos, Rosa! não os largues, não os percas de vista...

ROSA (*Admirada, Aninhas já não chora.*) Ó Amália, mas...? Pronto, não te aflijas, mulher!... Já não te dói pois não, Aninhas?... Isto não há-de ser nada...

BERNARDA (*Dando o púcaro a Rosa.*) Pega, leva o açúcar.

ROSA Obrigadinha, senhora Bernarda!

BERNARDA É pouco: tem paciência. Mas isto, agora, mudou de figura: Nesta casa, já não há ganho de homem. (*Pausa breve.*) Estamos p'r'aqui duas mulheres... duas pobres mulheres, Rosa!... E, cá p'lo meu lado, já pouco faço... Ai, ai!... A vida, a vida... Dantes outro galo cantava! Ora, dantes...

AMALIA (*Retomando o trabalho: dor viva.*) Dantes, tinha o meu homem vivo.

ROSA (*A querer restituir o açúcar.*) Se faz falta, eu...

BERNARDA Leva, Rosa. Podes levar.

AMALIA (*Absorta, suspendendo a tarefa.*) Mataram-mo. Mataram-me o meu marido, Rosa...

ROSA (*Curiosidade.*) Acabou hoje o julgamento, não foi?...

AMALIA (*Desalento, encolhendo os ombros.*) Mataram-mo. Agora, p'r'aqui estou, sòzinha...

1.º A C T O

BERNARDA Julgamentos... tribunais... juizes: mentiras, Rosa! poucas vergonhas!! (*Ódio:*) Soltaram-no! absolveram o assassino!!! Vê lá tu, vê lá tu!...

ROSA (*Estupefacta.*) Não me diga, senhora Bernarda!!?

AMALIA Foi no peito, Rosa: cravou-lhe a faca mesmo no centro do coração... (*Horror:*) Varou-o, de lado a lado! (*Ódio:*) E anda à solta... aquele malvado, a estas horas, anda por aí livre: ri-se da gente, goza, come e bebe!... (*Mágoa infinita:*) Atravessou-o de lado a lado, Rosa!... Num segundo, acabou com ele num relâmpago: o tempo de a gente levantar os olhos pra Deus... não mais! (*Apontando para fora:*) Ali... ali, naquela maldita taberna!! A vida dum homem, é como a dum pássaro: um ai a leva!...

BERNARDA Absolvido, Rosa!!: Isto brada aos céus... Ai, mas Deus não dorme!...

AMALIA (*Com outro sentido, que não o de Bernarda. Dolorosamente.*) É verdade, minha mãe: Deus não dorme! Vê tudo, nunca se esquece...

ROSA Dizem que ele, o assassino, é muito novo... um rapazelho ainda!...

BERNARDA Qual, Rosa!!? É um homem feito: tem vinte anos! (*Com rancor:*) E uma alma mais negra do que este pano... (*mostra o tecido da saia.*)

ROSA Mas dizem que foi o seu genro, quem o feriu primeiro...?

BERNARDA (*Rancor, sempre.*) Dizem...

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

ROSA Que o outro viu-se obrigado a matar o teu homem, Amália, pra salvar a vida!?!... É o que dizem...

BERNARDA Foi; foi isso que todas as testemunhas disseram, hoje, naquele tribunal: E eles absolveram-no, está visto! (*Desdém desesperado:*) Ai, juízes, advogados...! (*Fúria:*) Mentiram! mentiram todos!!... O marido da minha Amália era um homem bom, um homem de paz, manso como o perdão de Deus... Mentiram!! (*Mágoa agressiva:*) Então tu já não te lembras do meu genro, Rosa?!...

ROSA (*A medo.*) Parece que estava bêbado, senhora Bernarda...?

AMALIA (*Cansaço extremo.*) Mataram-mo. Mataram-mo, Rosa! O resto... Há três meses, que eu não o tenho!... Quero lá saber desses falatórios! Isso não me importa, Rosa... Só sei que o meu homem está morto... ai, mais morto que esta mesa! Ora, o resto...

ROSA (*Encorajada.*) O meu irmão Chico também estava ali na taberna, quando foi a desordem: Viu tudo! Foi o teu defunto marido que implicou com ele: chamou-lhe os piores nomes, provocou-o e, sem mais aquelas, puxou da navalha e deu-lhe um golpe no braço...! O outro, é claro, viu-se ferido; alagado em sangue, e... Olha, Amália, desgraças, desgraças que vêm ter com a gente! Tinha que ser, estava escrito...

BERNARDA Tivesse eu marido ou filho vivos e tu havias de ver, Rosa, se esse malvado pagava ou não! Assim... Ai, tribunais, justiça...! E depois, viram-no com aquela carinha de anjo... Ó Amália, tu reparaste bem nele, no correr do julgamento? Só queria que visses, Rosa!: Sério, triste, os olhos claros como água... olha, parecia um santinho de

Deu um lá - M. Amália

1.º A C T O

altar! (*Feroz:*) Enganou-os! intrujou-os a todos!! A estas horas, anda por aí a rir-se deles, da gente... Maldito! Assassino!!

ROSA Dizem que é muito bonito!?...

BERNARDA Bonito, aquele demónio?! (*Levantando as mãos ao alto:*) Jesus! isto brada aos céus!! (*Para Rosa, agressiva:*) Feio, medonho... mais feio que a peste, mais nojento que a can-cera negra!... Ai, bonito!?...

ROSA Pois olhe, senhora Bernarda, que não é essa a opinião das raparigas que o viram lá no tribunal: Uma estampa! um cravo de cheiro!... Credo, o que elas p'r'aí apregoam! Se eu te disser, Amália, que há quem tenha ido ao julga-mento, só prò ver!!...

BERNARDA Maldito seja ele, mais a cadela tinhosa que o pariu!!!

ROSA (*Para Bernarda.*) Isso, é a raiva que você lhe tem: não a deixa ver direito... Inda no domingo eu ouvi a Rosa Maria, lá em baixo na Ribeira... Jesus! o estendal que ela fez: até se juntou gente!: Que não, que o rapaz era bom, que bastava olhar prà cara dele pra se ver que estava inocente, que tinha os olhos mais lavadinhos que a pescaria do alto, que... eu sei lá, parecia tonta!

BERNARDA Grandessíssima cabra!! Eu... eu é que devia ouvir esse sermão!...

ROSA Que ele matou o seu genro em defesa, sem querer... que a um rapaz assim, entregaria sem medo as chaves da sua própria casa... (*Riso brejeiro:*) Ai, o que eu me fartei do rir!: Nesta altura, apareceu o marido, o Zé Martinho, que lhe deu uma destas estaladas no nariz!... Então é que

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

foi ouvi-la, senhora Bernarda! Com o sangue a correr p'los queixos, o que aquela alminha p'r'ali gritou!: Que o outro o assassino, era um sol; que valia mais um único dos seus cabelos, que o homem dela inteiro; que antes queria viver com ele uma hora, do que a vida toda com o marido... Pumba! ainda não tinha acabado de dizer isto, e já o Zé Martinho lhe arriara outra punhada, que a deitou ao chão!!... Pois julgas que ela se calou, Amália? Pôs-se a espernear como doida na calçada, e só dizia, com quantos bofes tinha: É lindo! Está inocente! É lindo, é lindo!!... Olha, uma vergonha. (*Pausa breve; curiosa, inquieta, sensual.*) Ele é realmente assim, tão bonito, Amália?...

AMÁLIA (*Dorida.*) Eu nunca o vi: Nunca fui capaz de olhar para ele.

ROSA Desgraças, Amália, desgraças!... Anda Aninhas! (*esta, durante as falas anteriores, esteve sempre num canto, entretida com um qualquer brinquedo.*) Vamos, vamos lá... Tenho o meu miúdo com anginas: queria ver se o pequeno bebia uma pinga de café. Por causa dele, não pude ir hoje trabalhar... (*Mudança rápida.*) Ó senhora Bernarda, afinal donde é o rapaz? Aqui, de Alfama, não consta que seja: p'lo menos, ninguém o conhece por cá. A família dele, é claro, foi ao julgamento?...

BERNARDA Ora! ninguém, nem viv'alma, lá pôs os pés: Aquilo é ortiga ruim, filho de galdéria e de vadio!... Dizem que tem andado sempre embarcado, ao Deus dar, p'las sete partidas do mundo... Assim sempre, desde pequeno.

ROSA Isso! foi isso que eu li no jornal. Chama-se — como é?... — Marinheiro... António Marinheiro...?! Se calhar, é alcunha... (*Mudança; dando o açúcar a Aninhas e empurrando-a para a rua.*) Vai, filha! Vai prà beira do menino,

1.º ACTO

que eu não me demoro nada... *(Sai Aninhas. À porta, a falar para fora:)* Não te tires dê ao pé dele!... *(Entra de novo, cerrando a porta.)*

CENA VI

BERNARDA *(Encolhendo os ombros.)* Sei lá... Ó Amália?! *(esta, absorta, não responde.)* Amália?!!

AMALIA Diga...

BERNARDA Tu reparaste no outro?...

AMALIA *(Fadiga.)* Qual outro, mãe?...

BERNARDA O da camisola azul, aquele do boné de marujo!?... Ó mulher, não o viste?! Pois olha que esse estava sempre lá caído: não faltou a uma audiência!... *(Amália encolhe os ombros.)* Parece que são os dois do mesmo navio. A conversa aqui da Rosa fez-me pensar: e se eles fossem irmãos?... Unh, não me cheira: não têm a mesma pinta... *(Ouve-se, na taberna, uma guitarra.)*

AMALIA *(Enervada.)* Pronto, mãe, acabou-se! Vai, Rosa, vai-te embora; olha o teu pequeno!... Não quero que me falem mais nesse homem... *(gesto de Bernarda:)* Não quero, já disse!... *(Indicando, com um sinal da cabeça, a taberna:)* É aqueles sempre naquilo: Maldita guitarra! malditos homens!... *(Desequilibrada, a chorar:)* Maldita taberna!!!

ROSA *(A escutar a guitarra: terna, alvoroçada.)* É capaz de ser o meu Adolfo: Toca tão bem, não toca?!... Ai, deixa-me lá ir... Obrigadinha pelo açúcar! *(À porta:)* É ele é...

ANTÓNIO MARINHEIRO

AMALIA Um raio! não vir um raio do céu que as queimasse a todas!: As tabernas são lugares de morte, Rosa. Tira o teu rapaz dali, vai buscá-lo, não o deixes lá ficar: se não um dia vêm dizer-te que... Ai, matam-to, fica sabendo!...

ROSA (*Embevecida a ouvir o fado que Adolfo toca na guitarra.*) Que bem que ele toca, Amália!...

AMALIA (*Transida, a tremer, levantando-se.*) Um dia, quando estiveres descansadinha da tua vida, no melhor do sono, quando mal o esperes, Rosa! entram-te pela casa dentro umas alvissareiras, mais negras que a noite, a gritar... Cada grito! ai, cada grito mais medonho!: «Corre! corre que o teu homem esgota-se em sangue!!»... E tu... depois... quando, com o coração desfeito em fezes, lá chegas... achas-te com um morto nos braços!!! Malditas tabernas! São lugares do demónio, Rosa!: (*Uns passos, torturada:*) Mudam um homem bom, um não te rales de mansidão, um fio de prumo de honradez — como era o meu! — num malvado, pior que as feras...

BERNARDA (*Lúgubre.*) É o vinho...

AMALIA (*Violenta.*) É o diabo, mãe!! (*Silêncio breve.*) A primeira vez que eu fui dar com o meu homem ali...

BERNARDA (*Nervosa, interrompendo.*) Estava bêbado...

AMALIA Sim, estava bêbado: Olhou pra mim cheio de raiva...

BERNARDA Lá vens tu com isso... Estou farta! Ele está morto: cala-te!!

AMALIA (*Violência gelada.*) Com raiva, mãe!: com os olhos encharcados em sangue, os dentes arreganhados, a babar-se

1.º ACTO

todo... (*Horror:*) Era um lobo, Rosa!!... E bateu-me... machou-me à doida, com quanta gana tinha, com... ai, com ódio!!! (*Silêncio transido:*) Não, não era ele... era outro... um estranho!... (*Silêncio.*) Depois disto, eu nunca mais pude ser a mesma mulher para ele: Percebi que... que uma parte do meu homem me tinha raiva!...

BERNARDA Era o vinho...

AMALIA (*Cansaço.*) Era a verdade. O vinho só trazia ao de cima este ódio arrecadado...

ROSA (*Que tem estado hesitante entre o prazer de ouvir a guitarra e a impressão causada pelas falas de Amália; com medo.*) Credo, Amália, quem te ouvir...!?

AMALIA (*Estranheza, mistério, despeito.*) Nunca o vi tão moço... nunca o ouvi rir com tanto gosto, como ali, naquela taberna, quando se juntava com os outros: parecia um rapaz, novo... novo!... Porquê?... porquê?! (*Ironia desalentada:*) O melhor e o pior do meu homem, não o conhecia eu... (*A indicar a taberna:*) Ali! ali é que ele se mostrava todo... (*Mais forte a guitarra; nervosa, a tapar os ouvidos com ambas as mãos:*) Quero sair de Alfama! hei-de ver-me livre desta rua, desta casa!!...

BERNARDA São homens, filha, são homens...

ROSA São assim, são todos o mesmo...

AMALIA A gente pensa que... mas não, Rosa!: as mulheres não bastam aos homens. Tenho a certeza! agora, tenho a certeza: eles querem outra coisa, que a gente não pode dar-lhes... que a gente não tem!?...

ANTÔNIO MARINHEIRO

ROSA (Quase brejeira.) Essa agora?!...

AMÁLIA (Força obsessiva.) É ali! na taberna, na companhia uns dos outros, que eles encontram isso!!!

ROSA (Estranheza, troça) Isso... o quê?!

AMÁLIA (Torturada, fixando profundamente os olhos de Rosa.) Não sei... Não sei...? (Crescente violência crispada:) Mas eu nunca tinha visto o meu tão novo, nunca o tinha ouvido rir assim, daquele jeito... O melhor do meu homem não era pra mim!... (Silêncio palpitante.) Nessa noite, percebi que esta casa era pra ele uma gaiola, uma prisão!...

BERNARDA Ora, todos os homens são iguais: tu estás a...

AMÁLIA Uma prisão, mãe!: Livre, à solta, só se sentia ali, na taberna, embrulhado com os outros. (Gesto de Bernarda.) É assim como eu digo, mãe! Pensei muito nisto... ai, fiz-me de pensar: É assim, é assim tal e qual! (Ironia angustiada:) Então você julga, mãe, que o meu homem era um bonzarrão, um manso de algodão em rama? Pois está muito enganadinho: era mais arisco que um cardo, mais fadista e arrigado que o Zé Marceneiro! Cuida que ele era triste? Não era, não senhora: alegre, vivo e estaladinho como um foguete!... (Riso nervoso, quase a chorar:) Triste, o meu marido?! Jesus, era um bandeira, aquele homem! mais mexido e saltador, que um pardal de trigo!... Triste?! (Dura, violenta, com lágrimas:) Isso, era ele aqui, em casa, com a gente!!! Havia de vê-lo além, na taberna...?!

no m'w me
A me'he

ROSA Ora, Amália! e tu a ralares-te com... Ó mulher, isso que tem?!...

AMÁLIA Tem! tem muito!!! Gostavas de descobrir um dia, que

1.º A C T O

toda a tua vida tinha sido um puro engano? um sonho, em que as pessoas, e as coisas que elas dizem, e o mal que nos fazem, e o gozo que dão à gente... tudo, tudo são sombras de nevoeiro, sopradelas de vento? Gostavas, Rosa?! Quando um dia percebesses, quando acordasses, tinhas na boca um gosto a azedo que nunca mais passa, e nos olhos uma coisa baça como aquele vidro quando chove (*aponta a janela.*)... acordavas abraçada, com todas as tuas ganas, a um homem mais falso que os bonecos que a gente vê nas fitas de cinema!... Gostavas, Rosa?! Não te deixes enganar, não vás nisso: Se queres conhecer o teu Adolfo, como ele é, o verdadeiro, espreita-o ali, mira-o bem quando ele está na paródia com os outros homens, acolá na taberna!... (*Desespero.*) O melhor, e o pior, daquele que foi meu marido, era desconhecido pra mim... (*Pausa.*) Porquê? por que razão, ele...?!

*man. do M
A mãe de*

BERNARDA Era um bom homem, o teu!

AMALIA (*Angústia.*) Não sei, mãe...

BERNARDA Trabalhador, sério, respeitado...

AMALIA (*Grito.*) Não sei, não sei!!

BERNARDA Sei eu!: O homem melhor que eu conheci, em toda a minha vida...

AMALIA Talvez, mãe... não sei!?: Eu vivi com ele um ror de anos e, hoje, não sou capaz de o recordar inteiro, todo! Que quer? Tenho-o na lembrança aos bocados: vêm-me à memória os olhos dele, ou as mãos, ou as falas que me dava... mas nunca todo, nem uma só vez completo!... (*Violência desesperada.*) Não consigo agarrá-lo, não sou capaz!?!

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

ROSA É o tempo, Amália: Estás a esquecer o teu defunto marido... Ai, o tempo tudo apaga!...

BERNARDA (*Lúgubre.*) Nem tudo, Rosa, nem tudo...

AMALIA (*Ansiosa.*) Nem tudo.

ROSA E depois, Amália, não te pareça mal, mas... enfim, tu és nova e ele, o teu homem, já não... pois, era muito mais velho, aí tens!

AMALIA Velho?! Só aqui em casa, Rosa, só aqui... Se tu o observasses além, com os outros homens!: nunca o vi rir daquela maneira... e os olhos? dois carvões em brasa!... Lembras-te do corvo que havia lá em baixo, na carvoaria? lembras-te, Rosa? Quando tinha as asas cortadas, metia nojo: andava por ali, aos pulos, as penas ruças a caírem de velhas... Recordas-te? Mas depois, quando as asas lhe cresciam e ele conseguia voar, Jesus! quem podia com tal pássaro? Preto, luzidio, alegre... Era assim o meu homem: ali, na taberna, com os mais, era diferente, era outro! era mais novo, mais... Raios o partam!!

*mas não ao
Amalie*

BERNARDA (*Repreensão.*) Amália!?

ROSA Morreu: deixa-lhe a alma em paz...

AMALIA Sim, mãe, lá cumpridor era ele! Cumpria todos os seus deveres de marido, não haja dúvida: todos, sem faltar a nenhum! É verdade, mãe, é verdade! Mas... cumpria por obrigação! sem gosto, como quem paga uma dívida... Sem gosto, mãe!! P'r'aqueles, p'r'os amigos, isso sim! corria ele a contento!!...

*mas não ao
Amalie*

I . ° A C T O

ROSA E daí, Amália?! Não é mal, não é mal nenhum: Deus me cegue, se eu queria o mulherengo dum homem que não me saísse de casa, sempre agarrado às minhas saias!... Ora, o quê?! Um homem que se preze tem que ter os seus amigos, tem que beber a sua pinga, tem que... eu sei lá! tem que ser homem!! (*Mudança; compadecida.*) A morte do teu, deu-te volta ao miolo, Amália: sempre dizes cada tonteira!...

AMALIA (*Arrepio.*) Aqui, deitadinha na minha cama, sem mexer um pé, eu sei quando eles puxam das navalhas: nem que visse, nem que visse! Sei, Rosa, sinto: o ar fica frio de gelo, mesmo no tempo quente, mesmo no pico do verão... E nas suas vozes há qualquer coisa, uma... não sei o quê, Rosa?... uma coisa rouca, como... quando eles cobrem a gente, na cama!... É assim, é assim, juro! (*Silêncio ardente.*) Quando os homens brigam uns com os outros, quando eles se matam... não é bem por mal-querer, por ódio: é... não sei... é outra coisa!...

ROSA (*Encolhendo os ombros.*) Não te entendo, mulher! não percebo nada disso: Tu, daqui a pouco, estás mas é tolinha de todo... Não te rales mais, não te moas assim, Amália!... Ai, deixa-me ir embora, que o meu Adolfo, se calhar, já está em casa... Jesus, ele é que devia ouvir-te!...

BERNARDA (*Sorna e ruim.*) Quando é que vocês se casam, Rosa?...

ROSA (*Reviravolta brusca: picada.*) E vossemecê que tem com isso?!...

BERNARDA Nada. Eu?! Nada, mulher. Credo, não te abespinhes assim! Eu?!: Quero lá saber, Rosa! Perguntei, por perguntar... Ora esta?!!

ANTÓNIO MARINHEIRO

ROSA Casa comigo, sim senhora! casa, fique sabendo! Pode dizê-lo a quem lhe apetecer: Casa, pois então!! E mais depressa do que vocês julgam... Adeuzinho! (*Sai: saracoteada, fadista.*)

CENA VII

BERNARDA (*Enquanto vai fechar a porta.*) Pois então não casa?! Espera por essa!... Também me saíste uma boa desavergonhada: cada filho, cada pai!... Hei-de correr com ela daqui pra fora: sempre, sempre esta pedinchice!... Ora, trabalhe!: é o mesmo que a gente faz... (*outra vez, a guitarra.*)

AMÁLIA (*Batendo com o ferro de engomar, nervosa.*) Não posso ouvir aquilo, não posso! Ai, maldita taberna!... Você, amanhã, há-de ir procurar casa, ouviu? Longe daqui, quanto mais longe melhor: em Benfica, ou em Alгés...!

BERNARDA (*Acendendo o candeeiro de petróleo.*) A renda desta casa é barata. E depois tu, neste bairro, tens já freguesia certa: e isso não há dinheiro que o pague! Então que julgas? Hoje em dia, trabalham em Lisboa mais costureiras do que lixo!... Ná, minha filha, daqui não saímos. Sempre vivi em Alfama, já o meu pai e a minha mãe, que Deus haja, aqui habitaram... Não, Amália, deixa-te de ideias tontas! (*Mais audível a guitarra, na taberna: movimento crispado de Amália.*) E estás tu assim, cheia de flato, por causa daquele fadório de ceguinhos, daquele rufia de dois patacos!?... Ó mulher, lá por causa disso, cerra-se a janela e pronto!... (*Dirige-se para a janela.*) Ai, a minha perna!: tenho aqui a dor fincada, a morder-me que nem um cão danado... Maldito reumatismo! Não há meio de achar aquela receita que... (*pára espantada, a tremer, a mão no*

1 . ° A C T O

fecho da janela, os olhos fixos na rua:) Ai, Jesus! Olha, olha ali... Credo, Virgem Santíssima!...

AMALIA *(Que suspende o trabalho.)* Que foi, mãe?!...

BERNARDA *(Afogueada.)* Olha... anda cá, Amália!... Olha, olha ali... à porta da taberna... Ah, malvado!!

AMALIA *(A espreitar.)* O quê?! Quem é, mãe?...

BERNARDA *(Rouca, a gritar.)* É ele, Amália! é ele, é ele!!!

AMALIA *(Angústia.)* Ele?!... Qual, mãe? qual?...

BERNARDA Então não vês?: O mais novo, o mais novo! Assassino, ladrão!! O outro é o tal, o amigo... *(A chorar:)* É de propósito! é de propósito, Amália!: Vêm fazer pouco da gente, filha!...

AMALIA *(Em movimento frenético, fecha a janela: fica voltada para a plateia, com as mãos atrás, empurrando os batentes.)* Tenho medo, mãe!...

BERNARDA *(Ira desencadeada.)* Não ter eu um filho... ai, não haver aqui um homem!... *(A guitarra deixa de se ouvir.)*

AMALIA Escute... o Adolfo já não toca... Jesus, tenho muito medo!!...

BERNARDA E eu muita raiva! A minha vontade era... Canalha, assassino!! Vir p'r'aqui provocar... Medo de quê, Amália?! Medo, medo... Tira-te daí, mulher!... *(Amália afasta-se da janela; Bernarda espreita para fora:)* Estás a ver, estás a ver? Não tira os olhos daqui...

ANTONIO MARINHEIRO

AMALIA *(Contemplando António: sentimento complexo de medo, surpresa ansiosa e simpatia obscura.)* Mas ele é... É tão novo, mãe!...

BERNARDA *(Sempre a vigiar.)* Está de conversa fiada com o Adolfo... Eu lhe digo!: Temos que correr com a Rosa daqui pra fora, estás a ouvir?! Vá pedir pràs quintas do inferno!... Olha, olha p'r'aquilo!? Palmadinhas nas costas...: E o Adolfo todo se derrete! Grande intrujão, vadio!: E dizia-se amigo do teu homem, ahn!?! Vem cá outra vez na pedincha, rica Rosinha que vais aviada!... Estás a ver? O assassino a apontar p'r'aqui!?! Ai, que grande...

AMALIA Não sabia que ele era assim, tão novo!?!... Ainda não o tinha visto bem... Elas têm razão: é muito bonito!...

BERNARDA *(Num uivo.)* Bonito, aquilo?!...

AMALIA Que querem eles?! Jesus, Deus nos acuda!...

BERNARDA *(A espreitar.)* Quem com ferro mata, com ferro morre. *(Para fora, com ódio, a voz surda:)* Hás-de morrer cedo, assassino!!

AMALIA *(Num grito instintivo, incontível, não consciente.)* Não!! Não diga isso, mãe...

BERNARDA *(Estupefacta, voltando-se para Amália.)* Não digo?! Então tu vês ali o matador do teu homem e... Não digo?! Que morra, cravadinho de feridas! roído pelos piolhos!!...

AMALIA *(Observando António.)* Mas ele é tão... é uma criança ainda, mãe!...

1.º A C T O

BERNARDA Uma criança que... que foi capaz de te matar o marido!

AMALIA (*Crispada logo, dura.*) É verdade, mãe, tem razão... Esse homem mete-me medo: Feche a porta à chave, mãe!!... (*Com estranheza, outra vez confusa, quase branda:*) Talvez não seja muito culpado, talvez não...
→ { O nosso José estava bêbado... (*gesto de Bernarda.*) estava bêbado, toda a gente o diz!... E foi ele o primeiro, o José é que o provocou... Já vê mãe, já vê que... (*num quase-grito de espanto alvoroçado, contemplando António:*) Mas este é uma criança!!...

BERNARDA (*Calcínada.*) Tem vinte anos. Uma criança?!? Mesmo certo, tu estás boa, Amália?! Correu mundo: é um vadio, está queimado de vícios, empedernido pelos crimes... Jesus, uma criança!!!

AMALIA Vinte anos, já!... Parece mais novo... muito mais novo!...

BERNARDA (*Lúgubre.*) Não lhe esmoreceram as forças, quando cravou a faca no peito do teu homem!...

AMALIA (*Terror; agressividade.*) Esteja calada, mãe!!... É verdade, tem razão... tem razão!... (*Corre à porta, dando volta à chave.*) Assassino! malvado!... Tenho medo dele, minha mãe!!... Tenho-lhe raiva... raiva!... (*Estranhamente enleada, volta para junto da janela; de novo a observar António: insegura, confusa, outra vez quebrada.*) Como é que ele foi capaz de...? Tem a certeza que o... o que matou o José é aquele rapaz, mãe?!... (*olha suplicante para Bernarda: esta, sempre rígida, encolhe os ombros.*) Diga: foi este? tem a certeza?!... (*Volta à contemplação de António:*) Não tira os olhos daqui... Que quer ele da gente?...

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

(quase terna:) Ó mãe, já reparou? já viu bem os olhos dele?: tão tristes! tão tristes!... (A medo, meio voltada para Bernarda:) Dizem que foi o José quem se atirou a ele, quem o feriu primeiro!?!...

BERNARDA (Abanando a cabeça, com desgosto.) Olha Amália, vai-te deitar: estás cansada. Anda, vai: eu levo-te um caldinho à cama... (Toma Amália pelo braço e retira-a da janela.)

AMÁLIA (Como sonâmbula.) Como é que... como é que ele foi capaz de matar o José?!... Ele é tão...! (Medo, crispada:) Porque veio aqui? porquê?!... Veio fazer-nos mal!!?

BERNARDA (Levando Amália para a porta da direita. Amargamente.) Veio gozar um bocado, veio rir-se...

AMÁLIA (Grito de instinto.) Não!!!

BERNARDA (Olhando compadecida para Amália; com estranheza.) Ó Amália, mesmo certo tu...?! Pronto, vai, vai-te deitar!

AMÁLIA (Que pára junto da porta; uns segundos de silêncio; depois sem se voltar para Bernarda.) Ele já... já se foi embora, mãe?... Veja... ande, espreite!...

BERNARDA (Imóvel.) Fosse que não fosse.

AMÁLIA (A pedir.) Veja... (uns passos para Bernarda.)

BERNARDA (Ríspida.) Os meus olhos têm nojo desse bandido: já o vomitam, já o vomitam! (Indo à janela e abrindo as portas de madeira, de par em par:) Aqui tens!: Se gostas, mira-o, fala-lhe, chama-o... agradece-lhe, Amália, agradece-lhe!...

1.º A C T O

- AMALIA** (*Tapando a cara com as mãos.*) Olhe que ele pode reconhecer-me!...
- BERNARDA** E atirar-te uma gargalhada à cara?!
- AMALIA** (*Violenta.*) Matava-o!!
- BERNARDA** (*Depois de ter cerrado a janela estrondosamente.*) Cão! Cão danado! Pois tu não vês que... (*Abraça Amália, a chorar.*) Veio fazer pouco da gente, Amália! Veio aqui espezinhar-nos, sujar-nos em cima... Duas mulheres, duas pobres mulheres... Ai, filha, que sorte a nossa, que sorte!...
- AMALIA** (*Triste, humilde.*) Não é a sorte, mãe.
- BERNARDA** (*Sempre a chorar.*) Duas infelizes, duas desgraçadas, é o que a gente somos!...
- AMALIA** É castigo, mãe.
- BERNARDA** (*Afastando-se de Amália, bruscamente.*) Castigo?!
- AMALIA** (*Dentro da fatalidade.*) Deus não dorme: Todo o mal se paga.
- BERNARDA** (*Torturada.*) Já sei, já sei isso tudo, de cor e salteado! Mas, cala-te! Não fales sempre nessa história... Calate, mulher!...
- AMALIA** É o mesmo: tanto faz falar, como não. É o mesmo, mãe! Deus viu, Deus sabe... Ele ouve as vozes que a gente esconde nos nossos corações. Ouve, sim senhora!
- BERNARDA** (*Em desafio.*) E daí?! Que querias tu que eu tivesse

ANTÓNIO MARINHEIRO

feito?... Ainda por cima... É assim, é deste jeito que tu me pagas, Amália?! (*Uns passos.*) Quem te ouvir falar... Isto, só visto! Vejam lá, ainda por cima...! (*Estaca. Silêncio. Fixando Amália.*) Se alguém, nesse tempo, fez mal... olha que não fui eu!!

AMÁLIA (*Reacção viva, hostil; depois, calma desesperada.*) Fomos ambas, mãe.

BERNARDA (*Violenta.*) Foste tu!!! (*Caindo em si.*) Deixa... deixa agora isso: já lá vão tantos anos, já passou tanto tempo, filha! Para que hás-de estar sempre a...

AMÁLIA (*Encolhida.*) Todo o mal se paga, mãe. Agora para aqui estamos as duas, sòzinhas... (*As mãos no ventre.*) E eu seca... mais sequinha do que um cardo!... (*Batem à porta.*)

BERNARDA (*Com medo.*) Credo! Quem será?...

AMÁLIA (*Inquieta, ansiosa.*) É ele... é ele!?!...

BERNARDA O quê?!? Era o que faltava... Esse bandido...! (*Feroz, a gritar.*) Quem é?

AMÁLIA (*A tremer.*) É ele...

BERNARDA (*Indo até junto da porta.*) Quem é? quem está aí?!...

ANTÓNIO MARINHEIRO (*De fora.*) Eu... António Marinheiro!...

BERNARDA (*Cega de fúria.*) Ah, grande...! (*Abre brutalmente o postigo.*) Some-te! some-te desta casa, assassino!! Vens ver a tua obra, não é? Fora! fora já!! Tem o arrojo de vir aqui, para... Espera! Espera aí que eu te digo!: Cuida-

1 . ° A C T O

vas então tu que, por sermos só duas mulheres, podias...
(Aos gritos, abrindo a janela de par em par:) Acudam!
Ó da guarda! Acudam!!... (Aparecem alguns Homens, na
porta da taberna; tumulto.) Agarrrem este homem! agar-
rem-no!!... Foi ele que matou o meu genro, foi ele!
Acudam! acudam, por amor de Deus!! Este malvado veio
fazer mal, à gente também! Mata-nos! ele mata-nos!!...
(Gritos na rua: Homens e Mulheres passam a correr.)

AMALIA (Que, desde o começo desta fala de Bernarda, está
diante do postigo aberto, ansiosa, percorrida por forças
estranhas, sem poder despegar os olhos do rosto de Antó-
nio Marinheiro, que, livido e imóvel, lhe corresponde com
igual intensidade. Sobressaltada, como que acordando: tu-
multo mais vivo, na rua.) Cale-se, mãe! Feche essa ja-
nela!... Cale-se, cale-se!... (Hesita uns segundos; depois,
num ímpeto, abre a porta. Para António:) Entre!

CENA VIII

(António entra: camisola, boné de marinheiro. Amá-
lia cerra logo a porta.)

BERNARDA (Descendo ao centro: espanto, fúria.) Tu estás doida,
Amália?! Jesus, Jesus!! Este... este homem aqui den-
tro?!... (Vai para gritar de novo.)

AMALIA (Enérgica, puxando Bernarda.) Esteja quieta, mãe!
Você quer escândalo? Cale-se p'r'aí, por amor de Deus!...
(Bernarda, estupefacta, fica-se a olhar António com ran-
cor e medo. Amália vai à janela e fala para o povo:) Não
é nada! Não é nada, digo-lhes eu!! Ninguém quer fazer
mal à gente... Este homem, veio cá pra falar comigo: é
só isto! Não façam caso da minha mãe: anda com os ner-

ANTÓNIO MARINHEIRO

vos... (*Riso forçado, a falar para dentro:*) Está a ver? está a ver, mãe?! É o que você arranja com as suas maluqueiras... (*Para fora:*) Podem ir... vão-se embora! Não façam caso, não façam caso da minha velha: ela não anda boa... (*gargalhada nervosa:*) Jesus, quem nos veio fazer mal?! Com licença... (*Cerra a janela. Volta-se lentamente, trémula, para António. Silêncio ardente: contemplam-se os três com violência instintiva.*) Que quer daqui?!...

- ANTÓNIO (*Humilde, baixando a cabeça; tímido.*) Queria... vinha vê-la...
- BERNARDA Rua, assassino!!
- AMALIA (*Esquisitamente impressionada; sem conseguir a agressividade procurada.*) A mim?!...
- ANTONIO Queria...
- BERNARDA Ver o que fez da gente, não é?...
- ANTÓNIO (*Sincero.*) Vinha pedir-lhes perdão.
- AMALIA (*Dor cortante; tristeza.*) Vá-se embora...
- BERNARDA (*Rodeando António, feroz.*) Está contente com a sua obra? Ainda acha pouco?... Ai, não ter eu um filho! não haver aqui um braço de homem!: Se assim fosse, não vi-nhas tu cá, bandido! Estás satisfeito, agora?: Esta casa cheira a miséria, cem léguas em redor!!...
- AMALIA (*Ferida, reprovando.*) Mãe!?!...
- BERNARDA (*A chorar, ódio.*) Dá tempo ao tempo, assassino! e talvez ainda te venhas a rir mais: Pode ser... pode ser que

1.º A C T O

→ um dia dê com a gente aqui, mortinhas de fome e roídas pelos bichos! Era o que tu gostavas, não era?... (*Fúria:*) Rua! Rua, desta casa pra fora!! Ai, que eu antes quero arrancar os olhos do que ver mais tempo, diante de mim, o teu focinho malvado... Rua! Rua, já disse!!...

AMÁLIA (*Reacção nervosa, de protesto.*) Mãe, cale-se! (*Olha profundamente António: angústia, tristeza, simpatia involuntária.*) Vá-se embora...

ANTÓNIO (*Sincero: desesperado, infantil.*) Aquilo foi... mais forte do que eu! Eu não queria matá-lo, juro-lhes!! Foi o sangue... (*aperta o braço esquerdo, com a mão direita.*) Não sei: quando vi o meu sangue... ceguei, fiquei doido!...

BERNARDA (*Terrível.*) Mas cego, soube achar-lhe o coração: a navalha não tremeu, não se arredou uma unha!...

ANTÓNIO (*Claridade.*) Eu nunca o tinha visto antes, nunca! Que mal lhe podia querer?! Aquela, foi a primeira vez que lhe falei... (*Sombras:*) Mas ele ofendeu-me, cuspiu-me, chamou-me... tudo, tudo o que há de pior! Depois, cortou-me... (*contraí-se assustado:*) nesse instante, não sei... perdi a cabeça!

BERNARDA Assassino!

AMÁLIA (*Desviando os olhos do rosto de António; expressão rígida.*) Matou-o.

ANTÓNIO (*Num grito desesperado.*) Eu não queria!!...

AMÁLIA (*Movimentos bruscos, reacção nervosa de choro, a gritar também.*) Matou-o! Matou-o!... Ai, vá-se embora! deixe-me, deixe-me!...

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

BERNARDA E soltaram-no, Amália!!? Este maldito fica sem castigo, sem... Mas há Deus, há Deus!: e Deus vingá-nos, assassino, podes ter a certeza!

ANTÓNIO *(Sentimento complexo de simpatia e culpa.)* Estou sempre a ouvir a voz dele: tenho-a aqui, nos meus ouvidos... Oíço a fala dele, como se... É verdade, isto!: Escuto as palavras dele, como se elas saíssem de dentro de mim... como se fosse eu próprio que as dissesse!... *(Silêncio confuso. Amália, irresistivelmente atraída, aproxima-se de António: desgrednhada, o rosto molhado de lágrimas, a tremer.)* Acredite, juro-lhe que não minto: a voz dele nunca me larga!?...

AMALIA *(Aproximando-se mais.)* Tu falas como... Pareces... pareces ele a falar!?... *(terror, a recuar.)* Escute, mãe, escute: é a voz do... é a voz do José!!...

BERNARDA *(Brutal.)* Doida! Mil vezes doida!!

ANTÓNIO Tenho aqui a voz dele... E, às vezes, quanto mais alta, quanto mais grita... mais cá no fundo eu sinto, no meu coração, uma coisa a arder, viva... uma coisa alegre...? sim, sim, alegre!!

BERNARDA *(A gritar.)* Isto não é homem, é uma fera!!!

ANTÓNIO *(Aflito, implorante, avança uns passos na direcção de Bernarda.)* Não... não diga isso! Eu não...

BERNARDA *(A correr para a porta.)* Não se chegue a mim, não me toque! Acudam!!... *(António deixa cair os braços: desalento.)*

AMALIA *(Quase doce.)* Deixe-o, mãe...

1.º A C T O

ANTÓNIO (*Ansioso, a olhar alternadamente para Bernarda e para Amália.*) Porque eu... quando o vi... ali, naquela taberna... quando o vi pela primeira vez... (*explosão desesperada:*) gostei dele, gostei logo dele!!!

BERNARDA Rua! Não posso, não o posso ouvir!!

ANTÓNIO Nunca vi cara de homem de que tanto tivesse gostado, assim, de repente... Quando entrei, ele cantava o fado: nunca ouvi cantar tão bem! Era novo... tão novo!...

AMÁLIA (*Desviando a cabeça: crispada, quase agressiva.*) Era, era novo... Ali, mais os outros, ele ficava bonito, novo... muito novo! (*Dura:*) Mas eu sempre o conheci velho. X

BERNARDA Era bom...

AMÁLIA (*Raiva.*) Era velho!!

ANTÓNIO (*Doce.*) Como ele cantava bem!...

AMÁLIA (*Seca.*) Aqui, na nossa casa, ao pé de mim, nunca o ouvi cantar.

ANTÓNIO Gostei, gostei logo dele...

BERNARDA E matou-o!!?

ANTÓNIO (*Dor.*) Ele, não; ele embirrou logo comigo. Era raiva... aquilo era raiva!: Porquê?... (*Desesperado:*) Porquê?! Chamou-me ladrão, piolhoso, vadio... tudo coisas más, as mais reles. Era raiva, era ódio o que ele tinha por mim! E eu...

AMÁLIA (*Cansaço.*) Matou-o...

ANTONIO MARINHEIRO

- ANTONIO** Matei-o. (*Revolta:*) E não queria, eu não queria!! (*Silêncio macerado.*) Mata-se um homem num instante: não custa nada, nada desta vida! Não há coisa mais rápida... (*A gritar; dor, desespero:*) Porquê? porque razão ele tinha aquele ódio contra mim?!... Eu já nem o escutava... por fim, já não percebia as ofensas: matei-o porque... não podia aguentar mais aquele ódio! (*Assustado, arfante, fera perseguida.*)
- BERNARDA** (*Rugido feroz.*) Malvado! Hás-de pagar, malvado!
- AMALIA** (*Instinto solto, voz rasgada.*) Não diga isso! Cale-se, mãe!!
- ANTÓNIO** (*A suar de angústia, todo dobrado sobre si mesmo, a mão cravada no braço outrora ferido.*) Depois cortou-me... Quando vi o meu sangue... Ai, foi o sangue! foi o sangue... (*Mutação brusca: endireita o tronco, domina-se, frieza aparente na face.*) Vim cá trazer-lhes isto... Não tenho mais. (*Põe uma carteira em cima da mesa.*)
- BERNARDA** (*Abrindo com náusea a carteira, sem a tirar da mesa.*) Olhem, olhem pra isto!: É pra nos tapares a boca? pra comprares as pragas que eu te hei-de rogar, até ao último dia da minha vida ... Ou é mesmo uma... esmola?! (*Fúria:*) Vai-te daqui, assassino! Não quero! não quero!! Que me caíam de podres os dedos, se eu tocar nesse dinheiro!... Leva, leva isso daqui!!...
- AMALIA** (*Docemente.*) Leve...
- ANTÓNIO** (*Triste, humilde, tímido.*) Não querem? É por ser eu que... Aceitem! Eu roubei-lhes muito mais...
- AMALIA** (*Suave, sempre.*) O que me roubou, já ninguém mo pode dar. (*Entrega a carteira a António:*) Pegue!...

1 " A C T O

- ANTÓNIO** (*Recebendo, à custo, a carteira.*) Mas eu gostava que... Não querem?...
- AMÁLIA** (*Espécie de enlevo.*) É muito novo... é tão novo!...
- BERNARDA** É. Só com uma navalhada... matou-o!
- AMÁLIA** (*Sobressalto.*) É verdade...
- ANTÓNIO** Foi sem querer, eu não...
- BERNARDA** Não tem perdão, malvado!
- AMÁLIA** (*Serena, outra vez suave.*) Acredito. Eu acredito em si: sei que tem pena.
- ANTÓNIO** (*Suspenso dos olhos de Amália: êxtase.*) Se pudesse saber o bem que essas palavras me fazem!... Acredita, eu sinto que acredita em mim. Era o que eu queria, era o que eu queria!
- BERNARDA** (*Aproximando-se de António: ódio, sempre.*) Essa cara... essa carinha de anjo sem tripas! A mim, não me enganas tu: tens o coração, as entranhas, tudo dentro de ti... mais negros do que o carvão, mais fedorentos do que os esgotos! Essa cara... (*Ironia desesperada:*) Até tu, Amália! Também tu...
- AMÁLIA** (*Simpes.*) Até eu, mãe... (*Silêncio confuso, durante o qual contempla António.*)
- ANTÓNIO** (*Perturbação que não consegue dominar.*) Vou-me embora... (*rola o boné, entre as mãos.*)
- AMÁLIA** (*Idem.*) Embarca outra vez?...

ANTÓNIO MARINHEIRO

- ANTÓNIO Sim, se arranjar barco...
- AMALIA (*Ansiedade.*) Vai pra longe?...
- ANTÓNIO (*Confirmando, soturno.*) Pra longe.
- BERNARDA Que vá pràs quintas do inferno! pra onde não cause perda nem dano!... (*Espanto reprovativo:*) Mesmo certo, ô Amália!?!...
- AMALIA (*Sempre fixando António.*) E os seus... a sua família?
- ANTÓNIO (*Sorriso triste, encolhendo os ombros.*) Qual família?!...
- AMALIA Não tem ninguém?...
- ANTÓNIO Ninguém.
- AMÁLIA (*Indicando, com um movimento de cabeça, a taberna fronteira.*) E aquele? Não é seu irmão?!...
- ANTÓNIO Não. É meu amigo.
- AMALIA (*Ternura crescente, angústia nebulosa.*) Então morreu-lhe pai e mãe?... Era ainda pequeno, quando...?
- ANTÓNIO (*Cortando, sombrio.*) Não sei. Não sei nada disso. Bem, vou-me embora...
- AMALIA (*Explosão indomável de simpatia.*) É ainda tão novo... é uma criança, mãe!!!

1 . ° A C T O

BERNARDA (*Dura.*) Tu não regulas, mulher: agora é que eu acabo de crer! Isto, só visto... Ai, ai! Uma criança!: olha, dá-lhe rebugados... Não posso, não posso ouvir-te, Amália: até o estômago se me revolta!... (*Para António, com ódio, intensamente:*) Hás-de pagar, assassino!! (*Sai pela porta interior, da esquerda.*)

CENA IX

ANTÓNIO (*Indicando Bernarda.*) Tem-me raiva...

AMÁLIA (*Muito inquieta, procurando dominar-se.*) Admira-se?!...

ANTÓNIO (*Sombrio.*) Não.

AMÁLIA Já vê...

ANTÓNIO (*Rápido, suplicante.*) E você?... (*emendando logo:*) a senhora?...

AMÁLIA (*Suave, tristíssima, indicando com a cabeça o retrato do marido.*) Matou-mo.

ANTÓNIO (*Aproxima-se e observa, atentamente, o retrato: a tremer, ansioso.*) É... é ele!

AMÁLIA (*Crispada.*) Foi você... com essa mão... atravessou-lhe o peito!... (*Terror:*) O sangue dele correu, correu... ensopou tudo! (*Violenta:*) Já se esqueceu?!

ANTÓNIO (*Sempre diante do retrato, abismado.*) É ele... tal qual. (*Volta-se dolorosamente para Amália, os olhos rasos*

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

de lágrimas.) Durante estes três meses, depois que eu o... Lá na prisão, todos os dias, em cada hora! mesmo sem querer, eu pensava nesta casa: Pode acreditar que... é esquisito, mas... (*explosão:*) é verdade, é verdade!: eu não lhe tenho ódio... eu gosto dele!!

AMÁLIA (*Mágoa funda.*) Cale-se...

ANTÓNIO Gosto, gosto dele! (*Silêncio: as lágrimas correm-lhe pela face.*) Não sei porquê?... não sei... mas é verdade.

AMÁLIA Isso são os remorsos que...

ANTÓNIO (*Espécie de ferocidade infantil.*) Não! não, senhora!! Eu não sinto remorsos... nem pena, nem vergonha: Quando me lembro dele, e agora diante deste retrato, cu não sinto nada disso: é uma coisa boa o que eu sinto — não se zangue comigo! — uma coisa como... como quando o navio sai do porto e entra no mar alto! É, é uma coisa assim que eu sinto... A cidade, a terra abafa-me, entende? Só parece que respiro bem, à minha vontade, quando deixo de ver a costa, quando estou no meio do mar!: Quando me lembro dele, (*de novo a contemplar o retrato.*) é uma coisa assim que eu sinto...

AMÁLIA (*Apavorada.*) Vá-se embora, vá-se embora! Eu não o percebo... nem quero!! Vá-se embora ande!...

ANTÓNIO (*Uns passos na direcção de Amália: as mãos estendidas, implorantes.*) Disse que acreditava em mim...!?

AMÁLIA (*A recuar.*) Deixe-me, deixe-me!: eu olho pra si, pràs suas mãos... e só vejo sangue! Vá-se embora...

ANTÓNIO (*Pára: a mirar as próprias mãos.*) Sangue... o sangue

1.º A C T O

dele: é verdade!... Tem medo de mim, não é? meto-lhe medo?...

AMALIA Tenho, tenho medo de si!...

ANTÓNIO (*Estranho, místico, ainda a contemplar as mãos.*) O sangue dele!: sinto-o aqui, ainda o cheiro... (*Violência liberta:*) Quer saber? quer que eu lhe diga a verdade? A lembrança desse sangue não me faz medo, nem raiva, nem nojo... nada disso: (*Afagando, uma com a outra, as próprias mãos: espécie de sensualidade:*) Era como seda a correr, como veludo...

AMALIA (*Transida.*) É doido!?!... é um doido!!...

ANTÓNIO É o que diz o **Rui**: que estou doido! Talvez... (*Com fúria:*) Mas é verdade, é verdade!: Não sinto remorsos, não me faz mal a recordação desse sangue... As vezes, até me parece que... ai, fartei-me de pensar nisto, lá na prisão!... até me parece que não fui eu, mas Deus, ou o diabo, ou... sei lá! que manejou o meu braço; e só pra que eu sentisse o sangue dele nas minhas mãos! Que tinha que ser, que tinha que ser: que esta morte estava já escrita, mesmo antes de eu vir ao mundo!...

AMALIA (*Horrorizada, a gritar.*) Vá-se daqui! Cale-se, cale-se por amor de Deus! Mãe! oh, mãe!?!...

ANTÓNIO (*De súbito feroz, ameaçador, avançando para Amália.*) Não grite!!

AMALIA (*Grito de pavor.*) Mãe!! Venha cá, mãe!...

ANTÓNIO (*Convulsivamente, tapando os ouvidos com ambas as mãos.*) Não grite... não quero que grite!! Olhe que... (*le-*

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

vanta os punhos para Amália; mas logo os deixa cair inertes; afasta-se na direcção da porta; pára; silêncio arfante; sem se voltar para Amália, a voz quase serena:) Não sinto remorsos, por ter derramado esse sangue... não sinto! Talvez eu seja diferente das outras gentes: talvez eu seja ruim de nascença... Sou, sou com certeza! (*Mudança rápida:*) Pronto, vou-me embora! (*Aparece Bernarda, na porta da esquerda: sobressalto primeiro, depois espanto; imóvel.*) Fique descansada: Nunca mais me põe a vista em cima. (*Desespero mordido:*) Mas isto que eu lhe disse aqui, é verdade. (*Mais um passo para a porta; volta-se brusca-mente: grito profundo, de raiz:*) Diga-me! diga-me a quem havia eu de dizer estas palavras, senão a si!?

CENA X

AMALIA (*Outra vez fascinada; planta oscilando à aragem.*)
Nunca mais... nunca mais volta?...

ANTÓNIO Era pior que a fome, pior que a sede: eu tinha que vir falar-lhe! (*Desesperado:*) Pra quê?... pra quê?! Olhe, se calhar, estou mesmo doido. (*Riso mudo.*) Viu? reparou em mim, lá no tribunal?: Se me perguntar o que lá se fez, o que lá se disse... eu quase não sou capaz de lhe dizer, ao certo. Só a via a si, só a escutava a si!: não podia... mesmo que quisesse, não podia tirar os olhos da sua cara. (*Abre a porta; vai para sair.*)

AMALIA (*Grito instintivo, irracional.*) António!?

ANTÓNIO (*Reaparece: luz nos olhos, ansiedade, amor.*) Não tem medo...?

AMALIA (*Incontrolável: pura força do instinto.*) Não... não tenho medo de si...!

1.º ACTO

ANTÓNIO (*Uns passos para Amália.*) Acredita no que eu disse?...

AMÁLIA (*Um passo para António.*) Não sei, não sei...? Tão novo... é quase um menino! Acredito... sim, acredito...

(*Na porta da rua, que António deixou aberta, aparece Rui: a fumar; gingão e muito belo. Até final do acto, expressão crescente de náusea, de ironia ciumenta.*)

CENA XI

ANTÓNIO (*Êxtase.*) É tão bela, tão...!

BERNARDA (*Violência; sempre imóvel.*) Vadio!!

ANTÓNIO (*Ferido: reacção viva, nervosa.*) Vadio, sim! E ladrão. E sujo: sujo com todas as porcarias do mundo, fique sabendo! Toda a minha vida andei de navio pra navio, de porto pra porto... Nunca vi a minha mãe, nem o meu pai... nunca tive casa... nada: lixo, só conheci lixo!

BERNARDA Assassino!!

ANTÓNIO (*Voz surda, baixando a cabeça.*) E agora matei um homem...

AMÁLIA (*Ternura ardente.*) É uma criança... é ainda uma criança!...

ANTÓNIO (*Num ímpeto, corre para Amália e lança-se-lhe aos pés: a chorar, realmente uma criança assustada.*) Não tenha medo de mim... Perdoe-me... perdoe-me!...

AMÁLIA (*A medo, com infinita doçura, poisa as mãos na cabeça de António, esboçando uma carícia; toda instinto e sensibilidade: confusamente maternal.*) Perdoe-te, António.

A N T O N I O M A R I N H E I R O

BERNARDA (*Grito sangrento de reprovação.*) Amália?!!

RUI (*Reprovando, também: desdém, desprezo; gelado.*) An-
tónio?!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

SEGUNDO ACTO

CENÁRIO

*O mesmo do 1.º Acto.
É a noite de Natal.*

Ao subir o pano, Amália, sòzinha em cena, põe a mesa de consoada. Parece mais nova, mais leve de movimentos; ainda vestida de luto, mas com mais garridice; vai cantarolando, distraída.

CENA I

BERNARDA *(Entra, pela porta da esquerda, trazendo uma travessa com fritos; à entrada, por momentos, fica parada a observar Amália: sobrececho carregado, expressão de desagrado; depois vai pôr a travessa na mesa, batendo com ela rudemente.)* Louvado seja Deus!: Não há bem que sempre dure, nem mal que não se acabe... Ai, ai! é bem verdade isto...

AMALIA Que horas são, mãe? *(Continua entretida no arranjo da mesa, sempre a cantarolar.)*

BERNARDA *(Exagero nos gestos.)* Sim, senhora! Estou banzada, rapariga: tu até já cantas!...

AMALIA *(Caíndo em si.)* Olha... é verdade! *(Por momento, admirada:)* Foi sem querer... estava distraída... Eu, a cantar?! Não se zangue, mãe... *(abre-se numa gargalhada fresca, jovem.)*

ANTÔNIO MARINHEIRO

BERNARDA (*Ruim.*) Faz hoje um ano, ainda ele era...

AMALIA (*Logo enervada.*) Já sei, senhora! E você a dar-lhe... Já sei...

BERNARDA Ai, tudo passa, tudo esquece!...

AMALIA Mas quem é que lhe disse a você que... Ora, e eu p'r'aquí a dar-lhe troco! É sempre, sempre a mesma música pra não variar... Sabe que mais? Eu cá não estou morta: estou viva!! Jesus, não há coisa que eu faça — a mais corrente, a mais simples deste mundo! — que você não venha morder, agoirar... Estou farta! Pois que julga? Olhe que eu já não sou nenhuma menina de fraldas...

BERNARDA (*Intencional.*) Menina, tu?! Vai boa a menina, não haja dúvida... Tu és uma mulher. Uma viúva.

AMALIA (*Crispada, deixando-se cair numa cadeira.*) Já sei! Raio de... Está contente, não é? já está contente: enquanto não me vê amofinada não descansa...

BERNARDA No teu lugar. No teu lugar, é que eu te quero ver: quero que te respeitem, entendes? Não gosto de ouvir o... o que já por aí se cochicha. Não consinto que essa gentinha se ria de ti!

AMALIA (*Levanta-se; movimentos bruscos, nervosos.*) Que riam! que rebentem a rir! Quero cá saber dis... (*Fúria.*) Mas riem porquê? porquê, mãe?! Alguém tem alguma coisa que me pôr, assim que seja, (*mostra a ponta da unha.*) a mim?! Ora, ora, senhora: tudo isso são invenções suas! O que você quer, é ver-me... Mas não, não e não!: Estou contente, estou contente, e não há-de estragar-me esta noite! (*Volta ao arranjo da mesa, a cantar nervosamente, mais alto, batendo com a loiça.*)

2 . ° A C T O

BERNARDA (*Autoritária.*) Cala-te! Não quero que cantes aqui, nesta casa. Pelo menos, enquanto eu cá viver... Por essas e por outras, é que elas (*aponta para a rua.*) dizem o que dizem...

AMALIA (*Avançando para Bernarda.*) Elas, quem?! Que podem essas desavergonhadas dizer?: Que eu trabalho todo o santo dia, de manhã à noite? que governo a minha casa sòzinha, à custa do suor do meu rosto, sem ajudas de ninguém? que nesta casa não entra dinheiro de homem? que neste corpo (*bate com a mão no peito.*) não poisa pata de macho?... Só se for isto, só isto é que elas podem dizer!... E quem são essas, as que murmuram de mim? Jesus, que santinhas de pau carunchoso!: nem o Santo Antoninho, ali da Sé, tem mais virtude... É a Maria do Rosário, que mete o Chico funileiro em casa, enquanto o pobre do marido anda embarcado por esses mares além? Ou a Beatriz Cartuxa que, com cinquenta anos feitos e netos já grandes, ainda anda enrolada ali com o Zé taberneiro, que é casado e tem mulher viva? Ou a Zeca das Dores, que não quer trabalhar e vive à vara longa, à custa do dinheiro que o marido rouba aos maricas do Terreiro do Paço?... Só se forem estas que falem de mim: mulher de vergonha não o faz, tenho a certeza!!

BERNARDA (*Dura sempre.*) Falam.

AMALIA (*Furiosa.*) Que falem! Que vão à... (*Dominando-se:*) Ai, minha mãe, você faz-me perder a cabeça: e hoje é a noite de Natal!...

BERNARDA Pois é: esta, é a noite de Natal... (*suspirando:*) Noite triste, Amália, noite bem triste! (*Silêncio breve; intencional:*) Pelo menos pra mim. Estou a vê-lo: a esta hora, entrava ele por aí dentro, carregadinho de embrulhos... Era

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

um homem bom, o teu: «Toma lá tu; isto é pra si; se não lhe agrada esta prenda, diga, que eu vou trocá-la...» Um homem bom, um mãos-largas, um coração de oiro puro!... Ainda o Natal passado... (*limpa os olhos ao avental.*) Enfim, não falemos de coisas tristes. (*Mordente:*) Tu, felizmente, estás alegre. Ai, ai! as saudades que eu tenho do José! Ainda me lembro daquele ano em que... (*repara de súbito, que o retrato de José já não está pendurado no sítio habitual; surpresa, indignação:*) Jesus! mas o que é isto? Onde está o retrato dele, Amália?!...

AMALIA (*Confusa.*) Tirei-o... tirei-o ontem...

BERNARDA Tiraste-o? porquê?!

AMALIA Ora mãe!... não sei... acho que fica melhor lá dentro...

BERNARDA Essa, agora!!?... (*Pausa. Venenosa:*) Incomodava-te?...

AMALIA (*Irritada.*) Mau, lá começa você com... (*Num repelão:*) Incomodava-me, sim senhora! Hoje, incomodava-me: é a noite de Natal quero estar contente!...

BERNARDA (*Mateira, os olhos brilhantes: como quem pensa «o que é, sei eu!»*) Ah!... Pois, a mim, não me faz dano lembrar-me do José: antes pelo contrário. Olha que nunca, em tantos anos que viveu aqui com a gente, nunca aquela alminha se esqueceu, nestes dias festivos, de me trazer meia dúzia de pastéis de nata, que são os que eu mais aprecio... Nunca!

AMALIA (*Sinceramente envergonhada; com pena.*) Ai, mãe, esqueci-me dos seus pastéis de nata, veja lá!... (*Num transporte de ternura, abraçando Bernarda:*) Tenho tanta pena!

2 . ° A C T O

Ai, esta minha cabeça... Olhe que, ainda ontem, disse ao António que queria comprá-los: e, depois, esqueci-me!...

BERNARDA (*Logo hirta, empurrando Amália.*) Ao... António? Qual António?!...

AMÁLIA (*Descoberta, atrapalhada.*) Ah!... pois... o António... qual havia de ser?... o António Marinheiro.

BERNARDA Então viste-o ontem?...

AMÁLIA (*Receosa.*) Vi, vi. Por acaso. Ali na rua do Ouro, quando fui comprar linhas...

BERNARDA E falaste-lhe?...

AMÁLIA Ele veio ter comigo... falei, é claro!

BERNARDA (*Raiva surda.*) Claro que falaste: eu sempre faço cada pergunta!... (*Dominando-se.*) Bem, bem! eu vou lá dentro ver as batatas... (*A caminhar para a porta da esquerda.*) É por essas e por outras, que eu... (*pausa; à porta, voltando-se para Amália.*) oiço às vezes, aí por essa Alfama, aquelas de que nem os cães gostam! (*Sai.*)

CENA II

(*Amália, uma vez só, e depois de se certificar de que Bernarda a não espia, põe-se à espreita na janela que dá para a rua: cautelosa, impaciente.*)

ROSA (*De fora.*) Ó da guarda! Acudam! Ó da guarda!...

ADOLFO (*Só a voz.*) Eu esmigalho-te! dou cabo de ti!... (*Gritos de Rosa, ameaças de Adolfo, choro da criança: tudo si-*

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

multâneamente. Amália, enervada, abre a janela de par em par, debruçando-se para o lado da casa invisível de Rosa. Três ou quatro homens surgem na porta da taberna e comentam a zaragata, em gestos de troça.)

BERNARDA *(Vinda da cozinha.)* Que é isto?! *(Abre a porta da rua.)* Ah, outra vez!... Nem na noite de Natal, louvado seja Deus!: são piores que bichos!...

ROSA *(Voz aflita.)* Ai, Jesus! Ó da guarda!!?... *(Tumulto.)*

BERNARDA *(Na porta, a chamar.)* Rosa! Vem p'r'aqui, Rosa!!... *(A correr, desgrenhada, toda em desalinho, entra Rosa e, com ela, Aninhas que não larga a saia da mãe. Bernarda fecha logo a porta. Risos de troça, na taberna. Amália cerra a janela.)*

CENA III

ROSA *(Em alta grita choramingada, mostrando uma das pernas.)* Veja, veja isto, senhora Bernarda!: foi um pontapé daquele... Olha, Amália, olha o que ele me fez!... *(Numa investida furiosa, caminhando direita à porta da rua, os braços agressivamente levantados:)* Grande ladrão! Chulo! Chulo!... *(Aninhas chora mais.)*

BERNARDA *(Animando Aninhas, à qual oferece um frito.)* Toma, Aninhas... Anda, filha, come: é bom!... Pobre criança!... Mesmo certo, tu não tens vergonha, Rosa? É a noite de Natal...

ROSA *(Exagerada.)* Ceguinha seja eu, mais rasa que a lama, se voltar prà companhia desse homem! Bandido!... Quer saber porque me bateu ele hoje, senhora Bernarda? Que-

2 . ° A C T O

ria dinheiro prà moína, prà jogatina... Apanha-me tudo o que eu ganho Amália! (*A chorar:*) Ando p'r'aqui derreadinha, todo o dia de rastos a esfregar casus, p'r'aquele... (*Novo ímpeto, na direcção da porta:*) Mando-te prender, gatuno! Vais ver, vais ver... (*Volta ao centro:*) Não quer trabalhar, senhora Bernarda! Não há mcio... (*Senta-se.*) Ai, sou uma desgraçadinha, uma infeliz!...

AMALIA (*Compadecida.*) Deixa lá, Rosa! Vais ver que ele muda: é questão de arranjar trabalho a seu gosto...

ROSA Olha, a seu gosto?! Qual, Amália? Que eu saiba, ele só gosta de fazer uma coisa: tocar guitarra. O resto... É um vadio, um traste! O pior é que eu... (*chora.*)

AMALIA (*Simpatia funda.*) Tens paixão por ele, não é?... (*Rosa soluça.*)

BERNARDA (*Seca.*) Ah, ele é isso?: Pois sempre ouvi dizer que, quem corre por gosto, não cansa. Ora, logo fazem as pazes, e amanhã é outra vez um céu aberto! Pra, daí a bocado, voltarem à mesma... (*Violenta:*) Raios partam as mulheres!: são mais moles que a açorda, mais sujeitas ao homem que a cadela ao dono... Ah, trampa de gente! (*Para Rosa:*) Ó rapariga, tu não tens sangue, nem nada, nessas veias: trabalhares, tu, pra lhe meteres no bico a ele?! Deixa-o, larga-o, mando-o prò diabo!!...

AMALIA (*Tristeza doce.*) Ela tem-lhe amor, mãe...

BERNARDA (*Reacção viva, picada.*) O que ela não tem — desculpa que to diga, ó Rosa! — é vergonha: rebaixar-se a este ponto!...

ROSA (*Limpando os olhos.*) É este o meu fado: cada qual é prò que nasce...

ANTONIO MARINHEIRO

- AMALIA** (*Turva, ambígua.*) Uma mulher gosta dum homem... porque gosta: às vezes, não é o que mais lhe convém, nem o... o que devia ser. Sabe-se lá, sabe-se lá!...
- BERNARDA** (*Intencional, feroz.*) Isso que tu dizes, Amália, é desculpa de mulher doida: uma que seja séria, que tenha respeito por si mesma, não pensa assim!...
- ROSA** (*Fatalista.*) É o meu fado, senhora Bernarda: por mais voltas que lhe dê, não saio disto... (*A chamar.*) Aninhas?!
- ANINHAS** (*Que vai logo para junto de Rosa.*) Mãezinha?!...
- ROSA** (*Apertando a menina entre os braços.*) Tens frio, fi-lhinha? Viemos prò meio da rua, assim, como estávamos em casa... Ai, desta criança é que eu tenho pena!: Maldita vida, maldita vida!... O pequeno não acordou, graças a Deus: está a dormir. (*Arrepio, apertando mais Aninhas:*) Ele mata-me... aquele homem, qualquer dia, dá cabo de mim!
- BERNARDA** Anda, vem comigo Aninhas: queres uma coisa boa? (*Para Rosa:*) Vocês hoje consoam cá com a gente. Até calha bem: tanto comer, só pra duas pessoas!... Anda, menina, anda daí... (*Sai, com Aninhas, pela porta da esquerda.*)

CENA IV

- AMALIA** (*De novo à espreita, na janela.*) Já jantaste, Rosa?...
- ROSA** Já comi qualquer coisa. (*Com intenção, curiosa:*) Ele já veio?...
- AMALIA** (*Ferida, brusca.*) Ele? ele... quem?!

2 . ° A C T O

ROSA (*Brejeira.*) Ora, ora!...

AMALIA (*Disfarçando a sua perturbação, a servir Rosa.*) Anda, come isto... Toma lá, bebe um copo de vinho...

ROSA (*Comendo e bebendo; coscuvilheira.*) Ai, filha, sempre vai p'r'aí um destes falatórios!...

AMALIA (*Sacudida, enervada.*) Quo mordam, que mordam até quebrarem os dentes!...

ROSA A irmã do teu defunto marido, a Felismina... Credo, só queria que a ouvisses!...

AMALIA (*A sofrer, tentando disfarçar.*) Faço ideia, faço uma pequena ideia: nem o demónio tem mais veneno no rabo, do que ela na língua!...

ROSA Só te digo, Amália, que de cabra pra cima...

AMALIA Esquece-se de que já tem filhas crescidas: p'la boca é que morre o peixe...

ROSA Aos gritos, ali no chafariz, pra quem a quis ouvir...!

AMALIA E daí?: Os meus segredos podem ser gritados, Rosa. P'lo menos, até ao ponto de hoje...

ROSA Ó Amália, aqui pra nós... com franqueza... que diabo, é esquisito! Eu cá nunca vi uma coisa assim: caramba! foi ele que... sim, se hoje estás viúva, a ele o de...

AMALIA (*Cortando.*) Já sei.

ANTÓNIO MARINHEIRO

ROSA E depois, não se tira da taberna, com os olhos sempre arremelgados prà tua janela... Com franqueza, isto dá no goto a toda a gente: e é natural, Amália! Põe-te tu no lugar deles...

AMALIA Ora, que falem à vontade...

ROSA Dizem que ele vem à tua casa, que entra aqui!?!...

AMALIA (*Calma aparente.*) E é verdade: já cá veio.

ROSA E ainda tu te admiras...?! A tua mãe sabe dessas... visitas?

AMALIA (*Simples.*) Sabe: ouviu todas as nossas conversas.

ROSA (*Sondagem sensual.*) Todas?! Ai, Amália, tu queres-me atirar poeira aos olhos, a mim?...

AMALIA (*Descoberta súbita.*) O quê? Então pensam que... Olha o disparate! Mesmo certo, julgavam que eu... que o António...? Ai, que está o mundo doido!: mas ele é um miúdo...

ROSA (*Mal convencida.*) Um miúdo?! Ó mulher, tu cuidas que eu sou bronca de todo?... Vejam lá, um miúdo!...

AMALIA E eu a imaginar que... sim, nunca me tinha passado ainda p'la cabeça que era isso... que punham peçonha dessa, entre mim e o António...!?! (*Sensação de estranheza, quase repugnância.*) Credo! muito suja é essa gente, louvado seja Deus! Então eu podia lá... (*Sincera; explosão de ternura do tipo maternal.*) Mas ele é quase uma criança!?!?

2 . ° A C T O

ROSA (*Irritada, brusca.*) E ela a dar-lhe! Qual criança, qual... e tu a queres meter-me os dedos pelos olhos dentro, não vêem isto?!... E depois, esse homem é o assassino do teu marido!!!

AMALIA (*Angustiada, inquieta; a dominar-se.*) É verdade: Cuidava eu que seria por causa disso, que essa gatinha falava... Mas não. (*Sincera.*) Como é que elas puderam pensar em tal coisa? que eu e o António...?!

ROSA (*Manha, curiosidade.*) Olha lá, Amália, tu já conhecias o António Marinheiro antes de... sim, antes da morte do teu marido?

AMALIA Eu? Não, nunca o vi antes. Nem no tribunal: não fui capaz, durante o julgamento, de olhar pra ele.

ROSA Juras? dás-me a tua palavra de honra?

AMALIA (*Admirada.*) Mas... que queres tu?! Já disse: foi aqui, que eu lhe pus os olhos em cima, pela primeira vez.

ROSA Pois olha que a Felismina anda a dizer, alto e bom som, que tu já antes te entendias com ele, com esse Marinheiro!?...

AMALIA Precisava que lhe cortassem a língua!...

ROSA (*Com volúpia: bisbilhoteira.*) Que... Credo, até me custa dizer-te uma coisa destas!: mas alguém tem que ser, não é? nestas marés é que se conhecem as amigas... Pois a grande desavergonhada grita p'r'aí, com quantas ganas tem, que... olha que o António Marinheiro matou o teu José, de combinação contigo! Aí tens...

ANTÓNIO MARINHEIRO

AMALIA (*A gritar, em fúria.*) Com a verdade que ela fala... ai, que lhe nasçam espinhos bravos nos olhos! que os beijos lhe caíam de podres! que... (*De súbito vê, através da janela, António Marinheiro que está à porta da taberna: e logo se torna ansiosa, íntima, quase meiga.*) Olha... olha, ali... é ele, é ele!...

ROSA (*Que se levantou para observar António, sentando-se de novo.*) E ainda tu falas... Tu tens paixão por ele, Amália! (*Troça brejeira:*) Vejam, vejam como ela está: agarra o coração, menina, olha que ele avoa-te!... (*Riso.*)

AMALIA (*Às palavras de Rosa, reage primeiro com movimentos bruscos de impaciência agressiva; depois, dividida interiormente, quase desesperada, com os olhos cheios de lágrimas.*) Oh, Rosa...!?

ROSA (*Admirada.*) Ó mulher, não chores... Que diabo, eu... (*explodindo:*) Então, mesmo certo, não há nada entre vocês?!...

AMALIA (*Seca, digna.*) Bom, acabou-se a conversa. Tu julgas que eu sou da laia dessas que tu... Mas hoje é noite de Natal e eu não quero... não queria, Rosa! sair fora de mim, estender mais roupa suja. (*Volta a contemplar António: silêncio; depois, intensamente, com ternura maternal:*) Paixão, pelo António? Eu?! Ó Rosa, mas tu não vês como ele é ainda novinho? Olha, olha pra ele agora... (*António fuma.*)

ROSA (*Sensualidade.*) Um lindíssimo rapaz! isso é o que ele é... Ai, ai!...

AMÁLIA (*Sempre com os olhos em António.*) Paixão por ele?! Mas, como...? como podia eu...?!

ROSA Como?! Está boa essa, Amália! Ai, podias, podias!...
(Levanta-se de novo para admirar António; senta-se, suspirando.) E sempre te digo que, com ele, o sacrificio não era grande!...

AMALIA *(Surpresa alvoroçada: confusão de sentimentos.)* É tão bonito, não é?! Parece uma estampa... um anjo pintado! Já reparaste na boca dele, Rosa? Olha, vê agora: tem beicinhos de criança!...

ROSA *(Riso sensual, irónica.)* Pois tem. E dentes de lobo: aquele se fila carne de mulher nova, nunca mais a larga... vê-se mesmo! Tem pinta, tem pinta!...

AMALIA *(Arrepiada, sensação desagradável de chuva.)* Não digas isso, Rosa!...

ROSA Pois não, não digo: se fosse aqui uns tempos atrás, não me importava de fazer a experiência!... *(A observar António:)* Imaginem, boquinha de criança! *(Riso.)* Digo e redigo, Amália: aquele, se apanha a jeito fêmea que lhe agrade, trepa por ela acima, que nem um foguete! Ora, a quem tu vens impingir esses rebuçadinhos prà tosse: des-sas coisas, sou eu mestra!...

AMALIA *(Que corresponde a um aceno de António.)* O que é?... Que quer ele?...

ROSA *(Gargalhada grosseira.)* Que quer? Naturalmente, jogar às escondidas contigo!...

AMALIA *(Que se voltou de face para Rosa: inquieta, de repente preocupada.)* Achas-me velha, Rosa?...

ROSA *(Gargalhada; para experimentar Amália.)* Não és já menina, isso não!...

ANTONIO MARINHEIRO

AMALIA *(Sombria.)* Tenho trinta e seis anos...

ROSA *(Para fazer doer, sempre rindo.)* Olha, olha pra ele, Amália: ai, os olhinhos que o malandro deitou à Micas florista!... *(Passa esta figura em frente da taberna.)*

AMALIA *(Crispada, voltando-se logo para a rua: expressão densa, agressividade.)* Lá vens tu com... Isso é mania tua, mulher!: o pobre rapaz nem...

ROSA Pudera! que ela sempre está jeitosa!...

AMALIA *(Raiva, ciúme.)* É uma doida! Já conheceu mais homens que...

ROSA *(Sorna sempre.)* Pois já: mas é bonita, *(acentuando:)* está agora na flor da mocidade... ai, dezoito anos!...

AMALIA *(Feroz.)* É uma cabra! uma perdida que se vende ao primeiro que passa!...

ROSA *(Trocista.)* Jesus, o que p'r'aí vai! Ó mulher, quem agora te ouvisse, havia de pensar que... enfim, que tu tens ciúmes dela! *(Riso.)*

AMALIA *(Caíndo em si, olha para Rosa: perplexa, nebulosamente confusa.)* Eu?!... Ciúmes?... Ciúmes do António?... *(Angústia viva:)* Eu já estou velha... Olha bem pra mim, Rosa: achas-me velha? estou muito estragada?...

ROSA Qual quê, mulher! Estás muito bem conservada: tomaram muitas raparigas de vinte. Olá, se tomaram! Repara bem em mim: só tenho vinte e sete, e quem é capaz de dizer que eu sou mais nova que tu?... Portanto, minha filha, não me venhas pra cá com essas. Se tu me confes-

2 . ° A C T O

sasses que não querias, que não podia ser porque... porque, enfim, afinal sempre foi ele que matou o teu marido!? ainda vá lá, mas...

AMALIA (*Logo crispada.*) Fê-lo em legítima defesa.

ROSA Pois fez: foi o que eles disseram lá no Tribunal. Mas olha que a tua mãe...

AMALIA (*Dura.*) A minha mãe é rancorosa de natureza... E já está velha, meia tarouca da cabeça. (*Gesto de António.*)

ROSA Ele está a chamar-te...

AMALIA (*Receosa.*) Se a velha aparece por aí...!?

ROSA (*Maliciosa.*) O rapaz vem cá hoje passar o serão?

AMALIA Ah, isso queria eu! É a noite de Natal: ele, coitadito, não tem família... (*Terna:*) Pobre rapazinho! Mas tenho medo de o deixar entrar: a minha mãe...

ROSA Ela vai à missa do galo?

AMALIA Diz que sim...

ROSA E tu?...

AMALIA (*Tímida.*) Eu não: estou cansada e...

ROSA (*Sempre com malícia.*) Pronto! não ponhas mais no escrito. Mas então, onde é que está a dúvida?!

AMALIA Não posso recebê-lo aqui, sòzinha...?

A N T O N I O M A R I N H E I R O

- ROSA Ora, fico eu com vocês!
- AMALIA *(Contente.)* Ficas? Fazes isso, Rosa?!
- ROSA Está combinado.
- AMALIA Obrigadinha! *(Vai à janela e faz, para António, o sinal de «espera!» Ouve-se o sino que chama para a missa. Entram Bernarda e Aninhas.)*

CENA V

- BERNARDA *(Que vestiu um casaco e tem posta uma mantilha preta. A observar Amália, com desconfiança.)* Estás hoje muito janeleira, Amália!?...
- ROSA Eu é que lhe pedi pra ela espreitar o meu Adolfo...
- BERNARDA São horas. Vai pôr a mantilha.
- AMALIA Eu cá, este ano, não vou...
- BERNARDA Não vais? Porquê, pode saber-se?!
- AMALIA Estou derreada, não me apetece... Mas vá você, mãe; eu espero aqui por si, pra cearmos.
- ROSA Vá, vá, senhora Bernarda! Olhe, leve consigo a minha Aninhas; sempre lhe faz companhia... *(Arranja o vestido e o cabelo da menina.)*
- AMALIA A Rosa fica aqui comigo... *(Disfarçadamente, Bernarda vai até à janela, espreitando para a rua.)*
- ROSA Fico, fico, senhora Bernarda: pode ir descansadinha.

2 . ° A C T O

BERNARDA (*Rígida.*) Vou, vou. Estejam sossegadas, que eu vou. (*Para Amália:*) Quem boa cama fizer, nela se deitará... Vou, Rosa, vou à missa: a ver se Deus Nosso Senhor me faz a esmola de me levar depressa deste mundo! Já vi coisas demais, já ouvi demais... já sofri demais. Queres vir comigo, Aninhas? (*Dá a mão à pequena.*) Eu, agora, só te sirvo de empecilho, Amália: só se fosse cega, surda, e varridinha do juízo! Assim... (*Violenta:*) Deixa-te de fingidices: manda-o entrar já! (*Vai à janela e abre-a de par em par; chamando:*) Senhor António! Pst, ó senhor António!? (*António aproxima-se, Bernarda cerra a janela e volta para dentro.*) Ao menos, façam as coisas às claras... (*Abre a porta: entra António, vestido de marítimo.*) Entre! Entre!...

CENA VI

ANTÓNIO Boa noite!...

AMÁLIA E ROSA Boa noite!

BERNARDA A minha filha queria convidá-lo, pra cear aqui com ela: (*marcando as palavras:*) Pediu-me licença, e eu dei-lha. Sente-se, esteja à sua vontade... E não esperem por mim, pra comer: comecem já, que sempre demoro. (*Amália vai para dizer que esperam, etc.*)

BERNARDA (*Impedindo Amália de falar: ironia amargurada.*) Já sei, filha: já sei que vais ter muita pena, se eu não cear contigo. (*Para António:*) A Amália é muito minha amiga: estraga-me com mimos, faz-me todas as vontades...! (*Mudança: mais seca.*) Não nota nenhuma diferença nesta casa, senhor António?... (*Este olha em redor: encolhe os ombros.*) Repare, olhe bem: falta qualquer coisa... (*silêncio.*)

ANTÓNIO MARINHEIRO

Não nota, mesmo certo?! (*Acentuando o sorriso ruim, os olhos ateados:*) Ali, ali naquela parede, falta um retrato: o retrato do meu falecido genro. (*Silêncio breve: mal-estar em António e Amália, curiosidade em Rosa.*) Anda, menina, vamos lá... (*vai para sair, com Aninhas.*)

ANTÓNIO Senhora Bernarda...?!

BERNARDA (*Hirta.*) Diga?!

ANTÓNIO (*Oferecendo um embrulho a Bernarda.*) Era isto...

BERNARDA Pra mim?...

ANTÓNIO Sim... é... são pastéis de nata: sei que aprecia...

BERNARDA (*Tomando o embrulho nas mãos.*) Sabe? E quem lhe disse isso?!... (*António olha para Amália.*) Ah! pois, foi a minha Amália: que filha mais amiga! Eu nem a mereço... (*Olha para os bolos, depois para António e, por fim, para o sítio da parede onde estava o retrato de José; tem os olhos cheios de lágrimas.*) Muito agradecida pela lembrança, mas... é que eu enjoei os pastéis de nata: agora, não posso com tais doces! (*Para Amália:*) A gente muda tanto, não é? E às vezes, em bem pouco tempo!... Toma lá, Rosa: é prò teu pequeno. (*entrega-lhe os bolos.*) Vamos embora, Aninhas: (*a voz embargada:*) a ver se Nosso Senhor me faz a vontade, se Ele tem pena de mim!... (*Sai, com Aninhas. Os sinos, outra vez. Amália, António e Rosa, constangidos.*)

CENA VII

AMALIA (*Esforço para quebrar o embaraço.*) Já conhecia a Rosa?

2 . ° A C T O

- ANTÓNIO** É a rapariga do Adolfo, não é?
- ROSA** (*Agressiva.*) Era, era!...
- AMÁLIA** (*Riso.*) Ora, arrufos!...
- ANTÓNIO** Ele é bom rapaz.
- ROSA** Pois então não é?! Bonzinho, doce como azedas... E trabalhador?! Ai, não há outro como ele: eu até estou sempre com medo que o probrezinho rebente do peito!...
- AMÁLIA** (*Para António.*) Não haverá mais nenhuma vaga, lá nos barcos do Barreiro?
- ANTÓNIO** Isso sim, agora não...! mas logo que apareça... Eu tive sorte, foi um acaso: morreu um, de desastre...
- ROSA** Ai, espera lá que ele já caía nessa: trabalhar?!...
- AMÁLIA** Sente-se, António.
- ANTÓNIO** (*Sentando-se.*) Com licença. (*Repara na mesa:*) Ena, isto hoje...!
- ROSA** O Natal não é um dia como os mais... (*Preocupada, de súbito:*) O Adolfo estava na taberna?
- ANTÓNIO** Estava. (*Para Amália:*) Pois, que me lembre, este é o primeiro Natal que eu passo em Portugal...
- AMÁLIA** Os mais anos andava no mar?
- ANTÓNIO** (*Sorriso triste.*) No mar, ou... por esse mundo além: em qualquer tasca de porto estrangeiro, na companhia de outros marinheiros e de mulheres da vida!...

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

- AMALIA *(Crispação involuntária: picada de ciúme.)* Que frio, que faz aqui!?...
- ROSA E dantes? quando era miúdo?...
- ANTÓNIO *(Logo duro.)* Ora, miúdo!!! *(Mudança:)* Chama-se o Adolfo, Rosa?
- ROSA O Adol...?! Era o que me faltava! Não, não senhor!! Aquele...
- AMALIA *(Para António.)* E o Rui? Não disse que chegava ontem?...
- ANTÓNIO *(Ligeiro, mas perceptível mal-estar.)* Pois: ele escreveu-me da América, a dizer que sim, que vinha. Mas afinal não chegou... Ou se veio, não quis saber, não me procurou...!
- ROSA *(Oferecendo vinho a António.)* Vai um copito?... *(serve. Para Amália:)* Ai, filha, que ele é... Livra! tira o ar à gente, deita quebranto, Amália...
- ANTÓNIO *(Malicioso.)* Quem? o vinho?!...
- ROSA Qual vinho?! Isso, faça-se caro... *(Para Amália:)* É realmente bonito.
- ANTÓNIO *(Para Amália, a brincar.)* Sou? isso é verdade?: Sou bonito?...
- AMALIA *(Terna.)* Vaidoso!
- ANTÓNIO Quer saber porque lhe faço esta pergunta? É que, ainda há bocado, ali na taberna, me disseram que eu era parecido consigo...

2 . ° A C T O

AMALIA (*Gargalhada.*) Comigo?! Que disparate!...

ANTÓNIO (*Contemplando, amorosamente, o rosto de Amália.*)
Se fosse verdade...

ROSA (*A observar António.*) Ó Amália, e olha que é mesmo!:
o nariz... a testa... Esta é boa! (*Riso.*)

ANTÓNIO (*Para Amália, sempre embevecido.*) ...Nesse caso, eu
era tão bonito!...

ROSA (*Sempre a estudar os traços fisionómicos de António.*)
E os olhos... vejam que até os olhos!: É, sim senhora, o
António é parecido contigo! (*Riem os três.*)

AMALIA (*Suave.*) Desculpe a minha mãe: mas ela... ela não
pode esquecer que...

ANTÓNIO (*Por momentos, sombrio.*) Bem sei. (*Silêncio breve.*)
Mas ela não percebe como eu...

AMALIA O quê?...

ANTÓNIO (*Apaiçonado.*) Como eu a estimo, Amália!

ROSA (*Trocista.*) Ai, ai!...

AMALIA (*Magoada.*) Ó Rosa?!...

ROSA (*Que bebeu outro copo: alegre.*) Sabe o que esta toli-
nha me disse, há bocado? Que, ao pé de si, era uma velha...
que podia ser sua mãe!... (*Sensual, trocista:*) Ai, que rica
mãezlulia!...

AMALIA (*Docemente, para António.*) Ou sua irmã...

ANTÓNIO MARINHEIRO

ROSA (*Estouvada.*) Ou sua mulher, pois então!?

AMÁLIA (*Ferida: impressão súbita, dolorosa, a mão sobre o coração, os olhos rasos de lágrimas.*) Não digas isso, Rosa!! Se tu soubesses o que eu agora senti aqui, no meu peito...? (*Hostil:*) Não quero que digas coisas dessas! (*Dolorosamente, a mão crispada sobre o coração:*) Jesus, que impressão!: parece que se rompeu não sei o quê, dentro de mim... assim, de repente... ai, foi como um relâmpago!...

ANTÓNIO (*Triste.*) Não gosta nada de mim, Amália?... (*Começa a ouvir-se a guitarra de Adolfo: um fado melancólico.*)

ROSA (*Que se levanta logo, a ouvir.*) Malandro!... (*Aproxima-se da janela.*)

AMÁLIA (*Ainda estranha; espécie de fadiga.*) Mudemos de conversa, António.

ANTÓNIO (*Soturno.*) Não, não gosta. Não é capaz de esquecer o... o meu crime.

ROSA (*Embevecida, a ouvir; encostada à janela, que entrecabriu.*) Toca bem, o vadio!...

AMÁLIA Está enganado, António. Não, não é isso. Gosto... eu gosto de si.

ROSA (*Abrindo a janela um pouco mais.*) Estás borracho, já estás bêbado!: Quando tu tocas assim... (*A ouvir, seduzida:*) Que bem!...

ANTONIO (*Sempre para Amália.*) Então porque está tão triste?...

2 . ° A C T O

AMALIA Triste, eu?! Nem pense nisso... (*esforço para sorrir:*)
Hoje, é a noite de Natal!... (*Silêncio nervoso. Depois, ansiosa:*) Ai, António!?!...

ANTÓNIO (*Debruça-se para ela.*) Amália?...

AMALIA (*Arrepio.*) Tenho medo!...

ANTÓNIO Medo... de mim?!...

ROSA (*À janela, que está francamente aberta.*) Está triste...
o meu Adolfo está triste, que eu bem o conheço!...

AMALIA (*Torturada.*) Não sei, tenho medo!... É uma coisa negra... negra, negra! que sobe por mim acima e se me vem fincar aqui...: (*indica o peito.*) afoga-me, tira-me o ar!...

ANTÓNIO (*Surpresa dorida.*) Tu... tu, Amália?! tens medo de mim...

AMALIA (*Nervosismo, precipitada.*) Não, não é de ti!!

ANTÓNIO Nem a água dos mares todos do mundo, era capaz de lavar o sangue das minhas mãos!...

AMALIA (*Muito agitada.*) Cale-se! cale-se com isso!: Sangue, sangue, sangue...! Não, não sei o que é: sinto-me perdida... tenho medo!!

ANTÓNIO (*Muito terno, infantil.*) Eu gosto tanto de si!...

ROSA (*Debruçada na janela, a chamar.*) Adolfo! Ó Adolfo?!

ANTÓNIO Não acredita?...

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

- AMALIA (*Doçura magoada.*) Acredito, António... sinto. (*Terror:*) Mas...
- ANTÓNIO (*Meigo.*) Diga!?!...
- AMALIA Não sei... não tenho um momento de sossego... Tenho medo, António! Rara é a noite em que eu não sonho consigo... Jesus, que aparições malvadas!
- ANTÓNIO Ora, sonhos!...
- AMALIA Todas as noites, António, todas as noites!: Uma vez estava numã casa muito grande, bonita... um palácio como o dos reis! com os tectos todos de ouro e as paredes de espelho. Tinha mais de mil salas, umas a comunicar com as outras, cada qual a mais rica... mas, por mais que procurasse, não achava a porta da rua: andei assim, perdida naquela casa, um dia e uma noite inteira... e cada vez que me chegava às paredes — todas de espelho — pra ver se dava com a porta, queres saber? queres saber o que eu via?! Não, não era eu que aparecia no espelho: eras tu, António! tu inteiro, assim como agora te vejo!! Eras tu, mais de cem, mais de mil vezes, em cada parede, em cada canto, em cada um daqueles malditos espelhos!!! (*Lágrimas, transida, a suar de angústia:*) A certa altura, eu já não via nada — cega, ceguinha de todo! — sentia o meu juízo a correr, como o fio dum novelo que a gente desenrola no chão: e, com todas as minhas forças, bati com as duas mãos naquela parede, a ver se ela se abria, se me deixava fugir dali pra fora!... (*Aproxima-se de António: ternura e pavor:*) Quando olhei prò espelho quebrado aos meus pés... não era eu, eras tu que lá estavas! (*Acarinhando, com as mãos, o rosto de António:*) Tinhas um grande golpe aqui... este olho vazado... e o pescoço cortado, separado da cabeça...! Jesus, nem me quero lembrar!! (*Tapa os olhos com ambas as mãos.*)
- ca. h. in w. r.*
- D*

2 . ° A C T O

ANTÓNIO *(Tomando, nas suas, as mãos de Amália.)* Doidices, sonhos são doidices!

AMÁLIA *(Aterrorizada, com os olhos muito abertos fixos no rosto de António.)* Mas tu não sabes... tu não sabes: corria sangue — senti-o nas minhas mãos, ensopou-me os pés! — corria sangue verdadeiro das tuas feridas... eram rios de sangue a correr entre os bocados de espelho! Credo, que aflição a minha!... *(Soluça.)*

ANTÓNIO *(Acariciando a cabeça de Amália.)* São sonhos, Amália... que valem os sonhos?...

ROSA *(Que tem estado sempre alheia à acção, concentrada na observação do exterior; a gritar.)* Amália! Ó Amália!?

AMÁLIA *(Sobressaltada.)* Que é?! Que foi, Rosa!!? *(Surgiram, à porta da taberna, Adolfo e uma Mulher que lhe passa o braço em redor do pescoço; Adolfo continua a tocar guitarra.)*

ROSA Anda ver! anda cá ver isto, Amália!! Ah, grandíssima cabra! Espera, espera aí que eu já te arranjo!...

AMÁLIA *(Que viu.)* Ah!... Sossega, Rosa, sossega...

ROSA *(Descalça um sapato e atira-o à cabeça da Mulher: gritos, tumulto.)* Cadela!... Cabra, cabra!... Vadio! Chulo, grande chulo!: Mando-te prender, mando-te prender!... *(Vem ao centro, açodada.)* Estão a ver? estás a ver isto, Amália?: é de propósito pra me provocar!... *(Volta à janela, aos gritos.)* Vai fazer pouco da piolhosa da tua mãe, grande malandro!! *(Outra vez dentro, a chorar.)* Sou uma infeliz... aí, sou uma desgraçada!... *(Amália fecha a janela.)*

ANTÓNIO MARINHEIRO

AMALIA Senta-te aí, Rosa: não lhe lrigues importância...

ROSA (*A soluçar.*) Fazer pouco de mim, assim, à vista de toda a gente! Eu sou feia... ele não pode comigo: tem nojo de mim! Estou feia, já não presto pra nada... (*revolta:*) estou cansada, estragada por tanto trabalho! (*Gesto de ameaça, para fora:*) Pra te dar a ti, grande vadio!! (*Outra vez abatida:*) Ele não me quer, não gosta de mim... não me quer, tem-me raiva!... (*Com ódio:*) E a outra? tu viste aquilo, Amália?! Ah, coiro, coiro!... Espera, espera que eu já te digo: arranco-te os olhos, arranco-tos! (*Sai, a correr, pela porta da rua: gritos, borborinho. Amália cerra a porta e, voltando ao centro, olha para António: ambos soltam uma gargalhada. A pouco e pouco, o tumulto vai serenando.*)

AMALIA (*Doçura, timidez.*) Daqui a nada, fazem as pazes...

ANTÓNIO E amanhã voltam à mesma cena...

AMALIA (*Inquieta.*) Ela não vê mais ninguém no mundo: perde-se pelo Adolfo...

ANTÓNIO E ele também gosta dela.

AMALIA (*Vagueando ansiosa.*) O Adolfo mói-a, rala-a até à última...?!

ANTÓNIO Mas tem-lhe amor.

AMALIA Tira-lhe todo o dinheiro...

ANTÓNIO Mas gosta, gosta muito dela.

AMALIA (*Perturbada; medo.*) Não sei...?!

2 . ° A C T O

ANTÓNIO (*Vaga sensualidade.*) Sei eu. A querença dum homem e duma mulher, muitas vezes, é assim: é uma briga, é uma... uma espécie de raiva.

AMÁLIA (*Reacção instintiva de hostilidade.*) Seja que não seja: não me interessa.

ANTÓNIO Mas o amor...

AMÁLIA (*Interrompendo, brusca.*) Ora, o amor!...

ANTÓNIO (*Másculo, homem, tomando a mão de Amália.*) Então não acredita, Amália, que...?

AMÁLIA (*Retirando logo a mão: agreste, nervosa.*) Não, não acredito em nada disso!... (*Afasta-se de António.*)

ANTÓNIO (*Magado.*) Que foi, Amália? O que é que lhe disse? que lhe fiz eu?!...

AMÁLIA (*Descontrolada, possessa de sentimentos nebulosos.*) Nada... ora, que havia de ser?!... Nada, nada!... (*Volta-se e contempla longamente António, em silêncio inquieto.*)

ANTÓNIO (*Uns passos para Amália.*) Amália!?...

AMÁLIA (*Quase terror.*) Não sei... não gosto de o ouvir falar assim...

ANTÓNIO Assim... como?!

AMÁLIA Como... como um homem grande, um homem adulto... já batido e rebatido nessas vidas... nessas ordinarices de mulheres!...

ANTÓNIO MARINHEIRO

ANTÓNIO *(Surpreendido; gingão, macho, logo a seguir.)* O quê?!... Ora, mas eu sou um homem!!

AMÁLIA *(Que recua; grito fundo.)* Não!!! *(Caindo em si:)* Desculpe, mas eu... Não ligue a estas coisas minhas... Sabes, António, tu... *(emendando-se:)* ai, perdão!...

ANTÓNIO Tu, pois: diz sempre tu...

AMÁLIA *(Silêncio em que fixa António: cada vez menos sombras, mais ternura confiante; de súbito, malícia: a sorrir, picante.)* Jesus, o que tu sabes já disso... do amor!

ANTÓNIO *(Simples, triste.)* Sei. Já sei muito da vida.

AMÁLIA *(Logo terna, maternal.)* António?!...

ANTÓNIO *(Sorriso magoado.)* Amália?!...

AMÁLIA Não fique... *(emendando:)* não fiques triste...

ANTÓNIO Triste, porquê? Eu não...

AMÁLIA *(Que se aproxima de António.)* Triste, sim senhor!: na tua cara, não se mexe uma pestana, pequenina, assim... *(gesto exemplificativo.)* sem que eu o não perceba! *(Transporte meigo:)* Quando te vejo triste, caído, com essa carita tão... olha, tenho que amarrar as minhas mãos uma à outra, pra não te fazer festas!: e tu pareces-me novo, novinho... uma criança...

ANTÓNIO Porque será, Amália? porque será que eu, ao pé de ti, me sinto tão bem?! *(Aproxima-se mais de Amália.)* Tenho tanta confiança!... acredito em tudo, tudo que me dizes... *(Sombras, duro:)* E eu sou desconfiado: sempre,

desde pequeno. Aos doze anos, já era capaz de me defender sozinho, fosse de quem fosse: eu e mais a minha navalha! (*Gesto de Amália.*) Era preciso, teve que ser assim: ninguém me protegia, ninguém tinha obrigação... eu não pertencencia, como os outros miúdos, a um pai, a uma mãe...! Não tive outro remédio: a dente, com as unhas, à pedrada, com a navalha... comigo ninguém levava a melhor! Aprendi, Amália, aprendi à minha custa: (*soturno, cruel:*) So não, esmigalhavam-me, lançavam-me fora como um escurro!...

AMALIA (*Acariciando os cabelos de António, num impulso.*)
António!?...

ANTÓNIO (*Que toma e beija a mão de Amália.*) Mas, ao pé de ti, sinto-me outro, Amália... Juro, que não te minto! Outro, outro... tão diferente, tão diferente!? Sou feliz, feliz, feliz!... Ai, Amália, é como se eu, até agora, tivesse tido cá dentro uma barreira dura, de ferro, a apertar-me, a separar-me da outra gente... E tu, não sei como—sem fazeres nada, Amália!—quebraste-me essa muralha: parece que, só agora, o meu sangue é igual ao dos outros... percebes?... Eu tinha vergonha das outras pessoas: não conheci pai, nem mãe, nem ninguém... Vergonha e raiva: Todo o mal que lhes fazia, me parecia pouco. É verdade! E agora, quando estou assim contigo, já não sinto isso: sou igual, sou igual!! (*Silêncio breve; depois, sombrio, ansioso:*) E já não tenho medo.

AMALIA (*Terna.*) Medo?!...

ANTÓNIO Medo. Toda a minha vida senti um medo malvado, aqui dentro, a roer-me as tripas... Medo não sei bem de quê?... medo dos outros homens: (*num impulso:*) eu sou um farrapo, trampa da valeta, um piolho! Nem pai, nem mãe, nem...

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

- AMÁLIA** (*Carícia.*) És? ainda és isso, António?...
- ANTÓNIO** (*Encolhendo-se em Amália.*) Era. Já não sou, já não sou!...
- AMÁLIA** (*Maternal.*) Porquê?!...
- ANTÓNIO** (*Transporte afectivo.*) Porque... porque te encontrei, porque te tenho a ti... (*aperta Amália entre os braços: desejo.*) porque te amo! Amália, tu pra mim és...
- AMÁLIA** (*Reacção profunda, afastando-se logo de António.*) Anda, vamos comer!...
- ANTÓNIO** (*Perseguido Amália, com doçura.*) Não fujas... não gostas de mim?...
- AMÁLIA** (*Torturada, num grito de instinto.*) Gosto!!!
- ANTÓNIO** (*Outra vez junto de Amália.*) Então?!...
- AMÁLIA** (*Nervosismo, torcendo as mãos, fixando pateticamente António nos olhos.*) Não sei... não sei, António!?!?
- ANTÓNIO** Nunca mais te largo, Amália, nunca mais: não posso! Tu desfizeste esta coisa dura que eu tinha aqui (*indica o peito.*), rebentaste este muro...
- AMÁLIA** (*Outra vez acarinhando António.*) Eu estava seca. Mais seca que uma cana quebrada, António! E tu... tu vieste, e eu tornei a dar flor, a encher-me de folhas novas... Gosto tanto de ti!!
- ANTÓNIO** (*Exuberante, acriançado, pega em Amália ao colo, dando com ela algumas voltas.*) É verdade! é verdade, que

2.º A C T O

eu bem o sinto: tu gostas... tu gostas muito de mim!!...
(*Poisa no chão Amália, que ri.*)

AMÁLIA (Feliz.) Ai!... O meu rapazinho!...

ANTÓNIO (A brincar, infantil.) Rapazinho?!!...

AMÁLIA (Meiga.) E não és?...

ANTÓNIO Se fosse outra mulher a dizer-me isso, ficava ofendido, humilhado mesmo! Assim...

AMÁLIA Assim...?

ANTÓNIO Não me importo. Até gosto! Às vezes, quando estou ao pé de ti, não sei porquê, sinto-me realmente... Olha, como se ainda fosse miúdo, um cachopo!?...

AMÁLIA (Sempre terna.) E não és?...

ANTÓNIO Parece-me, nessas alturas, que não sei nada da vida, que... que ainda sou inocente, que... Ora, coisas tontas! (Toma as mãos de Amália, fixando-a profundamente:) Sinto-me tão bem ao pé de ti, tão seguro... Já não tenho medo, Amália!! (Volta a ouvir-se a guitarra de Adolfo: melodia suave de amor.)

AMÁLIA O Adolfo e a Rosa já fizeram as pazes...

ANTÓNIO É o amor, Amália!...

AMÁLIA (Melancolia doce.) É... é o amor!

ANTÓNIO (Outra vez desejo.) Querida Amália!...

ANTÓNIO MARINHEIRO

- AMÁLIA *(Sombra rápida, inquieta.)* António... achas-me velha?...
- ANTÓNIO Nova. Nova e linda.
- AMÁLIA Eu não me canso de olhar pra ti, António!
- ANTÓNIO *(Que abraça Amália.)* Mas foges-me!?!...
- AMÁLIA *(Sombras, frágil.)* Tenho medo...
- ANTÓNIO *(Tapando, com os dedos, a boca de Amália.)* Pronto, nunca mais hás-de ter medo!
- AMÁLIA Sou tão feliz ao pé de ti! Tu entras nesta casa, e parece que tudo me cheira a rosas, que... *(aproxima-se da janela, exaltada:)* Olha, António, quando estás aqui, sinto que posso, tenho a certeza! que, se chamasse os pássaros, eles me vinham poisar nos dedos!...
- ANTÓNIO Desde que eu te vi, desde o julgamento...
- AMÁLIA *(Logo ferida.)* Não fales!...
- ANTÓNIO *(Veemente.)* Bendigo esse crime, Amália: foi por causa dele que eu te conheci!
- AMÁLIA *(Como em sonhos, abandonada.)* Qual crime?... Não houve crime, nem nada disso... Nada, António, nada: a minha vida és tu!! Antes de ti, eu estava ceguinha: não vi nada, não aconteceu nada, não me lembro de nada! Só gosto de ti, só me sinto viva depois que tu vieste: não tenho passado... *(quase feroz:)* eu não tenho passado, António!!

2 . ° A C T O

ANTÓNIO Antes de te encontrar, eu não me sentia bem em nenhum lado: tinha uma coisa aqui dentro, sempre a roer, a roer... uma força que, sem descanso, me empurrava nem eu sei pra onde! Não conhecia sossego, Amália: só podia viver no meio da desordem e com gente tão suja, tão reles que...

AMÁLIA (*Ciúme.*) Essa gente... essas mulheres! ai, **OSSAS** mulheres!...

ANTÓNIO Às vezes, parecia-me que nada era bastante nojento pra mim... que não encontrava xungaria à minha medida! Era um bicho que eu tinha aqui dentro (*indica o peito.*) a morder-me, a chupar-me o sangue...: tinha que fazer mal — o mal mais reles! — porque senão rebentava, morria sufocado... Só me sentia bem com gatunos, mulheres da vida, tipos com o vício da morfina...

AMÁLIA (*Ciúme violento: agarra, descontrolada, numa tesoura e corta, com fúria, um bocado dum qualquer tecido pendurado na corda.*) Assim... assim, é que eu queria cortar isso tudo, essa gente... esses anos, da tua vida!! (*Calcando a péis juntos, o pedaço de pano cortado:*) Assim... assim!... (*Lágrimas nos olhos.*)

ANTÓNIO (*Negro, quase frio, quase feroz.*) Só me sentia bem com estes, só deles é que eu gostava. Tinha vergonha dos outros, dos... bons. E raiva; tinha-lhes tanta raiva! Era como se... até parecia, Amália, que entre mim e a gente séria havia um fosso, um barranco sem fundo! E eles punham-me ao desprezo: Pudera! sem pai, sem mãe, um... enfeitado! (*Ódio:*) Enfeitado, um raio!!! Não tive culpa, não tive culpa!...

AMÁLIA (*Nervosa, quase agressiva.*) António! Cala-te... não quero... cala-te! (*Silêncio: contempla António que a olha*)

ANTÓNIO MARINHEIRO

com uma expressão aflita, infantil. Num impulso, corre para ele e toma-lhe a cabeça entre as mãos; agora doce, maternal:) António... meu rapazinho!... António, esquece-te disso tudo, esquece... Ai, coitadinho, coitadinho de ti!...

ANTÓNIO (*Dorido, ansioso.*) Sentia-me diferente de todos, Amália: corrido, abandonado pelo pai e pela mãe!... Quando pensava nisto, vinha-me um ódio tão grande...! Só queria vingar-me... sim, vingar-me do mundo todo! Até a sombra, até a minha própria sombra me parecia diferente da das outras pessoas: mais pequena... mais pequena, Amália!

AMÁLIA (*Terníssima, passando os dedos pelos cabelos de António.*) Pode lá haver, no mundo todo, uns olhos como os teus!? (*Quase angústia; sensualidade macerada:*) Sinto... ai, sinto que, se tu quisesses... quando tu quisesses, eu seria desfeita aí, dentro dos teus olhos: como fumo... desapareceria neles, como fumo!...

ANTÓNIO (*Sempre ansioso, quase medo.*) Eu cheguei a roubar... roubei muito, Amália!...

AMÁLIA (*Percorrendo a boca de António com o dedo.*) Só uma criança... só os meninos têm a boca assim!...

ANTÓNIO Todos os vícios...

AMÁLIA Como tu és bonito! Tão bonito, tão bonito, tão...! Às vezes, sinto que, se não tirasse logo a vista da tua cara, morreria... morreria, António!?

ANTÓNIO Tinha inveja dos assassinos... É verdade, Amália!: eles eram o meu ideal... queria ser como eles... queria, acredita! (*A voz mordida:*) Queria ser como o... (*contém-se, logo inquieto.*)

2 . . A C T O

AMÁLIA (*Larga a cabeça de António: de súbito dura, hirta, nebulosamente ciumenta.*) Como... quem?

ANTÓNIO (*Tomando de novo a cinta de Amália.*) Pronto, não quero falar mais nisso!...

AMÁLIA (*Gelada.*) Como o Rui?!...

ANTÓNIO (*Reacção rápida: afasta-se de Amália, ele também agora hirto.*) Como o Rui.

AMÁLIA (*Por momentos, olha dividida, com medo e raiva, para António; depois, num instante, corre para ele e abandona-se furiosamente nos seus braços.*) Não me deixes, António!... Eu gosto... eu gosto tanto, tanto... eu adoro-te, António!...

ANTÓNIO (*Apixonadamente, beijando os cabelos de Amália, que tem apertada de encontro a si.*) Querida... querida!... Oh, Amália!... Sinto-me tão... tão feliz!... (*A transbordar emoção, agitando os braços:*) E livre... livre, livre, livre! (*A gritar:*) Feliz, feliz!... Olha, Amália, estou leve... levezinho cá por dentro: já não tenho raiva, nem medo!... (*Num urro dionisíaco, saltando para cima da mesa:*) Sou feliz, Amália!!! (*Ouve-se, vinda da rua, uma gargalhada aguda, prolongada e escarninha.*)

AMÁLIA (*Logo sobressaltada, transida.*) A louca... é a louca!...

ANTÓNIO (*O riso morto na boca, o corpo murcho em cima da mesa.*) A louca?!... Não sei...? Ora, gente que...

AMÁLIA A minha mãe, António!? Estamos aqui sòzinhos os dois...

ANTÓNIO MARINHEIRO

ANTÓNIO *(Esforço para vencer a impressão provocada pelo riso; saltando da mesa.)* E daí? Ainda bem, ainda bem!: Abençoada senhora Bernarda! abençoada Rosa! grande camarada Adolfo!... *(Apaixonado, apertando com violência Amália nos braços:)* Quando... quando?...

AMALIA *(Inquieta, perturbada, a querer afastar-se de António.)* Deixa-me, António...

ANTÓNIO *(Apertando-a mais, dominador.)* Quando?...

AMALIA *(Suspensa dos olhos de António: arrepio:)* Tenho medo... tenho medo, António!

ANTÓNIO Somos ambos livres!

AMALIA A minha mãe... e os outros: se soubesses o que eles já por aí dizem!?!...

ANTÓNIO Ora!

AMALIA Se tu soubesses!?!...

ANTÓNIO Que a gente gosta um do outro? E daí?: É mentira?...

AMALIA Não, mas...

ANTÓNIO *(Tomando a cabeça de Amália entre as mãos, a boca muito perto da dela.)* É mentira?...

AMALIA Que havemos nós de fazer, António?...

ANTÓNIO Viver juntos.

AMALIA E os outros?!

2 . ° A C T O

ANTÓNIO Não interessa.

AMALIA E a minha mãe, António?! Tu já pensaste o que ela di...?

ANTÓNIO Casamos, queres?... *(Vai para beijar Amália na boca.)*

AMALIA *(De súbito violenta, empurra António.)* Casar?!... *(Afasta-se mais: a tremer, as mãos sobre o ventre:)* Casar... eu e tu?! Não, nunca tinha pensado nisso, não!... *(Espanto desgrenhado, dando uns passos para António.)* Não, não é possível, António!? É lá possível?!... Eu e tu... casados?! Nunca tinha pensa... *(grito rouco, de instinto fundo:)* Ai, não!!! *(De costas para António, uns passos na direcção da ribalta; toda desfeita:)* Casarmos?... Eu e... *(Lá fora, outra vez, a gargalhada aguda, agora mais breve e mais estridente.)*

ANTÓNIO *(Surpreendido, ferido.)* Doutra maneira, não nos deixam ficar juntos...

AMALIA Sim, toda a gente diria que...

ANTÓNIO Não te agrado?...

AMALIA *(Reacção viva.)* Sim, tanto! Mas...

ANTÓNIO Se me deixas, mato-me!

AMALIA *(Grito fundo de horror.)* Não!!

ANTÓNIO Mato-me, mato-me!!

AMALIA Ouve, António, escuta: eu nunca pensei em ti assim como... como homem, entendes?!

ANTÓNIO MARINHEIRO

ANTÓNIO (Grave.) Eu sou um homem.

AMALIA (Recuando, as mãos de novo sobre o ventre.) És... tu és um homem... (para de repente: grito de luz, síntese súbita de todos os seus sentimentos confusos:) Não, não!: tu és um rapazinho, António!!! (Silêncio breve; muito doce:) Tão novo, tão novinho ainda... (Mais uma vez se aproxima de António, acariciando-o.)

ANTÓNIO (Que está sentado numa cadeira, poisando a face na mão de Amália: infantil.) Que voz a tua, Amália! Tão boa, tão meiga!... Quando tu falas comigo, assim... é como se eu estivesse adormecido e as tuas palavras me chegassem em sonhos — num sonho bom. É verdade isto que eu te digo, Amália juro! (Levanta a cabeça, fixando Amália:) Queres saber? Parece-me que a tua voz não é nova — coisa mais esquisita! — que é antiga, antiga... que sempre a ouvi, sempre!... (Volta a apoiar a face sobre as mãos de Amália:) É tão bom escutar as tuas palavras... tão bom!...

AMALIA (Muito suave, maternal.) Quem me dera que tu fosses pequenino, António!: Queria poder pegar-te ao colo, esconder-te todo nos meus braços... E sofro... ai, sofro muito! porque já não posso fazê-lo: (Com um quase-espanto sincero:) Que crescido... que grande, que alto estás, António!!

ANTÓNIO (Infantil.) Sei... tenho a certeza de que não é de agora a tua voz... ouvi-a muitas vezes, antes de te ver, Amália! Muitas vezes, muitas, muitas...: escondida, como um fio de água clarinha, no fundo da fala da outra gente, ou no vento, ou no mar: saltava de repente, como um relâmpago, e logo deixava de a escutar... Mas era ela, era a tua voz, Amália! E eu ficava todo a tremer, alagado em suores frios, com um gosto a sangue na boca...

AMALIA (Arrepio.) Sangue?!...

2 . ° A C T O

ANTÓNIO Sangue, Amália: era tão forte este sabor, que eu não tinha mão em mim e sempre cuspiá, pra ver... Mas não: o cuspo vinha branco. É uma voz antiga... antiga, antiga, a tua!...

AMÁLIA *(Sempre com a cabeça de António entre as mãos; a cantar devagarinho, em toada e jeito de embalar.)* «Dorme, dorme, meu menino»... *(Muito doce:)* Todas as noites, todas! sonho contigo: Uma vez, estava eu lá em baixo, na Ribeira, mesmo à beirinha do Tejo... Fazia calor e não bulia uma aragem. De repente, caiu-me um lenço para a água e eu, é claro, debrucei-me para o apanhar... Queres saber o que eu vi no rio? A tua imagem, a tua cara, António! Saía como um fumo do meu seio, cada vez mais clara, mais viva... Era como... como se o Tejo fosse um espelho e tu estivesses dentro de mim!!?

ANTÓNIO Quero viver sempre ao pé de ti, Amália!...

AMÁLIA Não quero, não posso perder-te, António!

ANTÓNIO *(Infantil.)* Casamos, então?

AMÁLIA *(Reacção involuntária, retirando logo as mãos da cabeça de António.)* Casar?!... Mas... *(Rígida:)* Sou velha; eu já sou velha pra ti.

ANTÓNIO És nova, Amália; e muito bonita.

AMÁLIA *(Torturada.)* Tenho mais... eu sei lá! talvez quinze, dezassete anos, que tu, António: é muito!

ANTÓNIO *(Embevecido.)* Tu és nova!...

AMÁLIA Podia ser tua mãe...

ANTÓNIO MARINHEIRO

ANTÓNIO *(Riso irónico; simples.)* Minha mãe?! Imaginem!...
(Ouve-se, lá fora, um assobio especial: discreto, apenas perceptível.)

AMALIA Tenho medo, António! Não sei porquê, não sei...? mas tenho medo... Ai, tenho, tenho!... *(Corre para António e esconde-se nos seus braços.)*

ANTÓNIO *(Que beija os cabelos de Amália.)* Querida... querida!... *(Levanta o rosto de Amália e beija-a na boca.)*

AMALIA *(Reacção brutal, feroz: empurra António com violência; esfregando os lábios com as mãos.)* Não! Não quero!!... Isto, não!!!

ANTÓNIO *(Desesperado.)* Amália!?

AMALIA *(Grito visceral.)* Não!!! *(De novo o mesmo assobio, agora mais prolongado e audível.)*

ANTÓNIO *(Logo sobressaltado, escutando.)* Ouves?... estás a ouvir?... É o Rui! *(Corre para a janela, que abre: À porta da taberna, a fumar, está Rui: sempre sôzinho, um saco de viagem às costas; a luz, e os outros meios da cena, devem usar-se para acentuar «a solidão poética e terrível, marmôreamente bela» desta personagem.)* Chegou... olha, Amália, sempre veio!... *(Exuberante, vai para chamar Rui; de súbito, sustém-se: os lábios entreabertos, o gesto do braço suspenso. Depois, bruscamente, fecha a janela. Rápido, volta-se para Amália: o rosto contraído, cheio de sombras.)* Não! Não o quero aqui, hoje!: ele assombra tudo, apodrece tudo... traz desgraça, Amália! Que vá pro diabo: não o quero!!

AMALIA *(Indecisa, quase compadecida.)* É a noite de Natal...

2 . ° A C T O

ANTÓNIO *(Abraçando-se a Amália, num arrepio, anstiosamente.)*
Por isso, por isso mesmo! Ele estraga tudo, arrefece tudo!
separava-nos, Amália!!

AMÁLIA *(Correspondendo ao abraço, frenética.)* Não posso se-
parar-me de ti!!

ANTÓNIO *(Desesperado.)* Não me deixes, Amália!!

AMÁLIA *(Violência súbita: toma entre as mãos crispadas a
cabeça de António e, afastando-se um pouco, contempla-a
intensamente nos olhos. Voz profunda, rasgada.)* Eu nunca
mais te deixo, António.

ANTÓNIO *(Quase medo, indicando com um meio-gesto o sitio onde
está Rui.)* Ele...

AMÁLIA *(Rude, firme.)* Enxota-se! não entra aqui!!

ANTÓNIO Então... queres?...

AMÁLIA *(Feroz.)* Quero. Caso contigo, António. *(Beija Antó-
nio na boca, desesperadamente. Lá fora, pela terceira vez,
aquela gargalhada de escárnio, ainda mais prolongada e
metálica.)*

P A N O

FIM DO 2.º ACTO



TERCEIRO ACTO

1.º QUADRO

CENÁRIO

O mesmo dos actos anteriores.

Quando o pano sobe, Amália passa a ferro um fato de António, enquanto Bernarda, sentada em cadeira buíza, junto da porta semiaberta, cose à mão uma qualquer peça de vestido.

Verão. Sol-poente: far-se-á incidir sobre o anel de corda (donde, neste acto, pende apenas um pano de seda escarlate, longo a rasar o pavimento) um foco de luz vermelha: Pretende-se assim sugerir o laço-forca que serviu a Jocasta, na tragédia de Sófocles, para consumir o seu suicídio.

Silêncio, durante alguns segundos.

CENA I

BERNARDA Este vestido está pra prova hoje?

AMALIA Está, mãe; mas não se rale: se não puder ser hoje, será amanhã... ou quando calhar!

BERNARDA (*Censura, desdém.*) Pois, assim é que tu fazes bem: enxota as freguesas, manda-as embora!...

ANTÓNIO MARINHEIRO

- AMALIA *(Alegre, encolhendo os ombros.)* Ai, os abalos que isso me dá!...
- BERNARDA *(Suspendendo o trabalho; irritada.)* Pudera, estamos ricas!
- AMALIA Há quem viva pior.
- BERNARDA Jesus, então não há?: só o dinheirão que o teu marido ganha!...
- AMALIA *(Ferida.)* E ganha: o António tem um bom ordenado.
- BERNARDA *(Desprezo.)* Ora!...
- AMALIA E não quer que a gente trabalhe, bem sabe.
- BERNARDA *(Seca.)* Cá pela parte que me toca, hei-de trabalhar até morrer: hei-de pagar sempre o pão que como, fica sabendo.
- AMALIA *(Indo até junto de Bernarda: felicidade íntima, ternura.)* Ó mãe, não seja assim! Diga-me cá uma coisa, bem do fundo do seu coração: mesmo certo, ainda embirra com o António? Não vê como ele é bom pra mim? Não vê como... Ai, mãe, há seis meses que estamos casados e nunca, por nunca ser ele teve uma palavra grossa, um modo mais ruim pra si! Nunca. É mentira? E pra mim?: Seis meses de céu! Ainda me parece um sonho.
- BERNARDA *(Taciturna sempre.)* O pior será quando acordares...
- AMALIA *(Carícia gaiata a Bernarda.)* Não seja rabugenta, senhora! *(Volta para a mesa de trabalho; pega nas calças de António e beija-as exuberantemente.)* Sou tão feliz, tão

3 . ° A C T O

feliz, que... alegria! (*Ansiedade súbita, indo mirar-se num espelho:*) Diga olhe, às vezes, parece que me estala o coração, que rebento de a verdade, mãe: você acha me velha? acha que... sim, que fico muito velha ao pé dele?... (*Bernarda encolhe os ombros, resmungando.*) Você não ouve? Há ocasiões em que tenho medo...

BERNARDA Agora, tudo é carinha limpa; os ossos vêm depois...

AMÁLIA (*Inquieta.*) O António gosta de mim. (*Violenta:*) Gosta, gosta, gosta!! Nem uma santa de altar, é tão adorada como eu!...

BERNARDA Ai, que rica santinha! Dá tempo ao tempo, filha: Quando ele levantar o manto e vir que a santa tem uma perna quebrada...?!

AMÁLIA (*Brusca.*) Não a entendo, mãe!

BERNARDA (*Cruel.*) Entendes... entendes muito bem!

AMÁLIA Você é ruim, mãe!

BERNARDA Uma peste, estás fartinha de mo atirar à cara. Por isso, sempre te vou dizendo que não é com cuspo que tu podes consertar a perna da... santa!...

AMÁLIA (*Mexendo-se muito, nervosa,*) Cale-se p'r'aí, senhora: você está tonta!

BERNARDA (*Irada, levantando-se.*) Não é com cuspo, Amália!

AMÁLIA Olhe, sabe que mais? Cada vez estou mais convencida de que o que você tem é inveja: não é capaz de me ver contente, é superior às suas forças! (*Raiwa:*) Eu nunca

ANTÓNIO MARINHEIRO

soube o que é viver: só agora, só agora! só de há seis meses pra cá! Ao pé do meu António, até as coisas más da vida, as piores, parecem boas e bonitas!... Gosto dele, estou doída por ele: cada vez mais, cada vez mais! Não me lembro, não quero lembrar-me de nada do que aconteceu antes do António vir...

BERNARDA Isso querias tu: mas não, não pode ser, filha! Hás-de lembrar-te toda a tua vida de que tiveste um primeiro marido, e da morte que lhe deram...

AMÁLIA (*Em fúria.*) Quer saber? quer que eu diga a verdade?: já nem sei como era a cara dele, nem a voz, nem... nada! É quando penso que esse velho dormiu ali comigo, naquela cama, toda eu me sinto arrepiada de nojo... de nojo, sim senhora!

BERNARDA Nojo devias tu sentir quando as mãos desse... do matador do José te tocassem no corpo! Mais que nojo, vergonha e medo... Medo, Amália, medo!: Não te cheiram a sangue as mãos dele?!...

AMÁLIA Medo?!... (*Riso nervoso; falso cinismo primeiro; depois, e cada vez mais, uma volúpia mística.*) Ai, só você agora me fazia rir! Medo?! Quando as mãos benditas do António me tocam, tudo em mim, cá por dentro, começa a cantar, mãe! É como se me tocasse a asa dum anjo!... Se me cheiram a sangue as mãos do meu sol?! Cheiram-me a rosas, sabem-me a mel... são de seda fina as mãos do meu homem! (*Outra vez a ver-se ao espelho; orgulho, força sensual.*) Olhe bem pra mim, mãe! Toda a gente o vê, todos o dizem, menos você: É ou não verdade, que eu estou mais nova, mais bonita? (*acariciando o rosto, os seios, o ventre.*) Mais nova... cada dia mais nova... cada vez mais cheia de força!...

3 . ° A C T O

BERNARDA *(Cruel, chocarreira.)* Ah, logo envelheces... mais depressa do que julgas: deixa-o descobrir que afinal a santinha tem uma perna quebrada, e verás!...

AMALIA *(Grito.)* Não tenho medo!!

BERNARDA *(Indo para Amália: feroz.)* Já lhe disseste?!!

AMALIA *(A gastar a angústia no mesmo grito.)* Não tenho medo, não tenho medo!!!

BERNARDA *(Em desafio.)* Então conta-lhe tudo!! *(Amália, sempre excitada, dá uma volta e, subindo para uma cadeira, pretende tirar o pano encarnado pendurado no laço de corda: fica assim com a cabeça ao nível desse laço, fortemente iluminada pelo referido foco de luz vermelha; desgrenhada, a tremer, os olhos em fogo — figura de tragédia.)*

AMALIA *(Com medo, descontrolada, monocórdica.)* Não tenho medo... não tenho medo...

BERNARDA *(De súbito apavorada, ao ver Amália assim envolta por aquele halo sangrento.)* Amália!!?... *(Ao mesmo tempo, do lado de fora, vem embater com violência, de encontro ao vidro da janela, um grande pássaro negro, que solta um grito estranhamente rouco e logo cai morto na rua. Então volta a ouvir-se, sempre aguda e metálica, a mesma gargalhada do 2.º acto. Pavor em Bernarda e Amália.)*

CENA II

A LOUCA *(Que é velha, patética e miserável, aparece à porta da rua: apresenta o pássaro morto nas mãos estendidas.)*

ANTONIO MARINHEIRO

A rir, com os olhos ateados.) É um almur... vejam, é um almur!...

BERNARDA *(A medo, com repugnância.)* Está morto?...

A LOUCA *(Que avança uns passos na direcção de Bernarda.)* É um almur!... É o segundo, já é o segundo... *(Riso frio:)* Já vi outro, já vi outro!...

AMALIA *(Que se encaminha, lentamente, para junto da Louca. Arrepio.)* Está morto?...

A LOUCA *(Mostrando o pássaro a Amália.)* É um almur... está morto... está morto!...

VIVVVV *(Fascinada.)* Ai, os olhos dele!...

BERNARDA *(Terror.)* Jesus! fecha-lhe os olhos!...

AMALIA *(Sempre presa aos olhos da ave.)* São verdes... têm lume!...

A LOUCA É um almur... *(Trémula, a chorar, voz gemida de criança:)* É o segundo, é o segundo que eu vejo: Da outra vez... *(solta um grito de horror e atira fora a ave, indo esta cair aos pés de Amália.)*

BERNARDA *(Acariciando a Louca, compadecida.)* Pronto, sossega!... Então, o que é isso?... Vá, não tenhas medo... *(A Louca chora com longos uivos.)* Não vês que o pássaro está morto?...

A LOUCA *(Agarrando-se a Bernarda.)* Da outra vez... *(a gritar, aterrorizada:)* Acudam! Fogo, fogo!... *(Escondendo a*

3 . ° A C T O

cabeça no peito de Bernarda:) Ardeu tudo, tudo!... Só cinzas, só cinzas, só cinzas...!: Era tão linda a nossa casa! Tinha as paredes cor-de-rosa, as janelas azulinhas... e uma lareira grande, grande!... *(Agitada, aflita, a chamar:)* Pai! meu pai!? Onde está vossemecê metido?! Paaaai!!?... *(Uns passos trôpegos, indecisos. Pára, de repente, a olhar para o chão:)* Jesus! Jesus Senhor!... *(Como que apanha umas peças de roupa no pavimento; a mirá-las:)* É o casaco do meu paizinho!... *(Como que debruçada no beiral dum poço:)* Nunca vi um poço assim: tão fundo... tão fundo!... *(A chamar para dentro do poço:)* Pai!? Paaaai!!?... *(Grito visceral:)* É ele... ai, que o meu paizinho afogou-se!... *(Angústia viva, a correr pelo aposento:)* É ele, é ele!... Vi-o, eu vi-o!... Acudam! O meu pai deitou-se ao poço! Acudam!!... *(Sai para a rua, tentando correr, apoiando-se às paredes:)* Acudam!... Acudam!!... *(Escureceu: é quase noite.)*

CENA III

AMÁLIA *(Que, durante toda esta fala da Louca, esteve quase sempre alheia, ajoelhada no chão diante da ave morta, obcecada na contemplação dos seus olhos abertos.)* Está a ver, mãe? Os olhos do pássaro deitam luz!...

BERNARDA *(Que vai acender um candeeiro de petróleo. Medo.)* Deixa isso. Levanta-te daí!...

AMÁLIA Olhe... veja aqui... aqui, na minha mão: está a ver? os olhos dele iluminam!...

BERNARDA *(Num murmúrio arrepiado.)* Ouviste? ouviste a Louca? Da outra vez que ela viu esse pássaro... ardeu-lhe a casa...

ANTONIO MARINHEIRO

o pai afogou-se no poço... *(Num grito, violenta:)* Ai, Amália, que ele traz-nos desgraça! Deita-o fora! tira-me isso da minha vista!...

AMALIA *(Toma o pássaro numa das mãos, levanta-se lentamente, sempre como que fascinada e, aproximando-se da mesa, pega no candeeiro aceso com a outra mão, procurando iluminar bem a ave: está diante da porta da rua, para esta voltada de frente.)* Como se chama este pássaro?... Almur, não é?... Nunca ouvi tal nome... É o primeiro, é o primeiro que eu vejo... Jesus, que olhos os dele: queimam, queimam-me! Mãe, chegue aqui: cerre-lhe os olhos, feche-lhos já!... *(Na porta da rua, aparece Rui, logo seguido por António. Agitação em Bernarda. Amália não dá por eles.)*

CENA IV

RUI *(Que ficou imóvel à entrada, fortemente iluminado, de baixo para cima, pelo candeeiro que Amália mantém erguido na mão; crueldade, ironia cortante.)* É um almur... isso, é um almur!

AMALIA *(Surpreendida, encara de súbito com Rui: silêncio ardente; depois, terror repentino; a recuar.)* Os olhos... os olhos!... *(A apontar para Rui:)* Ele tem os olhos do pássaro... os mesmos, os mesmos!... *(Olha, com espanto e medo, para o almur, arremessando-o logo a seguir aos pés de Rui. Como que a limpar a mão que contactou com o pássaro esfregando-a de encontro ao peito. Terror:)* Quem é este homem?!... *(Rui, sempre imóvel, sorri em silêncio.)*

ANTONIO *(Que tem estado na semi-obscuridade, avança para Amália, tira-lhe o candeeiro que poisa em cima da mesa, e abraça-a carinhosamente.)* Que tens tu, Amália?!... Este é o

3.º A C T O

Rui, não te lembras?!... (*Amália, que não tira os olhos do rosto de Rui, encolhe-se mais nos seus braços.*) Chegou hoje, esta manhã... É o Rui, Amália!?! (*Para Bernarda, intrigado:*) Mas o que tem ela?! (*Bernarda, sempre ansiosa, desvia a cabeça e não responde.*) Anda cá, Rui vem falar à minha mulher...

AMALIA (*A tremer.*) Ele tem os olhos do pássaro... (*Reacção violenta de choro, abraçando-se freneticamente a António:*) Ai, António... tenho medo, tenho medo!...

ANTÓNIO (*Carinhoso, beijando os cabelos de Amália.*) Ó Amália, mas... Medo? medo de quê?!...

RUI (*Avançando um passo.*) Do almur. (*Riso silencioso.*) De mim...

BERNARDA (*Brusca, toma uma vassoura e, abrindo de par em par a porta da rua, pretende varrer para fora o pássaro morto.*) Não quero ver isto aqui mais tempo!... (*Debruça-se sobre o almur, para executar o seu intento; mas fica inibida, indecisa, a contemplar ansiosamente a ave...*)

RUI (*Riso silencioso, tocando com a ponta do pé no pássaro.*) Isso, aproveite, tiazinha! Veja-o bem! Olhe que muito pouca gente, em todo o mundo, se pode gabar de tal coisa: o almur é pássaro raro. Tu já tinhas visto algum, António?

ANTÓNIO (*Que deixa Amália, sempre inquieta, e se aproxima da ave, observando-a.*) Uma vez, na Grécia...

RUI Dizem que dantes, noutros tempos, havia muitos por lá, pelos mares da Grécia... Agora, não. (*Sibiltino:*) O almur vive toda a vida no mar; mas, quando sente que vai

ANTÓNIO MARINHEIRO

morrer, voa prà costa: morre sempre em terra. (*Toma o almur nas mãos: contempla-o, com crueldade:*) Dizem também que campo onde ele caia morto, é campo seco que nunca mais dá grão...

AMALIA (*Que se aproxima do grupo.*) Pássaro maldito!...

ANTÓNIO (*A reagir.*) Coisas que dizem!...

BERNARDA (*A gritar.*) Deite-me isso fora!!

RUI (*Fixando intensamente António e, logo depois, Amália*) ...E se, por um azar, o almur vai cair morto sobre uma casa habitada... aí das criaturas que vivem nessa casa!: não há doença má, nem calúnia, nem perseguição que não lhe rebente em cima!! (*Silêncio breve; depois, sorriso frio:*) Mas isto são fados do povo: não vale a pena ligar-lhes importância... (*Falsamente grave; cruel:*) Dizem que os filhos se voltam contra os pais, que as crianças morrem de podres, que entre o marido e a mulher — por mais amigos que sejam! — nasce uma raiya tão grande que...

AMALIA Cale-se!!

RUI (*Riso falso.*) Ora, toadas do povo...

AMALIA (*Que se aproxima muito de Rui: rosto com rosto, fixando-o nos olhos.*) São iguais... são iguais!...

RUI (*Imóvel sempre, sorrindo.*) É verdade, isso?!...

AMALIA (*Suspensa ora dos olhos de Rui, ora dos do almur.*)
| O mesmo verde... o mesmo frio... (*num grito de pavor:*)
| são iguais!!! (*Foge para junto de António, abraçando-se*

3 . ° A C T O

a ele espasmòdicamente.) Ai, que eles separam-nos... eles separam-nos, Ant3nio!!?...

RUI *(Mordente.)* Eles?!...

ANT3NIO *(Em reacção brusca, tira o pássaro das mãos de Rui e lança-o para a rua; cerra violentamente a porta.)* Pronto, acabou-se a história: criancices, parvoeiras sem pés nem cabeça!... *(Censura carinhosa:)* Ó Amália, parece impossível: então é assim que tu recebes o Rui?! A primeira vez que eu o convido e... *(Para Rui:)* Não faças caso: ela é muito nervosa!...

RUI *(Observando Amália.)* É muito bonita. *(Silêncio; depois, para Amália:)* O almur já lá vai... Fiquei eu. *(Bernarda, lúgubre e em silêncio, sai pela porta interior.)*

CENA V

AMALIA *(Recompondo-se.)* Desculpe, eu...

RUI *(Ironia amarga.)* As mulheres vêm logo, descobrem tudo numa só olhadela, Ant3nio!...

AMALIA *(Oferecendo uma cadeira a Rui.)* Sento-me...

RUI *(Tapando os olhos com as mãos, para Amália.)* Pode chegar-se a mim: deste modo, não fuço mal...

ANT3NIO *(Palmada amiga.)* Querem ver que ficaste melindrado? Deixa: coisas de mulheres...

AMALIA *(Em desculpa.)* Aquele pássaro...

ANTÓNIO MARINHEIRO

- RUI (*Quase feroz.*) O almur?...
- AMALIA Fez-me mal... não sei... (*Para António:*) E depois, esteve aqui a Louca...
- ANTÓNIO (*Passando o braço pela cinta de Amália.*) Acabou-se, não se fala mais nisso! Donde vieste, Rui?
- RUI (*Sorriso húmido, após silêncio mordente.*) De Buenos Aires.
- ANTÓNIO Bom?...
- RUI (*Encolhendo os ombros.*) O mesmo.
- AMALIA (*Para Rui.*) Sente-se!...
- RUI (*Que continua de pé.*) Não tenha medo: não me demoro muito!
- AMALIA Não janta com a gente?...
- RUI Gostava muito mais de si, há bocado: era mais verdadeira, mais bonita... (*Amália senta-se.*)
- ANTÓNIO (*Grande riso.*) Lá estás tu!... (*nostalgia vaga:*) Buenos Aires!: desembarcámos lá os dois...
- RUI (*Amargo, vítreo.*) Ainda te lembras disso?!...
- ANTÓNIO Que diabo, ainda não passou assim tanto tempo! Ora deixa cá ver, foi há...
- RUI (*Cortando.*) Mil anos.

3 . ° A C T O

ANTÓNIO (*Que compreendeu, após silêncio curto, oferecendo um cigarro.*) Queres?...

RUI (*Observando o cigarro; com deslém.*) «Português Suave»?... Não, obrigado.

VOZ DE BERNARDA (*A chamar.*) Amália?! Ó Amália, chega aqui JÁ!...

AMÁLIA (*Que sai pela porta interior, não sem olhar, com insustidã inquietação, para Rui.*) Desculpem... é por causa do jantar, com certeza! Com licença...

CENA VI

ANTÓNIO (*Após um silêncio em que ele e Rui se olharam profundamente; com certo constrangimento.*) Agora, tudo mudou...

RUI (*Sem querer responder.*) Vi a Rosita, em Buenos Aires...?!

ANTÓNIO (*Certa ansiedade, sincero.*) Sou feliz. Eu, agora, sinto-me feliz!...

RUI (*Após silêncio breve, durante o qual contempla António duma maneira estranha, com ódio.*) Procurei a NOSSA encomenda... lembras-te?...

ANTÓNIO (*Que olhou apreensivo para a porta interior, baixando a voz.*) Fala mais baixo!...

RUI (*Que se aproxima mais de António, pondo-lhe as mãos nos ombros.*) Lá estava ainda... Tal e qual, António!; de-

A N T O N I O M A R I N H E I R O

baixo da ponte, escondida naquele buraco, com a mesma pedra por cima...

ANTÓNIO *(Interessado.)* O quê?! estava ainda boa?...

RUI *(Sinal afirmativo.)* As ampolas inteiras; os cigarros secos.

ANTÓNIO *(Baixando ainda mais a voz.)* Vendeste?...

RUI Logo: numa hora, despachei aquilo tudo!

ANTÓNIO Onde?... *(Enche dois copos com vinho.)*

RUI Numa «boite» nova, que tu não conheces: tudo gente da alta, com massa... É o «Gallito».

ANTÓNIO *(Oferecendo o vinho a Rui, que aceita.)* E a polícia?

RUI *(Encolhendo os ombros.)* Com gente daquela?! Aquilo está tudo mais que protegido, homem!... *(Sorriso mordido:)* Até eu experimentei.

ANTÓNIO *(Surpresa, sombras.)* Tu?!

RUI E gostei. Tenho continuado: olha... *(mostra, nas veias do ante-braço, as marcas das injeções.)*

ANTÓNIO *(Impulso sincero.)* Não faças isso, Rui!!

RUI *(Olhando profundamente para António.)* Preciso. Desde que...

ANTÓNIO *(Ansioso.)* Desde que...?

3.º A C T O

RUI *(De súbito duro, frio.)* Deram vinte contos. Aqui tens a tua parte... *(põe um masso de notas em cima da mesa.)*

ANTÓNIO Dez?

RUI Claro!

ANTÓNIO *(Enchendo novamente os copos.)* Não é justo: tu fizeste a coisa toda, sòzinho.

RUI Agora, sim. Mas há dois anos? Nessa altura, quem passou a droga do navio, quem procurou esconderijo, quem correu o risco? Tu, sem mais ninguém! Já vês que... *(Empurrando o dinheiro para António:)* Guarda.

ANTÓNIO *(Hesitante.)* Não sei se... Percebes? Não sei se a Amália quererá...?

RUI *(Desdém.)* Mulheres!...

ANTÓNIO Agora, é tudo diferente, Rui: Casa!... trabalho... Este dinheiro...

RUI *(Ironia amarga.)* Pertence ao passado, não é? *(Levanta-se e bebe o vinho dum trago.)* E depois tu, se calhar, já te esqueceste, já não sabes reconhecer uma nota de mil?! Habitaste-te às de vinte mil róis... *(riso escarninho; depois, sério de repente, com ardor:)* Mesmo certo, António, tu contentas-te com... isto?! *(olha em redor.)* Satisfaz-te esta vida?... Não acredito. *(Violento:)* Não acredito!!...

CENA VII

(Amália entra, busca e pega num qualquer utensílio

ANTÓNIO MARINHEIRO

de cozinha e, sempre em silêncio, vai para sair pela mesma porta interior.)

ANTÓNIO *(A chamar.)* Amália?!... *(Toma-a nos braços. Para Rui:)* Sinto-me bem; estou tão contente!... *(Amália, a sorrir, desprende-se e sai: tímida, inquieta sempre.)*

CENA VIII

RUI *(Que se fica a olhar a porta por onde Amália saiu: ferocidade glacial.)* Ela é velha...

ANTÓNIO *(Logo sério, agressivo.)* Rui?!!

RUI *(Dominando-se.)* ...Mas muito bonita.

ANTÓNIO *(Simples.)* Sou tão feliz, agora!...

RUI *(Desprezo, ódio, ciúme.)* Feliz, aqui?! *(gargalhada.)* Pois eu sinto-me preso: pior que na cadeia! Até as palavras se me enrolam na boca, que nem casca de laranja!... *(riso; logo grave, triste, quase frágil, com a voz surda:)* E a nossa liberdade?... *(Um passo para António; ansioso, como que espantado, maior veemência na voz:)* E a nossa liberdade?!... *(Agarrando António com violência; grito de angústia feroz:)* A nossa liberdade, António?!!

ANTÓNIO *(Contagiado, inquieto.)* Éramos mais novos...

RUI *(Quase ódio.)* Eu sou novo!!

ANTÓNIO ...Agora é diferente... casei...

3 . ° A C T O

RUI *(Largando logo António, numa espécie de explosão histérica em que movimenta todo o corpo.)* Ah... casaste!!...

ANTÓNIO *(Outra vez firme.)* E sinto-me bem.

RUI *(Desdém agressivo.)* Bem!?!... Dantes, todo o mundo era teu... nosso! Lembras-te? Tínhamos — temos ainda! — tesoiros escondidos em Hamburgo, no Rio, em Xangai...

ANTÓNIO *(Com desgosto.)* Tesoiros roubados.

RUI *(Fúria negra; liberdade.)* E depois!? Roubados, sim senhor!! A quem, António? roubados a quem?! A essas velhas ricas, mais nojentas que a lepra, com mais vício no corpo do que água tem o Tejo!... *(Mimando a cena: movimentos livres e sedutoramente eloquentes.)* Lembras-te, António? ainda te lembras? Primeiro, passavas tu e olhavas... Depois passava eu, e sorria... *(Alegria selvagem:)* E logo elas começavam a tremer, a mexer-se, com o olhinho a luzir, gulosas... ai, tão gulosas! Era assim, ou não?!... *(Enfim irmanados, riem ambos, cruelmente, as mãos nos ombros um do outro: não à maneira de dois bons camaradas que se encontram mas, dum jeito mais arranhado, felino, com um não sei quê de satânico.)*

ANTÓNIO *(Mimando.)* Eu passava, devagar, pé aqui, pé acolá, e olhava... Depois vinhas tu, sorna, sorna! e sorrias...

RUI E elas aguadas, aguadas!...

ANTÓNIO Feias como o diabo, pintadonas, ajoujadas de jóias!...

RUI Caíam todas, todas! *(Gargalhadas ferozes de ambos.)*

ANTÓNIO Tu eras o mais alto...

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

RUI E tu o mais bonito!... *(Risos. De súbito, agarra violentamente nas notas que estão ainda em cima da mesa e oferece-as a António:)* Toma!...

ANTÓNIO *(Outra vez hesitante.)* Não sei... talvez a Amália não queira...?

RUI *(Que espalha o dinheiro sobre a mesa.)* Estás arrependido, não é? Tens vergonha do nosso passado? Vai ao padre, confessa-te!... *(gargalhada; logo sério, profundo:)* Tu traíste, António! traíste, tu traíste!: passaste para o lado de lá; agora, és como eles.

ANTÓNIO *(Excitado, inseguro.)* Tenho paz, tenho sossego! Querias que eu...

RUI Passaste-te pra eles: pròs bons, pròs ricos, pròs honestos... *(Ironia cruel:)* Fizeste bem, homem! tens razão de sobra pra isso!: Quem é o teu pai? onde pára a tua mãe?... Ai, deves muitas obrigações a esta santa e respeitável gentinha: *(De lume:)* Enjeitado... enjeitado, enjeitado!!!

ANTÓNIO *(A sofrer; agressividade.)* Cala-te com isso! Já estou farto, estás a ouvir?!...

RUI *(Riso frenético.)* E estás com sorte! tens muita sorte, tu que não conhecestes pai, nem mãe. Eu conheci a minha: a minha mãe batia os «bares» ali do Cais do Sodré, todas as noites, ao romper das onze!... Era a Rita! a Rita «suja», como todos lhe chamavam!... *(Riso desesperado:)* Nunca a vi senão bêbada... nunca! *(Feroz, como um animal:)* Morreu podre, desfeita, na rua... Na rua, sim senhor!: sentada num portal, encostada ao caixote do lixo... Lixo! lixo é o que tu e eu somos, António! Lixo, não te esqueças

3 . ° A U T O

nunca!! (*Agarra António:*) Tu passaste-te prò lado de lá, prà banda daquele a quem eu só custei — nom mais um tostão! — os vinte escudos que ele deu à minha mãe, pra se deitar com ela! (*Gargalhada:*) O meu pai!? Nem ela, nem a minha mãe, sabia quem era!... (*riso.*) A gente os dois não somos como os outros, António: por mais que faças, por mais que beijes a lama do chão, tu hás-de ser sempre cuspo... o António «enjeitado»!... (*Rápido, cortante:*) Ela sabe? já contaste à tua mulher como apareceste neste mundo?... (*António baixa os olhos, dorido.*) Não sabe, não sabe!! Tiveste medo, não lhe disseste!...

ANTÓNIO (*Angustiado: firme.*) Disse-lhe quase tudo. Não tenho medo de lhe contar o resto.

RUI Conta e verás: ela foge-te! ela foge-te!!

ANTÓNIO (*Torturado.*) Não!!!

RUI (*Cruelmente.*) Ela é doutra raça. Teve pai, tem mãe: sabe donde lhe vêm os pesos que lhe afundam o sangue. Tu, não. (*A gritar, desesperado:*) Quem? quem foi que nos deixou os venenos que a gente — eu e tu — escondemos no corpo?! (*Mordendo as palavras:*) Eu tenho medo de mim... não há ninguém de quem tenha mais medo! Cada dia descubro uma peçonha nova aqui dentro (*bate com as mãos no peito:*) assalta-me de repente, como um gatuno ao virar da esquina! Não tenho mão em mim, não sei como sou: só sei que o bandido que me deu o ser, **ma pôs** no sangue todas as maldições do mundo! Quem me dera conhecê-lo: quem me dera matá-lo!! (*Pausa ofegante.*) E tu és tal e qual... Ela foge-te, vais ver, ela foge-te!

ANTÓNIO (*Descontrolado, a gritar.*) Amália?! Amália!!?...

ANTÓNIO MARINHEIRO

CENA IX

AMALIA *(Que aparece logo no limiar da porta interior: lívida, mas serena.)* António?...

ANTÓNIO Quero que saibas tudo: mesmo o que eu ainda não tive coragem de te dizer. Não te contei já, porque...

AMALIA *(Sorriso doce, sempre imóvel.)* Porque tinhas vergonha, António...

ANTÓNIO *(Como um menino.)* Era, Amália, era por isso!...

AMALIA *(Para Rui, após silêncio em que o fixa profunda, estranhamente.)* Não, não fujo.

RUI *(Felino.)* Hoje, caiu nesta casa um almur.

AMALIA *(Angústia viva, a gritar.)* Não fujo!!

ANTÓNIO *(Indo para Amália.)* Tu sabes que eu...?

AMALIA *(Indicando a porta.)* Eu estava mesmo ali: ouvi tudo.

RUI *(Riso silencioso.)* Medo?...

AMALIA *(Fixando Rui; terror.)* De si. Medo de si...

RUI *(Ironia cruel.)* De mim?! Estás a ouvir, António? De mim!! E eu a pensar que era do almur que ela tinha medo...

AMALIA *(Que se dirige para junto de Rui: os olhos presos nos dele, como uma sonâmbula.)* É o mesmo... é o mesmo: o almur e você... é o mesmo! *(Os corpos encostados, face a face.)* Os olhos... *(terror:)* tu tens os olhos do pássaro!...

3.º A C T O

Queria saber... dava tudo para saber o que é isso que tu tens nos olhos: no fundo... no mais fundo!?!... (*Violência nervosa, agarrando-se à roupa de Rui:*) O que é? o que é que tu tens aí escondido?! Diz-me, diz-me!!... (*choro alto.*) Se eu descobrisse... se eu descobrisse tu não podias fazer-me mal! (*Patética, as mãos postas torturadamente, para António:*) Se eu fosse capaz de descobrir!?!... (*Num ímpeto de raiz rasgada, correndo para António:*) Ai, que eles separam-nos! eles levam-te, eles levam-te!!... (*estão freneticamente abraçados.*)

ANTÓNIO (*Também corrido por pressentimentos; medo súbito.*)
Não me deixes, Amália!!

AMÁLIA (*Transida, sempre agarrada a António.*) Tenho medo...
tenho muito medo!

ANTÓNIO (*Desfazendo o abraço; para Rui: duro.*) Eu nunca devia ter-te deixado pôr aqui os pés: tu estragas tudo... dás azar, tu dás azar!...

RUI (*Que ouviu a fala de Amália sempre imóvel, com um sorriso gelado nos lábios; avança na direcção de António, até ficarem ambos rosto com rosto.*) Não descobres? também não adivinhas?... (*Sincero, ansioso:*) Talvez seja um sinal... talvez uma palavra?... Não lês, António, não lês?... não lês nos meus olhos?...

ROSA (*De fora, batendo à porta com violência.*) Amália? Ó Amália?!... (*Por momentos, Amália, Rui e António ficam imóveis: o medo nos olhos, uma palavra contida entre os lábios. Depois, sempre assustada, Amália vai abrir: Entra logo Rosa.*)

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

CENA X

ROSA *(Que traz um prato na mão.)* Ó Amália, empresta-me aqui uma mancheia de arroz: amanhã, pago-ta!... Viva, António! *(Para Rui, curiosa:)* Boa noite!?!... *(vai para fechar a porta, mas sustém-se ao ver a Louca que está sentada no portal:)* Então vossemecê esta noite dorme aí?! *(A falar para Amália:)* Há que tempos, que ela está ali sentada!: Se calhar tem fome, coitadinha... *(Fechando a gola do vestido, arrepiada:)* Jesus, que frio que faz aqui! Mesmo certo, não sentem?! *(a palpar a testá:)* Naturalmente estou com febre?!... Pois olhem que, na minha casa, tinha calor... *(Mudança rápida:)* Credo, não dizem nada, estão mudos?!... *(Amália, em silêncio, toma o prato das mãos de Rosa e sai pela porta da cozinha. A Louca levantou-se e está de pé, no limiar da porta da rua, voltada para os espectadores. António e Rui, sempre quietos, hirtos.)*

A LOUCA *(Ansiosa, olha em redor cada vez mais aflita; como que cheira, as narinas em movimento fibrilhar.)* Onde está?... onde?...

ROSA *(Encolhendo os ombros.)* Pobrezinha! *(Para António, bisbilhoteira:)* Dizem que ficou assim dum desgosto que teve, que dantes... *(Novo arrepio:)* Credo, que frio!...

AMÁLIA *(Que entra, logo seguida por Bernarda; dando o arroz a Rosa.)* Toma lá... *(Rosa aceita.)*

A LOUCA *(Afastando o pão, excitada, a tremer.)* Onde está o sangue?... onde?... *(Amália, apavorada, vai para junto de António.)*

ROSA *(Medo.)* Sangue?!... *(Recompondo-se logo:)* Não sabe

3.º A C T O

o que diz, é uma inocente... *(Para a Louca:)* Quer um caldinho quente? venha daí comigo, à minha casa...

(A Louca de súbito solta uma gargalhada estridente, e começa a cantar baixinho, ao mesmo tempo que vai bailando lugubrememente entre as figuras em cena.)

ANTÓNIO *(Impressionado, duro.)* Dêem-lhe de comer, e mandem-na embora!...

ROSA *(Meio a rir, sem no entanto conseguir a habitual toada folgazã.)* Olha, temos dança! Eh, António, quer ser o meu par? *(Calafrio:)* Jesus, sinto-me toda partidinha pelos arrepios: está mais que visto, tenho febre!?!... *(outra vez a palma da mão na testa.)*

BERNARDA *(Muito direita, a voz rouca, abraçando-se com ambos os braços.)* Faz, faz muito frio aqui!...

ANTÓNIO *(Medo, tentando gracejar.)* Mas é verão... estamos no verão!? Lá que vossemecê, mãe, sinte frio... entende-se, já não é criança! agora você, Rosa?! Tenho que falar com o Adolfo, porque... *(Irritado, para a Louca que não pára de cantar e bailar:)* Pronto, acabou-se! Quieta, ouviu!? *(Tomando-a por um braço:)* Rua! daqui pra fora!...

A LOUCA *(Após silêncio ardente, fixando António nos olhos.)* Sangue!... *(Em súbito repelão, solta-se de António e, sempre rodopiando, inicia uma espécie de vertigem, parando apenas alguns segundos junto de cada um dos presentes para lhes dizer a sua palavra-profecia, e logo continuando o movimento alucinado. Para Bernarda, cuspiendo no chão:)* Cinza!... *(Para Rui, que a olha sorrindo sempre, afastando-se logo dele, a tremer de frio:)* Pedra!... *(Para Amália que, apavorada, foi recuando; pegando-lhe na mão, a rir baixinho, toda fogo:)* Sangue!... *(Dá uma longa gargalhada)*

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

e corre para a porta da rua; pára então no limiar, repentinamente triste e, contemplando sempre a mão com que apertara a de Amália, começa um débil choro-uivado:) Sangue... sangue!... (Sai.)

ROSA *(Impressionada.)* Credo, parecia uma bruxa!... *(benze-se. Depois, a reagir:)* Ora, é uma doida! *(Observando os outros:)* Não me digam que estão assim por causa da...? *(gesto com o dedo na fronte, a significar loucura.)*

VOZ DE ADOLFO *(Lá fora, a chamar.)* Rosa!? Eh, Rosa?!!...

ROSA *(Logo saracoteada.)* Pronto, ele aí está! *(Resposta gritada, indo até à porta da rua:)* Vou já! Vou já!!... *(Para dentro:)* Tenho que me ir embora, senão aquele desata p'r'ali aos coices e é muito capaz de rebentar a cocheira!... Tem fome: está cansadinho de trabalhar! Isto só visto... Obrigadinha pelo arroz! *(Já a sair:)* Eu não dizia? Venha aqui ver, senhora Bernarda: Na rua sente-se calor! Credo, como faz frio aí dentro!... *(Sai. Já na rua:)* Vou já, Adolfo!

CENA XI

BERNARDA *(Transida.)* Está... está muito frio aqui!...

RUI Não sinto. Bem, vou-me embora...

ANTÓNIO *(Certa dureza.)* Não queres jantar?

RUI *(Intenso.)* Queres que eu jante?!!...

BERNARDA *(Uma velhinha.)* Que frio!... aí, tanto frio!...

3 . ° A C T O

- ANTÓNIO** (*Para Rui.*) Não.
- RUI** (*Sorriso crispadamente doloroso.*) Eu sei.
- ANTÓNIO** Agora, há um mar sem fim, entre eu e tu...
- RUI** (*Esfinge.*) Há, António?!...
- AMÁLIA** (*Explosão nervosa.*) Vá-se embora! Deixe-me, deixe-me, deixe-me!...
- RUI** (*Espécie de serenidade triste.*) Vou, vou-me embora.
- AMÁLIA** (*Indo para Rui: medo, implorando.*) Não nos faça mal... (*descontrolada:*) não nos faça mal!!...
- ANTÓNIO** (*Censura.*) Amália?! Estás doida?...
- RUI** (*Para António.*) É do almur que ela fala...
- BERNARDA** (*Que não saiu do seu canto: cada vez mais enrodiçada.*) Jesus, tenho frio! tenho frio!...
- AMÁLIA** (*Mergulhada de novo nos olhos-enigma de Rui-esfinge.*) O que é?... Se eu descobrisse, se eu descobrisse!?...
- ANTÓNIO** (*Como Amália.*) É um sinal!?...
- AMÁLIA** É uma palavra, é uma palavra!!?
- ANTÓNIO** (*Sempre preso nos olhos de Rui.*) Qual?...
- AMÁLIA** (*Idem.*) Qual?...
- RUI** (*Ironia gelada.*) Qual?... (*Já no limiar da porta da rua, para António:*) É do almur que ela fala! (*Sai.*)

ANTÓNIO MARINHEIRO

CENA XII

BERNARDA Tenho frio. Amália! tenho frio!...

AMALIA (*Brutal.*) Cale-se!

ANTÓNIO (*Idem.*) Cale-se!

AMALIA (*Abraçando-se a António; terror.*) Que foi isto, António?... o que é que nos aconteceu?! Ai, tenho medo! tenho muito medo!! (*Tomando, ansiosamente, a cabeça de António entre as mãos, a observar-lhe o rosto, sôfrega:*) Tu já não gostas de mim?... (*António cerra mais o abraço.*) Seja o que for, vem lá! vem lá, António!! (*Gesto negativo de António, apenas esboçado.*) Vem! e tu bem o sentes: tens medo... tens medo como eu!!... (*A olhar em redor:*) Sei que estas paredes se vão apertar... mais, cada vez mais... aqui, à nossa volta, até nos tirarem o ar... até nos sufocarem, António!!?

ANTÓNIO (*Reagindo, abanando Amália com violência.*) Não sejas tonta, Amália: tudo isso são sonhos... sombras ruins... São, digo-te eu!: vozes que vêm no vento, e com o vento se vão... Abre os olhos, Amália: afinal de contas, o que é que sucedeu? Nada, nada, nada!...

AMALIA (*Encolhendo-se em António.*) E o almur?...

ANTÓNIO Um pássaro como outro qualquer!...

AMALIA E a Louca? aquelas palavras?...

ANTÓNIO Palavras de louca!...

AMALIA (*Calafrio.*) E esse homem?... esse Rui?...

3 . ° A C T O

ANTÓNIO Ora, um tipo raivoso — como eu já fui, Amália! — uma espécie de doente, que não é capaz de aguentar a nossa felicidade...

AMALIA *(Os braços em torno do pescoço de António; ansiosa sempre.)* Não sei, António... não sei, mas... Deus te oiça, Deus te oiça! *(Frenesim:)* Diz-me: gostas de mim? muito, António, muito?... *(Terror; voz rouca, desfibrada:)* Não me deixes, não me deixes, não me deixes nunca!!! *(Beijam-se na boca: violência desesperada.)*

BERNARDA *(Que se sentou a um canto, na cadeirinha baixa; sem olhar para António e Amália. Voz gemida.)* Tenho frio... tenho tanto frio!... *(Amália e António, desfazendo um pouco o abraço, miram Bernarda com hostilidade.)*

ANTÓNIO *(Contemplando, apaixonadamente, o rosto de Amália.)* És tão linda, Amália!

AMALIA *(Ternura, ansiedade.)* Não me achas velha, António?!...

ANTÓNIO De dia, pra dia, tu apareces mais nova, mais limpinha de cara... são tão mansos, tão frescos os teus olhos!...

AMALIA És tu, és tu que me mudas assim: é este desejo que eu sinto de me tornar igual a ti, nova como tu, bonita como tu, António!... *(Grito profundo:)* Não te vás embora, não me deixes!!

ANTÓNIO *(Estreitando o abraço.)* Ficarei sempre contigo: aconteça o que acontecer!

AMALIA Tenho medo, António, que queres tu?! Reparaste bem nos olhos daquele pássaro maldito? Porque, porque razão

ANTÓNIO MARINHEIRO

ele veio morrer à nossa porta e não em qualquer outra casa? Porquê, António?!!

BERNARDA (*Queixume.*) Dói-me aqui (*indica o peito.*)... Tenho frio?!...

AMÁLIA (*Crispação nervosa.*) Cale-se, mãe!

ANTÓNIO Mau! então voltas à mesma conversa?!

AMÁLIA (*Espécie de frenesim.*) Não posso, não sou capaz de me separar de ti!: cada manhã, quando saís prò trabalho, parece-me sempre que tu nunca mais voltas, que... Jesus! olha que eu, às vezes, sigo-te, vou atrás de ti, sem tu dares por isso... E já tenho ficado horas escondida, a ver-te trabalhar!...

ANTÓNIO (*Espanto.*) Ó Amália?!... (*Ternura, beijando-a.*) Amália!...

AMÁLIA (*Tortura.*) Queria abraçar-te tanto, tanto, que tu... Queria poder ter-te aqui, dentro de mim, como a gente tem Nosso Senhor quando comunga: que nada, nem mesmo o que tu pensas, ficasse fora de mim!... Isto é esquisito, bem sei, mas... (*verdade feroz:*) eu gosto tanto de ti, António!!! (*Muito doce, como que iluminada:*) Que feliz é a mãe que traz o seu filhinho, o seu amor, escondido nas entranhas!: ninguém lhe toca, ninguém lhe fala, ninguém o vê!... (*Violência crispada:*) Era assim... era assim que eu te queria, António! Quem me dera que tu te fizesses pequeno, pequenino, até caberes todo aqui, no meu ventre!...

ANTÓNIO (*Terno sempre, rindo.*) Pois, o teu menino! Tu tens cada uma, Amália?! E eu a pensar que já te tinha passado essa mania, de me tratares como se eu fosse um miúdo!... (*na realidade fica infantil, como uma criança.*)

3 . ° A C T O

AMÁLIA (*Estranha, dorida, como que nostálgica.*) O meu menino!... Às vezes, quando vou arranjar a tua roupa, quando a estendo e lhe vejo o tamanho, fico tão admirada que...: Meu Deus, que grande, que grande já está a tua roupa!!?...

ANTÓNIO (*A rir.*) Sabes o que tudo isso quer dizer? Que tu gostavas de ter um filho, que estás morta por ser mãe...!

AMÁLIA (*Estranheza súbita, afastando-se logo de António.*) Um filho meu e... teu?!

ANTÓNIO Então?!...

AMÁLIA (*Nebulosamente; pavor.*) Talvez, talvez... Não, acho que não!... Um filho nosso? meu o teu?!... Muitas vezes, em sonhos, sinto os meus seios vivos, corridos por dentro, nem que estivessem cheios de leite: então vou buscar o meu menino e dou-lhe de mamar... Ai, António, nesses bocadinhos de sonho, parece que morro de alegria! (*Adoração:*) E queres saber como eu vejo o meu filho? És tu: os teus olhos, a tua boca, o teu riso... és tu!!

ANTÓNIO (*Tomando, com certa violência, Amália entre os braços. Dominador, viril.*) Eu sou o homem! o teu homem. (*Amália tem uma reacção de repulsa: António mantém-na apertada, impedindo que se afaste.*) Sim, o teu homem, Amália!... (*Aos poucos, Amália abandona-se: desejo, paixão.*) E hás-de ter o filho que queres, um filho nosso, juro-te eu! Metes-te em sonhos, em imaginações, porque morres por ter um menino, porque nunca foste mãe!

(*Bernarda que, penosamente, se levantou e foi beber água, entorna parte desta no chão, deixando-a extravasar do púcaro e da bilha.*)

ANTÓNIO MARINHEIRO

AMÁLIA *(Nervosa, com rancor.)* Você tem as mãos rotas, mãe?! Bem a entendo, eu bem a entendo! *(Uns passos para Bernarda:)* Ou julga que não?!... *(Bernarda para de beber e olha intensamente para Amália que, após uns segundos, não aguentando mais os olhos da mãe, tapa os seus com ambas as mãos:)* Se os seus olhos fossem balas... se fossem balas, você matava-me, que eu bem o sei!

ANTÓNIO *(Censura.)* Ó Amália, deixa-te de...!?

AMÁLIA Eu conheço-a, António: conheço-a muito bem! O que ela quer é... *(Crispação nervosa, descontrolada, para Bernarda:)* Diga-lhe, diga-lhe, diga-lhe!!! *(Bernarda, sempre em silêncio, fica de pé, imóvel, num canto.)*

ANTÓNIO *(Carinhoso.)* Dizer-me, o quê?... *(Ouve-se um grito de criança, na rua.)*

AMÁLIA *(Correndo para António: terror.)* O almur... é o grito do pássaro!...

ANTÓNIO *(A dominar-se.)* Tem juízo, Amália: foi um miúdo, ali na rua...

AMÁLIA Tenho medo, tenho medo!!... Eu sei que hoje... *(Feroz, para Bernarda:)* Diga-lhe, diga-lhe você!!? *(Bernarda continua hirta, calada, seguindo-a com os olhos.)*

ANTÓNIO Deixa-a, Amália! Que diabo, tu hoje parece que...

AMÁLIA Ela é ruim, António! é má, digo-te eu!... *(Torturada, quase a chorar:)* Segredos, todos têm... todos têm os seus segredos, não é?! *(Revolta:)* Não tive culpa! eu não tive culpa!! *(Apontando para Bernarda:)* Ela é que...! *(De repente, quebrada, frágil, para António:)* Quem há que não

3 . ° A C T O

esconda qualquer coisa?: uma vergonha, uma... Até tu, António, até tu! (*Abraçando-se a António.*) Mas pra que precisa a gente de vasculhar no fundo do poço? Pra quê?! Ficamos sujos, mais feios, mais... mais velhos! Não é, António, não tenho razão?!!

BERNARDA (*Sem paixão: voz descolorida, monocórdica.*) O pecado pesa... pesa como chumbo, o pecado!

ANTÓNIO (*Já ansioso, em expectativa.*) Mas...? (*Para Bernarda:*) Um segredo qualquer, nem sempre é um pecado!?!...

BERNARDA (*Imóvel.*) É. É sempre o pecado de alguém: seja de quem for, seja de quem for...

AMALIA (*Cobarde.*) Pronto, cale-se p'r'aí, mãe! Vamos jantar?...

ANTÓNIO (*Dorido.*) Cada um tem o seu segredo: é bem verdade! Os segredos envenenam a gente: temos que os confessar, isso faz bem! Até eu...

AMALIA (*Grito.*) Não digas!! Sei tudo, eu já sei tudo de ti, António...

ANTÓNIO Quase, quase tudo: sabes que eu não conheci pai, nem mãe...

AMALIA (*Descontrolada.*) Sei, sei, sei!!

ANTÓNIO (*Sombrio.*) Mas não sabes como eles me enjeitaram — porque eles abandonaram-me, assim (*gesto:*), pequenino de dias! — não sabes em que sítio, não te disse ainda quem tomou conta de mim, nem como passei o tempo de criança... E eu quero que saibas tudo, tudo!

ANTÓNIO MARINHEIRO

AMALIA (*Torturada.*) Porquê? pra quê?! Não quero saber, não quero saber nada disso! Só a gente, eu e tu, me interessa... (*beija António.*) só a gente os dois... agora, agora, António! O passado não... (*De súbito, agressiva, quase inimiga.*) Então queres ficar tu lavado, limpo, e deixares-me a mim suja?! Não hás-de ser melhor que eu, não hás-de!! Também eu queria confessar-te uma...

BERNARDA (*Enorme fadiga.*) Não mintas, Amália: ou calas-te, ou contas a verdade toda!

AMALIA (*Em fúria.*) A senhora é pior que... (*Desesperada, para António.*) Ela quer separar-nos: ela tem-te raiva, nunca te perdoou aquela morte, nunca! Do outro, do velho é que ela gostava... Não a escutes, António!! (*Para Bernarda.*) Pois você quer que eu diga...?!

BERNARDA ...A verdade. Antes que esse pecado cresça mais e te mine toda, antes que fiques podre... podre, podre!

AMALIA A culpada foi você!!

BERNARDA Deus é que sabe.

AMALIA (*Desesperada.*) Eu era uma criança, António: tinha... ai, tinha só quinze anos!...

ANTÓNIO (*Medo súbito.*) Cala-te, Amália: não quero saber, não quero saber disso! (*Brutal, para Bernarda.*) Vá buscar o jantar, senhora! O que é que está pr'aqui a fazer?!... (*Bernarda baixa a cabeça e fica imóvel.*)

AMALIA (*Ansiedade funda.*) Gostas de mim, António? Prometes que ficas comigo, diga eu o que disser? prometes?...

3 . ° A C T O

ANTÔNIO (*Firme.*) Seja o que for: nada pode separar-nos. Não contes, não me contes nada, Amália: quero lá saber do teu passado!? Conheço-te bem, sei como tu és: só isso me importa, só isso! É preciso tanto, tanto de ti!: nem podes calcular, não podes... Cala-te, não me digas nada, não quero saber nada! (*Silêncio; inquieto: picada de ciúme.*) E depois... afinal de contas, que podias tu ter feito... assim tão mau?! (*riso forçado.*)

BERNARDA (*Sem se voltar para os outros.*) Foi mau. Foi um grande pecado: Que Deus nos perdoe!

AMALIA (*Agressiva, calcinada.*) A si, mãe! que Deus lhe perdoe a si, porque tem muito que perdoar! Você é que teve a culpa, você é que me levou a... (*Para Antônio:*) Eu tinha só quinze anos! Que podia eu saber da...? Olha que, desgraçadamente, nem posso fazer festas a uma criancinha, Antônio: Tenho medo... tenho receio que o meu pecado... estas mãos... lhe tragam azar!... (*Para Bernarda:*) E não tive culpa, não tive!: Foi você, foi você!! Eu era ainda tão nova, Antônio! (*Apontando para Bernarda:*) Mas ela... ela sabia bem, conhecia a vida: e ajudou, atazanou-me, encheu-me o coração de medo... (*Num impulso, lançando-se nos braços de Antônio:*) Não me deixes, Antônio!

ANTÔNIO (*Docemente, afagando-a.*) Não digas mais nada, Amália... Pra quê? pra quê?!...

AMALIA (*Indicando Bernarda, com os olhos em lume.*) Mas ela!?!...

BERNARDA (*A tremer.*) Tenho frio... tenho muito frio!...

AMALIA (*Desesperada.*) Frio?! Está calor... é o verão, toda a gente tem calor! (*Uns passos para Bernarda:*) Eu en-

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

tendo-a... entendo-a muito bem, senhora: Cuida então que eu não sou capaz? que pode trazer-me à trela toda a vida, como até aqui? que não tenho coragem pra tirar o açaimé? Pois engana-se! engana-se, mãe!! E não tenho medo, não tenho medo: o António fica comigo, sempre, sempre!!!

BERNARDA *(Toda enrodilhada sobre si mesma, num calafrio.)*
Jesus, está tanto frio!... tanto frio!...

AMALIA *(Em fúria.)* É verão, mãe: está calor!! *(Em círculos à volta de Bernarda:)* Frio, frio...: ao pé de si, sinto-me morta... morta, morta! E eu estou viva! sou nova! nova, mãe! *(Em desafio, selvagem:)* Pensava então que o António se ia embora? que me deixava aqui, sòzinha consigo e... e com a memória do outro?! Era o que você queria, não era? Engana-se, senhora, está muito enganadinha! *(Aproxima-se de António; vai para confessar, mas não é capaz:)* Ai, meu Deus!...

ANTÓNIO *(Enervado.)* Então?!...

AMALIA *(Escondendo a cabeça no peito de António, a voz sumida.)* Aos quinze anos, eu tive... tive uma criança...

ANTÓNIO *(Reacção súbita de repulsa, afastando logo Amália.)*
Tu? um filho?! E eu a julgar que...?!

AMALIA *(Dor viva.)* Empurras-me, António?!...

BERNARDA *(Que se dirige para a porta interior da esquerda.)* Tenho frio... tenho frio...

AMALIA *(Interpondo-se no caminho de Bernarda, selvaticamente.)* Agora, oiça!... Fique aqui!... *(Bernarda fica imóvel, quase de costas para os outros dois.)*

3 . ° A C T O

- ANTÓNIO** (*Violento; quase raiva; ciúme.*) Enganaste-me!
- AMÁLIA** (*Que tenta abraçar António.*) Eu tinha quinze anos... não sabia o que fazia?!...
- ANTÓNIO** (*Afastando Amália.*) Mentiste-me, Amália, mentiste-me!
- AMÁLIA** (*Reacção de orgulho, seca.*) Eu nunca te menti.
- ANTÓNIO** Eu não sabia que... Não sabia!
- AMÁLIA** Não te contei há mais tempo, porque... isto era do passado, porque... tinha vergonha de ti, (*patética:*) porque tive medo, António!... (*Para Bernarda:*) Está contente, mãe? Era o que você queria? Olhe que ele empurra-me, fogo de mim... tem nojo, tem nojo!...
- ANTÓNIO** (*Num ímpeto de coração, dando uns passos para Amália.*) Não, Amália! eu não... (*estaca.*)
- AMÁLIA** (*Lágrimas nos olhos, voz magoadíssima.*) Não?!...
- ANTÓNIO** (*Dificilmente.*) E... o pai?
- AMÁLIA** (*Revolta.*) Não faças mais perguntas, não quero!! (*Com ódio, apontando para Bernarda:*) Ela que te responda, ela que te responda!?!...
- BERNARDA** (*Voz desalmada.*) Foi o José.
- ANTÓNIO** (*Logo aliviado.*) Então!!?...
- BERNARDA** O José, nesse tempo, ainda era casado com a primeira mulher; estava já muito doente, mas viva.

ANTÓNIO MARINHEIRO

AMÁLIA (*Ironia sangrenta.*) Eu tinha quinze anos e, da vida, não conhecia nem isto (*indica uma unha.*): aqui a minha mãe era severa, não ia em festas, nem em danças... Acertou, mãe, acertou em cheio! (*Feroz:*) Ande, diga-lhe o que fez?: (*grito de alma, sincera:*) Eu queria a criança, António!...

BERNARDA (*Seca de fatalidade, encolhendo os ombros.*) O José era casado. E o meu homem tinha muito mau génio: se o teu pai soubesse, dava cabo de ti, Amália! (*Para António, continuando:*) A gente vivíamos pobres... na miséria! (*Pausa.*) A mulher do José padecia dum cancro: todos diziam que ela estava a morrer...

AMÁLIA (*Violenta.*) E ela roubou-me a menina: levou-ma, logo à nascença!...

BERNARDA (*Muito cansada; figura trágica sempre.*) Era um menino. (*Ouve-se, na rua, o assobio de Rui: Silêncio rápido e pressago em António e Bernarda.*)

AMÁLIA (*Tomada de espanto alvoroçado; ternura logo a seguir.*) Um menino?! Mas você disse-me que era rapariga?! Ai, era um menino, um rapazinho!...

BERNARDA Assim, custava-te menos: se tu soubesses que era um rapaz, não mo davas.

AMÁLIA (*Espécie de êxtase.*) Um menino!... (*Novamente, o assobio de Rui.*)

ANTÓNIO (*Em movimento brusco, não se dominando, levanta um punho cerrado, ameaçadoramente, na direcção da taberna.*) Vai... deixa-me!... (*Num movimento-contracção de todo o corpo, volta-se de costas para a taberna, fazendo um gesto, logo abortado, para tapar os ouvidos com as mãos.*)

3 . ° A C T O

- AMÁLIA** (*Inteiramente abismada na revelação de Bernarda.*)
Era um rapaz... era um rapazinho!...
- ANTÓNIO** (*De repente, para Bernarda.*) Matou-o?...
- BERNARDA** (*Reacção brusca, fixando os olhos em António, intencionalmente.*) Eu nunca matei ninguém! (*Hirta, sofredora:*) Não senhor: Abandonei-o num sítio onde tinha a certeza que logo davam com ele...
- ANTÓNIO** (*Curiosidade ardente.*) E deram?...
- BERNARDA** (*Baixando a cabeça, a voz sumida.*) Nunca mais soube dessa criança...
- AMÁLIA** (*Sempre numa espécie de êxtase.*) Um menino!... o meu filho!...
- ANTÓNIO** (*Suspeita terrível.*) Nesse tempo... já moravam aqui, nesta casa?...
- BERNARDA** (*Logo inquieta.*) Já... Mas o que é que...?!
- ANTÓNIO** (*Que se aproxima de Bernarda: lívido, pavor crescente.*) Onde? onde foi que deixou o menino?...
- BERNARDA** (*Assustada.*) Não sei... mas...
- ANTÓNIO** (*Terrível.*) Onde foi? Diga!?...
- AMÁLIA** (*Retomando contacto com a realidade: aflita.*) António?!!
- ANTÓNIO** (*Saculindo os ombros de Bernarda.*) Diga, senhora, diga?!!

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

- AMALIA** *(Que se aproxima dos dois: três animais ferozes e em pânico.)* Larga-a, António! Larga-a!!... *(Outra vez, mais nítido e impressionante, o assobio de Rui: Por momentos, os três ficam hirtos, escutando; atmosfera de presságio, de desespero, de ansiedade insuportável.)*
- ANTÓNIO** *(Para fora.)* Mato-te! Mato-te!!...
- AMALIA** *(Para fora.)* Maldito! maldito almur!!...
- BERNARDA** É o homem, Amália! é o homem!!?...
- ANTÓNIO** *(Para Rui.)* Empestas tudo... mato-te, Rui! eu mato-te!!...
- AMALIA** *(Terror.)* Ceguem-lhe os olhos... furem os olhos do almur!!...
- ANTÓNIO** *(Voltando a Bernarda.)* Onde deixou o menino?... onde foi?!...
- AMALIA** Não!!! Não queremos saber, não queremos saber!!...
- ANTÓNIO** *(Pânico.)* Não quero, não quero saber!... *(Silêncio de fera ameaçada e escondida. Explosão indomável, agarrando furiosamente os ombros de Bernarda.)* Como é que o menino ia vestido? Diga, fale!...
- AMALIA** *(A circular em redor de ambos: louca de ansiedade e medo.)* Não diga, mãe! Cale-se, cale-se!!...
- ANTÓNIO** *(Olha para Amália, como um menino assustado, em busca de protecção.)* Amália!?!...
- AMALIA** *(A tremer.)* António?!... *(Silêncio ardente.)*

3 . ° A C T O

- ANTÓNIO** (*Apavorado, com a voz gelada.*) Riscado azul e branco?: era assim?... era assim que o menino ia vestido?... (*Bernarda recua até à parede. Amália tapa a boca com a mão.*) Era? era riscado azul e branco?... (*Corre para Bernarda; num rugido:*) Era assim?!...
- BERNARDA** (*Inumana.*) Jesus! Jesus Senhor!?!...
- AMÁLIA** (*Amparada na mesu; animal ferido de morte.*) Não diga! Não, não... não, não, não!!...
- BERNARDA** (*Que se deixa cair ao longo da parede, até ficar sentada no chão.*) Eram assim... era riscado azul e branco... era assim que o menino ia vestido...
- AMÁLIA** (*Grito terrível.*) Mãe!!!
- ANTÓNIO** (*De joelhos em frente de Bernarda, tomando-a pelos braços: febre sanguinária.*) Onde foi? onde deixou a criança? onde foi?... (*Levanta-se num salto; todo crispado:*) Não diga!!!
- AMÁLIA** (*Que tenta abraçar António.*) Vamos embora... vamos embora... (*num grito:*) vamos embora, António!!!
- ANTÓNIO** (*Afastando-se de Amália, com horror.*) Deixa-me... deixa-me!... (*Numa fúria súbita, caindo outra vez junto de Bernarda:*) Onde foi?... Foi num barco... numa traineira, foi?...
- BERNARDA** (*No vértice do terror.*) Foi num barco... numa traineira...
- ANTÓNIO** Qual?! Diga, diga o nome do barco!?!?...

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

BERNARDA Não... não me lembro... já não sei...?!

ANTÓNIO *(Feroz, alucinado, deitando as mãos ao pescoço de Bernarda.)* Era o «Estrela d'Alva»? Era?!...

BERNARDA *(Quase sufocada.)* Era, era esse... foi nesse barco... foi nesse...!

AMALIA *(Louca, atira-se sobre António e Bernarda.)* Mentira!... É mentira, é mentira!!!... *(Rolam os três no chão, contorcendo-se em luta selvagem: uivos, urros desumanos. Ao fim de alguns segundos, Amália e António, ambos de joelhos, estão em frente um do outro, os braços raivosamente entrelaçados: quedam-se de súbito, assim. Em plano mais recuado, deitada no chão, Bernarda que, a soluçar, esconde a cabeça entre as mãos.)*

AMALIA *(Terror desesperado: Voz surda, esmigalhada.)* António?!...

ANTÓNIO *(Idem.)* Amália?!... *(Rasteja um pouco na direcção de Amália, sem nunca lhe soltar os braços. Ainda fora da realidade, tomado por um espanto enorme, chocalhado de absurdo:)* Tu é que...?... Tu?!... *(Ferido, num relâmpago, pela verdade; desfazendo o abraço e recuando um pouco, sempre de joelhos:)* Amália!!!

AMALIA *(Levanta-se de súbito: olha para António e, logo a seguir, para Bernarda; desesperada, dá uns passos desconexos; depois, movimentos frenéticos das mãos, da cabeça: procura exprimir a angústia terrível; de repente, corre para a parede, contra a qual encosta a cabeça; o corpo sacudido pela dor.)* Ai cosam-me a boca! ceguem-me os olhos! quebrem-me os braços e as pernas!... Cubram-me de cinza! escondam-me de toda a gente! enterrem-me viva!... *(A ba-*

3 . ° A C T O

ter com ambos os punhos na parede:) Matem-me!... Ai, matem-me! matem-me!!...

ANTÔNIO (*Semilouco, às gargalhadas, sentado no chão.*) Então eu sou...?! (*gesto, apenas esboçado, com que indica Amália.*) Eu... e tu?!...

AMALIA (*Desvairada, batendo com o pé no corpo prostrado de Bernarda.*) Não é verdade!... Você enganou-se!... Mente, mente!!... Não é verdade, não é verdade!!?...

BERNARDA (*Que, apavorada, rastejou para um canto: fica sentada no chão, encostada à parede, toda enrodilhada, os braços cruzados à frente, como que a protegerem-na.*) Não sei... não sei... não sei!!?...

ANTÔNIO (*Sempre riso tresloucado.*) Era o St.º António... a noite de St.º António; e puseram ao menino o nome de António!... António, quê? António, quê?: Qualquer nome cristão tem que ter apelido, não é?... Foi o ti'Zé da Guia que se lembrou: Marinheiro... António Marinheiro! Batia certo, batia certo: não foi dentro dum barco que ele me tinha achado? (*Riso.*) António Marinheiro, pois então!! O filho da Amália, o filho de... (*Num salto, atira-se a Amália, e aperta-lhe o pescoço:*) Ah, cabra! cabra!!... (*Com os olhos mergulhados nos de Amália, abrandando gradual e rapidamente, acabando por se deixar cair aos pés dela; frágil, infantil, assustado:*) Amália?!... (*beija o vestido de Amália.*)

AMALIA (*Que passa do terror à ternura: acaricia a cabeça de António, tomando-a entre as mãos.*) Meu António... meu... (*terrivelmente confusa, encolhe de súbito as mãos:*) Jesus, Jesus!... (*Contorcendo-se de angústia:*) Não sei... não sei...? (*grito:*) não sei, não sei!!! (*Fica-se, por momentos,*

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

arfante, a contemplar António, sempre nela abismado; depois, num ímpeto, corre para ele e, furiosamente, fazendo-o levantar-se beija-o com desespero na boca:) Meu amor... meu amor!!... (António corresponde.)

BERNARDA *(Ergue-se com dificuldade, sem despegar os olhos abraçados do par Amália-António: fica de pé, encostada à parede, calcinada. Ódio, pavor, espanto.) Casado com a própria mãe... assassino do pai?!... (Precipita-se para Amália e António, ainda abraçados, interpondo-se entre eles.) Ela é tua mãe, desgraçado!!... Este é o teu filho, Amália!!! (António, como apunhalado, volta-se de costas para as mulheres; Amália, quase sem consciência, em choque, esfrega repetidas vezes os lábios com a mão. Bernarda, involuntariamente, mantém os braços abertos, como que a separar os outros dois. De repente, lá fora, levanta-se um tumulto de vozes e corridas. As três personagens em cena continuam nas posições indicadas, sem poderem sair do seu próprio conflito.)*

VOZ DE ADOLFO Mato-te!... mato-te, cadela!! Larguem-me... larguem-me!...

VOZ DE ROSA Ó da guarda! Acudam, acudam!!...

VOZ DE RUI Deixa-a! deixa-a!!... Pra trás, pra trás...! *(Estas três falas são ditas quase simultaneamente.)*

CENA XIII

(Violentemente forçada a porta da rua, entra correndo Rosa, enquanto Rui, brandindo uma navalha aberta, a defende das investidas de Adolfo: está no limiar, as pernas firmemente separadas, os músculos todos retesados. Na

3 . ° A C T O

rua, em frente da porta, Homens e Mulheres do povo: Alarido.)

ROSA *(Desgrenhada, as roupas rasgadas, assustadíssima.)*
Acudam-me, que ele mata-me!! ...

RUI *(Para Adolfo que, lá fora, tenta entrar.)* Não lhe tocas, Adolfo, já te disse!... Quietos, quietinho... olha que eu atravesso-te... atravesso-te de lado a lado!!... *(De súbito, com um pontapé brutal, afasta Adolfo, para, logo a seguir, num salto brusco, cerrar contra ele a porta da rua: fica a esta encostado, do lado de dentro, voltado para os espectadores, ofegante, a navalha ainda aberta na mão crispada, os olhos em fúria; a luz deve incidir, embora com aparente naturalidade, sobre a lâmina e sobre a metade superior do rosto de Rui, ficando o restante em semi-obscuridade.)*

ADOLFO *(De fora, a bater na porta.)* Rosa!!?... Sai daí, Rosa!!! *(há-de sentir-se raiva e cio nestes gritos. Rosa, num dos lados da cena, voltada para a porta da rua, curvada sobre si mesma: medo de Adolfo, agressividade. Bernarda deixou cair os braços ao longo do corpo; António, em movimento nervoso, dá meia volta; Amália recua um passo: os três fixam os olhos de Rui, ansiosamente, em silêncio de lume. Sempre tumulto, lá fora.)*

PANO RÁPIDO

FIM DO 1.º QUADRO

2.º QUADRO

CENÁRIO

Como no quadro anterior. Depois de um breve intervalo de poucos minutos, o drama recomeça naquele preciso momento da acção que marcou o fim do 1.º Quadro; como neste final, pois, as posições e os estados de alma dos vários actores em cena — Rui, Rosa, Bernarda, Amália e António.

CENA I

ADOLFO *(De fora.)* Rosa!!?... Sai daí, Rosa!!!... *(Continua o alarido dos populares, que vai no entanto amortecendo, durante as falas seguintes, até ficar inaudível.)*

ROSA Pois então não saio?! *(Uns passos na direcção da porta; para Adolfo, agressiva:)* Espera... vai esperando por mim, grande malandro!: Nunca mais... nunca mais me pões a mão em cima, fica tu sabendo!! Vou daqui direitinha à polícia e... *(Encara com Rui, ainda encostado à porta, com a navalha aberta na mão:)* E você deixe-me também em paz, ouviu?! Desapareça, senhor!... Mas que diabo tem você com isto?! *(Arrepio:)* Feche essa navalha, criatura!!... Sempre gostava de saber quem é que lhe encomendou o sermão... Então não querem lá ver?!... O que se passa entre mim e o meu homem, é só com a gente os dois... só com a gente!... *(Assanhada, investindo contra Rui:)* Ninguém tem nada com isso... ninguém!!...

ADOLFO *(De fora.)* Rosa?!... Abre a porta, Rosa!!!!...

ROSA *(Fúria, para Adolfo.)* Vai-te, malvado! Cão tihoso! Porco sujo!... Hás-de ver, hás-de ver a caminha que eu te

3 . ° A C T O

arranjo... *(Para Rui, que se mantém imóvel, sempre com a navalha em riste:)* Tire essa navalha da minha vista, homem de Deus!! Mas o que é que você...?! *(Rui, já alheado da briga Rosa-Adolfo, está agora todo concentrado na observação do grupo Antônio-Amália-Bernarda.)* Estás a ver a minha vida?!... *(Para Adolfo:)* Gira, canalha! gira daqui pra fora!: Nunca mais te quero ver... nunca mais, nunca mais!... *(chora.)* Ai, o meu rico bracinho!... *(a palpar o membro dorido:)* Aquele bandido dá cabo de mim, senhora Bernarda!... *(Para Rui, logo irada:)* E, ainda por cima, você... mas que diabo...?! *(Rui, cada vez mais atento ao conflito Antônio-Amália-Bernarda, deixa cair a navalha no chão e avança uns passos para Antônio.)* Não achas, Amália, que...? *(Repara, enfim, na situação especial:)* Mas... o que é?... Que tens tu, Amália? que aconteceu, aqui?!...

RUI *(Expectativa profunda, a querer adivinhar.)* Antônio?!...

ROSA *(Uns passos para Bernarda.)* Mas, diga?!... Que foi isto, senhora Bernarda?...

BERNARDA *(Após silêncio aflito, articulando com esforço.)* Nada.

RUI *(Tocando no ombro de Antônio.)* Que foi?... *(Antônio reage com um movimento nervoso e vai para falar.)*

BERNARDA *(Cortando a fala de Antônio.)* Nada!

ROSA *(Aproximando-se de Amália.)* Que tens tu?... Que te sucedeu?!... *(Amália olha-a intensamente, sem se mover.)*

BERNARDA *(Terror.)* Nada... não aconteceu nada!!

ANTÓNIO MARINHEIRO

RUI *(As mãos nos ombros de António; afectuosamente, mas dum modo estranho: felino, ardente, dominador.)* Quero saber, António...?! *(Aproximando mais o rosto do de António, cravando ferozmente os dedos nos braços dele:)* Quem foi?... *(Fixando alternadamente Amália e Bernarda; alegria selvática:)* Elas... foram elas, foram elas!!...

ANTÓNIO *(Numa convulsão, abraça-se violentamente a Rui.)* Vou-me embora! Quero ir-me embora!! Leva-me, Rui! leva-me, leva-me, leva-me!!...

ROSA *(Assustada.)* Jesus! mas o que é isto? Ó Amália, eu...

BERNARDA *(Como numa obsessão, febril.)* Nada... nada... não foi nada!...

AMÁLIA *(Começa a rir baixinho, terrivelmente: um riso-choro, incontrolável como o tremor que lhe agita todo o corpo. Ironia desesperada.)* Nada... não aconteceu nada, Rosa!... Estás a ouvir o que ela diz? *(indica Bernarda.)* Não sucedeu nada, António!!? *(António, ainda agarrado a Rui, solta um uivo estrangulado.)* Não chores... não chores, digo-te eu!: Não aconteceu nada... nada!! Escuta o que a velha diz, escuta... *(Gargalhada-soluço.)* Pois que... que vês tu aqui de desusado, Rosa?! *(Corre para o espelho; a mirar-se, percorrendo raivosamente a face com os dedos de ambas as mãos:)* Sou eu... *(apontando a imagem do espelho:)* esta sou eu... eu, tal e qual, a Amália!... *(Voltando-se bruscamente para os outros; desentranhada, rouca, uma mão ainda convulsivamente cravada no rosto:)* Como pode ser? como pode ser?! É a minha cara... a mesma... a mesma!!! *(Rosa aproximou-se e, condoída, vai para abraçar Amália, que a afasta brutalmente, com ódio:)* Já vês, Rosa: não mudou nada, nada!... *(Vai até António, puxando-o frenética:)* E este? este, Rosa?... Não o conhe-

3 . ° A C T O

ces? É o meu António... *(riso.)* o meu marido legítimo, diante de Deus e dos homens!... *(Gargalhada inumana:)* Foi no dia de Natal... mesmo na noite de Natal, que a gente os dois combinámos o nosso casamento: lembras-te, António?!...

ANTÓNIO *(Com ódio e asco, toma Amália pelos cabelos, de modo que o rosto fique livre e perto do dele.)* Maldita! Coisa imunda, coisa imunda!!... *(Cospe-lhe, raivosamente, na face.)*

AMALIA *(Sem se limpar, com maior violência calcinada.)* Lembras-te? lembras-te?! Foi... foi na noite de Natal: Deus é nosso amigo, Deus é nosso amigo!... *(riso. Num salto, liberta-se de António. Agora junto de Bernarda, abraçando-a à força, em fúria:)* Não fuja, rica mãezinha do meu coração, não fuja!: Então já não gosta dos meus abraços?!...

BERNARDA *(Fustigada pelo terror, a querer soltar-se.)* Deixa-me... deixa-me!! Não tive culpa... eu não tive culpa! Deus bem sabe que...

AMALIA *(Interrompendo, num rugido feroz, ao mesmo tempo que larga Bernarda: está toda crispada, dobrada sobre si mesma, as mãos no ventre.)* Pois então não sabe?! Deus sabe tudo, tudo! diz você muito bem: Até sabia — ora, como a gente sabe que temos cinco dedos em cada mão, e dois beijos na boca... — até sabia quem era este homem *(indica António, que se contorce agônicamente.)* que me queria tomar por mulher! até sabia que... *(no vértice da tragédia, horrível, as mãos enclavinadas no ventre; aproximando-se de Rosa que, entre o receio e o espanto, tinha recuado:)* que eu ia casar-me com o meu próprio filho!!! e que...

ANTÓNIO MARINHEIRO

BERNARDA (*Grito de pavor.*) Não!!! Cala-te! cala-te! cala-te!...

ROSA (*Quase ao mesmo tempo.*) Jesus! Virgem Santa! que ela endoideceu!?!...

→ [**ANTÓNIO** (*Saltando, como que atingido por uma bala; num urro medonho.*) Eu... eu matei o meu pai!!!

RUI (*Que, incontinentemente, se afasta de António, derrubando uma cadeira: espanto, calafrio.*) António!?!...

AMALIA (*Riso louco.*) Casada com... ai, mulher do meu...! (*António arreganha a face numa espécie de choro mudo, terrivelmente infantil.*)

ROSA (*Brado de horror.*) Não, isso não é verda...!? É mentira!?!?

ANTÓNIO (*Em calafrio, a contemplar as mãos abertas.*) Fui eu... fui eu que o matei!...

ROSA (*Desvairada.*) Não!! Estão doidos, estão doi... (*De súbito, a correr para Amália:*) Amália, por amor de Deus, diz-me o que?!...

AMALIA (*Riso nervoso.*) Nada... não foi nada!... (*Rosa, transida, recua até à parede. Amália, sonâmbulamente, começa a andar à volta da corda-forca, que há-de estar iluminada de modo que a reminiscência grega — o enforcamento de Jocasta — tome o valor de símbolo.*)

BERNARDA (*Afogada em sombras.*) Deus viu... Deus viu tudo!...

ANTÓNIO (*Impeto desesperado.*) Pode ser?... Isto pode ser?!...

3 . ° A C T O

Aconteceu-me... a mim?!! Ceguem-me, ceguem-me! furem-me os olhos: não quero ver mais nada, neste mundo... não quero!!! (*Ironia queimada.*) António Marinheiro, assassino do pai! marido da sua própria mãe!! (*Num urro:*) Pode ser?!! (*Para Amália, com raiva:*) Mata-te, mulher! mata-te!: Só olhar pra ti, é uma vergonha!... Estás podre, toda tu és gangrena: Mata-te, mata-te!!!...

AMALIA (*Que pára, olhando lenta, profundamente, para António: tristeza desértica, ternura seca.*) Meu filho!...

ANTÓNIO (*Preso aos olhos de Amália, irresistivelmente atraído para ela, logo desfeita a fúria.*) Eu não... Ai, Amália!... (*está encolhido, infantil; depois, ansiosamente, prende as mãos de Amália:*) Eu não queria... (*Numa convulsão, abraça-a violentamente, deixando-se cair aos pés dela:*) Ajuda-me, Amália! acode-me, acode-me, acode-me!!! (*Levanta a cabeça para Amália, contemplando-a longa, místicamente.*)

AMALIA (*Doçura desalmada, num gesto indeciso de carícia.*) Meu filho!...

ANTÓNIO (*Com terrível dificuldade, articulando como se a palavra fosse de lume.*) Mãe...!? (*fica a tremer, os dedos nos lábios, ansioso.*)

AMALIA (*Lágrimas, enfim; acariciando os cabelos de António.*) Filho... meu rapazinho... (*soluço.*)

ANTÓNIO (*Em frenesim: força contida, finalmente liberta.*) Mãe... mãe, mãe!... Minha mãe!?... Ai, mãe, mãe!... (*Rosa solta um grito de horror e foge para a rua, cerrando violentamente a porta sobre si mesma.*)

ANTÓNIO MARINHEIRO

CENA II

AMÁLIA *(Levanta António, com um carinho infinito; doçura rasgada na voz.)* Vai, filho... vai... vai-te embora!...

BERNARDA *(Sempre enrodilhada, penosamente.)* Vá-se embora... vá-se embora!!...

RUI *(Que tem seguido as falas anteriores como observador ardente, um pouco separado: cada vez mais perceptível, uma alegria ferozmente livre.)* Vem, António... vem comigo!...

ANTÓNIO *(Que, por momentos, fixa os olhos de Rui.)* Como tu estás contente!... *(Raiva:)* Estás contente, anh?!...

RUI *(Cortante.)* Sim, estou contente.

ANTÓNIO *(Meia volta brusca, outra vez desesperado, a arranhar a parede.)* Não há ninguém como eu! ninguém... aĩ, ninguém, ninguém!!... *(Virando-se de súbito para Rui, agarrando-o pelos ombros; sangrento, estilhaçado:)* Tu ouves? entendeste bem?!: Eu... matei o meu próprio pai! dormi com a minha mãe!!!... Ri-te, homem, ri-te!! Ah, que eu... *(Volta-se de novo para a parede. Começa a ouvir-se, cada vez mais nitidamente, o tumulto das gentes, lá fora, em frente da casa. Estranhamente, Amália aproxima-se de Rui.)*

RUI *(Ardência felina, abraçando António por detrás.)* Estás livre, António! estás outra vez livre!!...

ANTÓNIO *(Reacção frágil, nervosa.)* Eu queria... queria ser como toda a gente... *(a gritar:)* Queria ser igual aos outros!!!

3 . ° A C T O

RUI (*Violência de faca.*) Mas não és. Queres provas?... mais provas ainda?! Eles, os bons, (*indica vagamente as duas mulheres.*) correram contigo logo, desde o princípio, desde o dia em que nasceste: enxotaram-te, cuspiram-te, não te mataram porque... não tiveram coragem!!

BERNARDA (*Sem se voltar, a voz rouca, agitando-se torturadamente.*) É falso... isso, é falso!!...

RUI (*Implacável.*) Tu não tiveste pai, nem mãe!!!

ANTÓNIO (*Dilacerado, indicundo Amália com o olhar e um débil gesto.*) Não tive?!...

RUI Quando eles, os bons, te deixaram conhecer o teu pai... já tu o tinhas liquidado, por tuas próprias mãos! Quando eles te deram a tua mãe, já tu... (*Uma pedra, arremessada da rua, parte a vidraça da janela e vem cair no meio da cena; gritos, alarido do povo. Bernarda, levanta-se assustada; António e Rui olham para a pedra, sobressaltados; só Amália se mantém indiferente, abismada na contemplação dos olhos de Rui, junto do qual se encontra.*)

RUI Vem comigo, António!: Nem tu, nem eu, somos deste mundo... eles têm-nos raiva... (*indica a população:*) matam-te! eles matam-te!!

UMA MULHER (*Na rua, só a voz.*) Arrombem a porta! Partam tudo!!...

UM HOMEM (*Idem.*) Deitem fogo à casa! Deitem-lhe fogo!!...

ANTÓNIO (*Tapando a cara com os braços.*) Não quero! não quero que eles me vejam: tenho vergonha, tenho vergonha!!

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

RUI (*Ódio.*) Todo o mal... todo o mal que a gente lhes faça, não vale o que eles nos deram! o que eles te fizeram a ti!! (*Violência:*) As leis deles não servem pra gente, não servem!!: Quero enganá-los, estragá-los... quero roubar-lhes tudo, tudo!... quero mijar-lhes em cima!!

ANTÔNIO Ai, ceguem-me, tirem-me os olhos!: não posso, não sou capaz de ver mais ninguém!... (*Para Amália, infantil:*) Tenho vergonha, tenho vergonha... Ceguem-me! ceguem-me!!!

UMA MULHER (*Na rua, aos gritos.*) Prendam essa maldita!! Tragam-na cá pra fora!!!...

RUI (*Para Antônio: gelo ardente.*) Daqui por diante, até ao fim, até morreres — juízo, Antônio! — hás-de viver cego pra tudo isto: nem mãe, nem pai, nem casa, nem trabalho, nem... nada, nada!! A noite é negra e não tem fundo: esconde tudo... põe todos iguais... Prò diabo, as leis deles!! Temos a noite, a nossa riquinha noite, Antônio! A liberdade, a nossa liberdade!! Todo o mundo é nosso, todo!: um tesoiro em cada porto... Xangai, Buenos Aires, Hamburgo... todo o mundo é nosso!! (*Mimando, terrivelmente:*) Eu passava, e olhava... Depois vinhas tu, e sorrias...: e elas — as velhas carcaças, pintadonas, carregadinhas de jóias! — cada vez mais ougadas, ougadas!... (*riso cruel. Depois com fervor:*) Vamos ser felizes... vamos ser outra vez felizes, Antônio! (*Sombras, mistério:*) No meio da noite, um homem pode crescer... crescer... até chegar às estrelas! Lembras-te, Antônio? ainda te lembrás?: A noite aqui é morna, sempre clara... Noite negra, negra! só lá, no meio do mar!!!... Vamos ser felizes, Antônio!!!

AMÁLIA (*Terror místico, a ler nos olhos de Rui.*) Já sei... já sei o que tu tens nos olhos... descobri, descobri!! Almur...

3.º A C T O

almur maldito!!! (*A recuar, transida:*) Já sei... agora, já sei!!!...

UMA MULHER (*Lá fora.*) Cortem-lhe os seios! Rasguem-lhe as entranhas!!!...

ANTÓNIO (*Calafrio.*) Amália!?... (*corre, num ímpeto, para Amália: abraça-a e beija-a desesperadamente.*)

AMÁLIA (*Os olhos sempre fixos nos de Rui.*) Agora já sei... descobri o segredo do almur, descobri!... (*Frenesim, para António:*) Vai... foge... vai com ele!! (*Para Rui:*) Maldito! almur maldito: leva-o... leva-mo!!! (*Implorante, para António:*) Vai... vai com ele, António!!!...

VOZ DE HOMEM (*Na rua.*) Marquem-na! Queimem-lhe a barriga com chumbo a ferver!!! (*Pancadas na porta.*)

ANTÓNIO (*Outra vez abraçado a Amália.*) Eles matam-te, eles...!? (*Beija-a na boca, apaixonadamente.*)

AMÁLIA (*Num grito, empurrando António, a mão na boca.*) Não!!!...

BERNARDA (*Quase ao mesmo tempo: medo e rancor.*) Não!!!

AMÁLIA (*Impulso desesperado, incontrolável.*) António?!! (*Corre para ele e beija-o, por sua vez, na boca: fúria de desejo e de angústia. Bernarda e Rui, ao mesmo tempo, saltam para junto de Amália-António, separando-os: Rui diante de Amália, face com face, agarrando-a pelos braços; Bernarda em frente de António. Mais alta a vozearia do povo.*)

BERNARDA (*Ódio.*) Vá-se embora!!

ANTÓNIO MARINHEIRO

RUI *(Feroz.)* Quer que ele morra?!

AMALIA *(Para Rui.)* Agora sei... sei o que dizem os teus olhos!... Descobri o teu segredo, almur!!... *(Revolta:)* Porque não li neles mais cedo, porquê?!... *(Desalmada, frágil:)* Agora, já não posso nada... nada! *(Com uma espécie de raiva mística, percorrendo com os dedos os olhos de Rui:)* Os teus olhos, almur!... ai, os teus olhos!?: Estes olhos dizem que... *(Outra pedra, quebrando os vidros, vem cair aos pés de Amália-Rui.)*

UMA VOZ DE
HOMEM

(Lá fora.) Assassino!. Sai daí! Sai daí!!!...

OUTRA VOZ DE
HOMEM

Mataste o teu pai! o teu próprio pai!!!

UMA VOZ DE
MULHER

Casaste com a mãe! com a tua mãe!!!

MUITAS VOZES

Morra! Morra! Morra!!!!...

AMALIA *(Olha por momentos, em silêncio, desvairada, para Rui, e depois para António; de repente, corre para a porta da rua, abrindo-a de par em par: horda de povo excitada, durante segundos em silêncio. Para Rui: rouca, desgredada, horrível.)* Leva-o!... *(Rui, num salto, apanha do chão a navalha, empunhando-a ameaçador. As gentes recomçam o alarido: gritos de «morra! morra!...».)*

RUI *(Para António, como um chicote de fogo:)* António?! *(António, de súbito retesados todos os músculos, num instante desembainha a sua própria navalha, indo colocar-se ao lado de Rui: Ambos investem contra a população, concentrada em frente da porta.)*

AMALIA *(A gritar, inumana, encostada ao umbral da porta.)* Leva-o, almur! leva-o contigo!!!... Leva-o, maldito!!!!...

3.º A C T O

*(Lado a lado, as navalhas em riste, poderosos de força ágil, saem Rui e Ant3nio: as gentes, assustadas, abrem alas. Ansiedade profunda em Am3lia e Bernarda. Sil3ncio do povo. De repente, gritos de «Fugiram! Fugiram!!...», re-
começando a vozearia. De bald3o, entram muitos Homens e Mulheres: Am3lia recua at3 junto do laço-forca; Bern-
arda encolhe-se num canto.)*

CENA III

- 1.º MULHER *(35 anos. Para Am3lia.)* S3 olhar pra ti, 3 uma mal-
diç3o!!
- 2.º MULHER *(Que 3 velha.)* Nunca Alfama viu uma desgraça as-
sim!!
- 3.º MULHER *(40 anos; apontando para o quarto de Am3lia.)* Ali
o pariste! ali, na cama onde ele te cobriu!!!
- 1.º MULHER Que as nossas filhas a n3o vejam!!
- 1.º HOMEM *(30 anos.)* Marquem-na! marquem-na!! *(Avança dois
passos.)*
- 2.º MULHER Deus castigou-te! Deus castigou-te, infeliz!!
- 2.º HOMEM *(35 anos.)* Quando ela casou com ele, j3 sabia que
era o matador do marido!!...
- HOMENS E MU-**
LHERES Foi castigo! Foi castigo!!...
- 3.º MULHER Cobre essa cara! Esconde-te, mulher, esconde-te!! Que
a luz do Sol nunca mais te poise em cima!!!

A N T Ó N I O M A R I N H E I R O

- 4.ª MULHER (18 anos.) Jesus, que sina mais negra!!
- 8.ª MULHER Foge, peste maligna! És um nojo: estás podre! podre, podre!!!...
- 2.ª MULHER Que ninguém lhe toque! que ninguém se suje! Que ninguém se perca!!!...
- 3.ª HOMEM (40 anos.) Queimem aquela cama!... (aponta para o quarto.) Arrasem a casa!!! (Durante toda esta cena de invectivas, Amália, como que insensível, imóvel sempre, tem os olhos postos na corda-forca: calcinada, os olhos em fogo duro, toda destroçada. Bernarda num canto: transida, semimorta de medo.)
- 3.ª MULHER (Aproximando-se muito de Amália; rancor profundo.) Mata-te!... Mata-te, mata-te!!!...

HOMENS Morra! Morra! Morra!!! (Avançam.)

MULHERES (Passando para diante dos Homens.) Mata-te! Mata-te! Mata-te!!!... (Amália sem olhar a população, como que seguindo sempre e apenas a sua voz interior, sobe para a cadeira, ficando com a cabeça ao nível do laço da corda: Então, os Homens e as Mulheres, compreendendo a intenção, estacam em silêncio tenebroso: aceitam, «exigem» o suicídio. Todos os meios cénicos, a luz principalmente, serão usados para dar a esta cena uma grande dignidade trágica. Bernarda, entendendo também o movimento de Amália, esboça com os braços um gesto de protesto aflito; mas depois, lentamente, deixa-se escorregar ao longo da parede, ficando sentada no chão; expressão rígida, parada, olhos secos: ela também embora nebulosamente aceita o sacrifício. Rosa, separada dos outros, a tremer, mantém-se

3.º ACTO

de olhos baixos. De súbito, ouve-se a ronca dum qualquer navio: gutural, vibrante e prolongada.)

AMÁLIA *(Estremecendo toda, como que rasga a luz místico-suicida que a envolve e isola: profundamente inquieta, agita a cabeça em todas as direcções, os sentidos sob tensão; os olhos muito abertos, as narinas a febrilharem, os ouvidos num grande esforço de escuta...) António... António?... (voz débil, ansiosamente velada. Agora, num grito rouco e visceral:) António!!?... (Como que em busca de ajuda, poisa os olhos nas caras sanguinárias atentas dos Homens e das Mulheres: espanto, terror crescente:) O que...?! Não sei o que...?! (Num relâmpago, pela direcção do olhar das gentes, compreende: e, durante segundos, contempla ela também a corda-forca, em calafrio fascinado. De repente, num grito:) Não!... Não quero!!! (Salta da cadeira e, bicho perseguido, procura a correr uma saída na barreira dos Homens e das Mulheres, mas cerrada e feroz agora. Corre para Bernarda e abraça-a freneticamente:) Mãe!... Ai, mãe! mãe!!... (Bernarda, sem reagir, imóvel, fixa-a nos olhos: sem lágrimas, exaustão total; depois, lentamente, desvia a vista de Amália, virando a cabeça para o lado.) Esta gente, mãe! esta gente veio aqui pra...!?! (Bernarda impassível, rígida.) Mãe?! (espanto sangrento; depois, erguendo-se num salto, a fugir de Bernarda:) Também... também quer que eu...!?! (Esbarra com Rosa:) Rosa?! (Abraçando-a:) Acode-me tu, Rosa! salva-me!!! (Rosa não reage.)*

3.º MULHER *(Para Amália, empurrando-a, cuspidolhe na face.) Chó, cadela suja!!... Enquanto tu fores viva, nem o dia é dia! nem o Sol aquece!!...*

1.º MULHER *Que nasçam cobras e sapos no teu ventre amaldiçoado!!!*

3.º HOMEM Marquem-na! queimem-lhe as vergonhas com ferro em brasa!!! (*Recomeça o alarido: insultos, ameaças, sarcasmos. Um grupo de mulheres, entre as quais a 1.ª e a 3.ª, entra de roldão no quarto de cama. Amália, louca de terror, recuou até ficar por baixo da corda-forca: respiração ofegante, as mãos crispadas sobre o baixo-ventre. Ouve-se de novo a ronca: três apitos seguidos e breves, que deixam no ambiente qualquer coisa de vivo e dinâmico, de alvoroçado.*)

AMALIA (*A escutar os ecos da ronca; raiva vital, fúria nascente.*) Está vivo... ele vive!... Está vivo, está vivo!!... (*Para a população:*) Quero viver!!... (*Censura sangrenta:*) Hei-de viver, Rosa!... (*Força desesperada, ferocidade liberta:*) Que ninguém me toque!... Que ninguém me faça mal!!... Hei-de viver!!!

(*Outra vez mais exaltada a vozaria e a gesticulação dos Homens e das Mulheres. No quarto de Amália, ouve-se um grande estilhaçar de ferros — cama violentamente desarmada — e, ao mesmo tempo, ruído de vidros quebrados.*)

2.º MULHER Com o teu próprio filho, fizeste vida de mulher! Ai, infeliz, infeliz!!...

AMALIA (*Febril, obstinação raivosa.*) Não tenho culpa. Hei-de viver!...

3.º MULHER (*Que, seguida pelas outras, todas gritando, irrompe em cena, vinda do quarto de Amália: ostenta, nas mãos levantadas ao alto, um lençol desdobrado.*) Neste lençol misturaste a urina do menino e a semente do homem! Desgraçada, desgraçada!!...

3 . ° A C T O

AMALIA *(Como em cima.)* Não tenho culpa. Quero... hei-de viver!!...

1.º HOMEM *(Arrebatando o lençol das mãos da 3.ª Mulher, e avançando para Amália.)* Com este pano, limpaste o sangue que marcou as mãos daquele que, sendo filho, foi marido e...

1.ª MULHER *(Interrompendo, num grito lancinante, desgarrado do coral.)* ...assassino do próprio pai!!!

MULHERES *(Para Amália.)* Ai, infeliz! Infeliz!! Infeliz de ti!!!!...
(O 1.º Homem arremessa o lençol aos pés de Amália.)

AMALIA *(Torturada.)* Não sei... não sei?!... *(Outra vez dura, de pedra negra:)* Não tenho culpa. Hei-de viver!!...

2.ª MULHER *(Indicando o lençol caído.)* No mesmo pano, juntaste o incenso do morto e as rosas do vivo...

HOMENS António Marinheiro, matador do pai! homem da própria mãe!!!

1.ª MULHER *(Correndo para o centro: o cabelo caído pelas costas, a gritar, possessa do ódio; apontando para Amália, com o braço estendido.)* Quem? quem viu já um monstro assim?!!

2.º HOMEM *(Idem.)* E há-de viver? há-de andar solta, à luz do Sol, uma chaga destas?!!

HOMENS E MULHERES *(No auge do ódio, avançando para Amália.)* Morra! Morra!! Morra!!!...

AMALIA *(Fúria negra, medonha; subindo, em defesa, para cima da mesa.)* Quero viver!... Hei-de viver!... Hei-de viver!!!!...

ANTÔNIO MARINHEIRO

(Ouve-se, neste momento, o silvo estridente dos carros da polícia: todos os gestos agressivos paralisados; silêncio riscado pelo medo.)

UMA MULHER *(À porta, espiando a rua, a gritar.)* É a polícia!! Fugam! Fugam!!... Vem lá a polícia!!!... *(Depois de breve e silenciosa hesitação, entre o rancor e o medo, a maior parte dos Homens e Mulheres sai precipitadamente: desordem, gritos. Atrás de todos, seguem a 1.ª e 3.ª Mulheres, além do 1.º e 2.º Homens: junto da porta, estas quatro personagens param por momentos e, logo a seguir, voltam-se odientos para Amália.)*

3.ª MULHER Que Deus me beba os olhos, antes que eu te veja viva!: Mata-te!!...

1.º HOMEM Que Deus me cosa ouvidos e boca, que Deus me quebre mãos e braços... antes que eu te oiça, que eu te fale, que eu te sinta viva!: Mata-te!!...

1.º E 2.º HOMENS, Mata-te! Mata-te!! Mata-te!!!... *(Saem os quatro. Lá*
1.º E 3.ª MULHERES *fora, e até ao fim da peça, tumulto de vozes, corridas, silvos, etc.)*

CENA IV

(Em cena, apenas Amália, ainda trémula de medo e de fúria, na posição indicada, e Bernarda, como durante as últimas imprecações, enrodilhada num canto, imóvel e passiva.)

AMALIA *(Durante segundos, contempla Bernarda, cruelmente; depois, num salto frenético, corre para a porta da rua. Implacável.)* Mãe?!... *(Bernarda levanta a cabeça para*

3.º A C T O

Amália, baixando-a logo a seguir: cansaço extremo, como que vazia de alma.) Você está a ouvir, mãe?!... *(Encostada à face interna da porta, a indicar a rua, com o braço estendido:)* Rua!... *(Bernarda olha-a miseravelmente, com um espanto animal.)* Rua!!... *(Num repente, corre para Bernarda, fazendo-a levantar; selvagem, olhos nos olhos:)* Você queria-me morta... morta, mãe, que eu bem o senti!: E eu quero viver!! *(Voz desgrenhada, inumana:)* Hei-de viver! eu hei-de viver!!!... *(Cambaleante, a recuar, cheia de pavor, Bernarda sai. Amália corre a fechar a porta da rua.)*

CENA V

(Durante alguns segundos, ofegante e trémula, como que perseguida, Amália olha ansiosa em todas as direcções; depois, penosamente, dirige-se para o centro e fica-se, de novo fascinada, a contemplar a corda-forca... até que, num esforço violento e seco, consegue desviar os olhos, deixando-se cair sobre a mesa.)

AMÁLIA Quero viver!... quero... quero!!... *(Recrudescem os gritos do povo, lá fora: Amália endireita-se logo, sobresaltada; a seguir, olhando-se com asco, frágil, a chorar:)* Monstro... coisa nojenta, chaga podre!... *(Violência desesperada:)* Monstro, monstro!!... *(A vozearia das gentes é cortada por um grito agudo de mulher: Amália reage logo, encrespando-se, na defensiva; de novo dura, feroz:)* Não tenho culpa... *(a gritar:)* Não tenho culpa!!... *(Brados hostis, pancadas na porta da rua: Amália recua, com medo; depois, logo agressiva, os punhos levantados, como que a responder aos insultos da população:)* Também eu... também eu lhes tenho raiva!... raiva, raiva, raiva!!... *(Uns passos na direcção da porta:)* Hei-de viver!... aqui, sòzinha, na minha casa... só, sòzinha contra todos!: Posso...

ANTÓNIO MARINHEIRO

sei que posso... posso!! *(Outra vez caída sobre a mesa, as unhas cravadas na madeira; sempre dirigindo-se à multidão:)* Hei-de viver! hei-de ser feliz!!... Quero viver!!!... *(Exausta, deixa-se escorregar para o chão; fica de joelhos, a cabeça apoiada na mesa.)* Quero... quero, quero!... *(Ainda uma vez, o som da ronca vem cortar o tumulto exterior, dominando-o: um silvo único, prolongado. Logo inquieta, Amália levanta ansiosamente a cabeça; ternura dorida, frágil:)* António?... António?!... *(lágrimas. Sentada no chão; gesto de carícia maternal:)* Filho... meu filho!... *(Bruscamente caída de novo na confusão dos seus sentimentos, inibida, retira logo as mãos, cruzando-as sobre o peito: silêncio ardente, onda avassalante de paixão; depois, com as mãos diante do rosto, como que a repelir um beijo:)* Não... não, António!... isso, não!!... *(Como quem cede, afastando as mãos, os olhos cerrados, os lábios em oferta:)* Ai, António!... *(Mais vivos os gritos, na rua; Amália, estremecendo, abre as pálpebras e, durante segundos, olha em redor, dum modo estranho... De súbito, toma consciência do real: rolando ferozmente pelo chão, solta vivos de cio e desespero, apaixonados.)* António... António!?!... António!!?...

PANO

FIM DA PEÇA